

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Maria Elisa Swarowsky Lisbôa

A TV UNIVERSITÁRIA COMO POSSIBILIDADE PARA O JORNALISMO
CIENTÍFICO – UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA MULTIPONTO DA
UFRGSTV

Porto Alegre
2010

Maria Elisa Swarowsky Lisbôa

A TV UNIVERSITÁRIA COMO POSSIBILIDADE PARA O JORNALISMO
CIENTÍFICO – UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA MULTIPONTO DA
UFRGSTV

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Professor Orientador: Prof. Flávio Camargo Porcello

Co-orientadora: Débora Lapa Gadret

Porto Alegre
2010

Maria Elisa Swarowsky Lisbôa

A TV UNIVERSITÁRIA COMO POSSIBILIDADE PARA O JORNALISMO
CIENTÍFICO – UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA MULTIPONTO DA
UFRGSTV

Material para consulta na homepage da
Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia
e Comunicação da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, disponível em
www.ufrgs.br/fabico

Conceito Final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ana Gruszynski – UFRGS

Prof. Dr. Maria Helena Weber – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Flávio Camargo Porcello – UFRGS

Co-orientador(a) - Débora Lapa Gadret - UFRGS

Resumo

O objetivo deste trabalho é verificar de que forma uma TV universitária pode ser um espaço para a prática do Jornalismo Científico. Para desenvolvê-lo, analisou-se o conteúdo do Multiponto, um programa produzido pela Unidade Produtora UFRGSTV, instituída em 2005 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Multiponto foi escolhido para esta pesquisa pelo fato de se propor a desdobrar assuntos que extrapolam o mundo científico e estão relacionados com o cotidiano da população. O aporte teórico utilizado relaciona-se às teorias construcionistas do Jornalismo, às especificidades do Jornalismo Científico conforme o autor brasileiro Wilson da Costa Bueno e as narrativas televisivas. A partir do estudo das características, dos objetivos e das funções do Jornalismo Científico, foi possível verificar como as contribuições da ciência podem ser comunicadas através da linguagem e da proposta de um meio de comunicação como a TV universitária. A análise mostrou que o Multiponto apresenta as principais características do Jornalismo Científico (universalidade, atualidade, função pedagógica ou social) e, sendo produzido por uma TV universitária, viabiliza a possibilidade de nesta praticar-se este ramo do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Científico. UFRGS. Televisão. TV Universitária. Multiponto

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 JORNALISMO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA	8
2.1 JORNALISMO CIENTÍFICO	12
2.2 HISTÓRICO DO JORNALISMO CIENTÍFICO	18
3 TELEVISÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA	21
3.1 INFORMAÇÃO NA TV	21
3.1.1 REPORTAGEM NA TV	23
3.2 TV E UNIVERSIDADE	25
4 UNIDADE PRODUTORA UFRGSTV E O PROGRAMA MULTIPONTO	28
4.1 UNIDADE PRODUTORA UFRGSTV	28
4.2 MULTIPONTO	31
4.3 METODOLOGIA	39
4.4 ANÁLISE DOS PROGRAMAS	44
4.5 Multiponto Impactos Ambientais	44
4.6 Multiponto Pré-Sal	47
4.7 Multiponto Darwinismo	49
4.8 Multiponto 1968	52
4.8.1 Multiponto 1968 – Mundo	52
4.8.2 Multiponto 1968 – América	55
5 Análise Geral	57
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66
ANEXO A – DECUPAGEM	69
ANEXO B – EXIBIÇÕES	112
ANEXO C – ENTREVISTA	114
ANEXO D – TABELA	121

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe a investigação de uma possível aproximação entre informação científica e jornalismo, a partir da produção audiovisual da Unidade Produtora UFRGSTV, sediada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A fim de tornar viável a análise realizada neste trabalho, foi escolhido um dos programas produzidos pela UFRGSTV, denominado Multiponto.

Desenvolve-se inicialmente um estudo acerca do que é jornalismo e de como as notícias são construídas, segundo valores de noticiabilidade. É necessário discutir os objetivos e funções do jornalismo científico, bem como relacioná-lo com o ritmo de produção das ciências, já que ambos desempenham papéis próprios junto à sociedade. São apresentadas também as principais semelhanças e diferenças entre notícia e reportagem voltadas para o formato de produção audiovisual, isto é, feitas para exibição na TV. Para esse estudo, cabe ainda situar a UFRGSTV como uma TV Universitária, a partir de conceitos e objetivos deste segmento de produção audiovisual.

O interesse ao jornalismo científico e à TV universitária cresceu ao longo do curso de jornalismo devido à participação como bolsista por quatro semestres na Unidade Produtora UFRGSTV. A rotina de produção possibilitou a aproximação com a ciência e o meio acadêmico. Por causa desse contato e da relação entre a mídia televisiva e a produção científica da UFRGS, se faz notável a relevância do papel do jornalismo que se propõe científico e a democratização do conhecimento em um país como Brasil, onde a TV é um meio de comunicação de massa em potencial.

A ciência deve transcender os muros da Universidade e afirmar sua identidade social. Na era do saber, a interação com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia significa contribuir com um entendimento mais claro da sociedade. O jornalismo científico adquire uma função de mediador entre universos diferentes por meio de prática, linguagem e técnica próprios do fazer jornalístico, uma vez que não abandona seus critérios de noticiabilidade ao tratar de ciência.

Sem compromissos comerciais, a TV universitária pode atuar em função das perspectivas e dos interesses da universidade e não dos do mercado produtor/consumidor de notícias. Isso é determinante ao fazer a discussão acerca da

inserção de uma unidade de produção televisiva dentro de uma universidade, produzindo determinado tipo de material para um público específico.

A Unidade Produtora UFRGSTV foi criada em setembro de 2005 e é parte integrante da Secretaria de Comunicação e Social da UFRGS. É um espaço de produção audiovisual onde trabalham estudantes de jornalismo, publicidade e propaganda e relações públicas.

Com duração de aproximadamente 30 minutos, o Multiponto abrange temáticas como o pré-sal, impactos ambientais, Maio de 68, darwinismo, entre outras. A partir de entrevistas com pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, o objetivo desta produção é analisar e discutir questões, apresentando diversos pontos de vista.

O principal objetivo desta pesquisa é verificar se a TV universitária é uma possibilidade de se fazer jornalismo científico. Propõe-se a identificar a produção da UFRGSTV na UNITV em relação aos pressupostos do jornalismo científico, classificar essa produção em relação a conceitos como jornalismo na TV e informação científica e analisar o modo de fazer jornalismo científico da Unidade Produtora UFRGSTV.

Nesse contexto justifica-se, portanto, o seguinte questionamento: sendo um veículo de comunicação e fazendo uso dos instrumentos e práticas jornalísticas, uma TV universitária é capaz democratizar o conhecimento segundo pressupostos do jornalismo científico?

O trabalho está dividido em três partes. Na primeira, é realizado um levantamento teórico sobre jornalismo, ciência e jornalismo científico. Na segunda parte, apontam-se as características da televisão e da informação científica, bem como a relação entre universidade e TV universitária. Por fim são analisados os programas Multiponto integrantes do corpus da pesquisa à luz da discussão teórica proposta.

2 JORNALISMO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA

O jornalismo ocupa um lugar central na sociedade, pois através de práticas que lhe são próprias, é capaz de conectar diferentes universos e saberes. Como um ato comunicativo que busca a verdade, torna coletivo fatos e experiências individuais, possibilitando o encontro da pessoa com o seu entorno. O jornalismo nesse sentido atua como mediador, administrador de sentidos, possibilitando a compreensão da realidade, o debate e a análise acerca dela e a sua transformação.

Entendido como “a vida em todas as suas dimensões” (TRAQUINA, 2005, p. 19), como a “profissão principal ou suplementar das pessoas que reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias” (KUNCZIK, 1988, p. 16) ou como uma “fascinante batalha pela conquista da mente e do coração de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes” (ROSSI, 1980, p.7), o jornalismo viabiliza ao ser humano o conhecimento da realidade que o cerca. Eduardo Meditsch (1997), ao fazer a discussão sobre o jornalismo enquanto forma de conhecimento, traz à tona as ideias de Robert Park, que situa o jornalismo dentro de uma gradação de tipos de conhecimentos: o “conhecimento de” (usado no dia a dia) e o “conhecimento sobre” (sistemático e analítico). Conforme Meditsch,

O Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. A hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do Jornalismo no processo de cognição social (MEDITSCH, 1997, p. 03).

Ao refletir-se sobre a dimensão do jornalismo como forma de conhecimento, cabe salientar a sua relação com o cotidiano, uma vez que, circulando entre os diversos campos do saber, pode estabelecer um diálogo entre o conhecimento especializado e aprofundado e aquele que emana do senso comum.

Sob a ótica de Alfredo Vizeu (2005), a notícia, como gênero do jornalismo, é a matéria da mediação entre os diversos campos de conhecimento e o público, atuando como um ponto de referência, ordenador do cotidiano.

Do ponto de vista da estrutura, Nilson Lage (2006) define a notícia, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante. O caminho percorrido pela notícia, segundo ele, inicia na fonte (um codificador inteligente) e direciona-se ao receptor (plural, indefinido e atuante) através de um canal; ambos imersos no meio social. A notícia se transforma, portanto, num registro da realidade a partir da qual é produzida e veiculada.

Partindo dos princípios da teoria construcionista, pela qual compreendemos as notícias como construtoras da própria realidade, compartilha-se o registro de Nelson Traquina (2005). O autor afirma que aspectos organizativos do trabalho jornalístico e limitações orçamentais são alguns fatores que intervêm na maneira de como o jornalismo estrutura sua representação dos acontecimentos.

Segundo Traquina, as teorias estruturalista e interacionista, ancoradas no paradigma das notícias como construção, ressaltam a posição dos jornalistas como participantes ativos na construção da realidade. Nesse sentido, os fatos noticiados são resultado da complexa interação entre esses profissionais, suas rotinas e procedimentos, e os membros da comunidade. Traquina defende que

as coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo do "aleatório" - devem ser trazidos ao campo do significativo. Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os mapas de significado, que já constituem a base do nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social já está "traçado". A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos destes quadros de referência de fundo constitui o processo fundamental através do qual os media tornam o mundo a que fazem referência inteligível a leitores e espectadores. (TRAQUINA, 2005 p. 171)

Nilson Lage (2004) salienta o papel essencial da informação à vida das pessoas e defende que ela não é um simples fator de acréscimo cultural ou recreativo. O planejamento de qualquer atividade prática pressupõe o uso de informações que estão nos veículos de comunicação, ou podem ser inferidas a partir do que eles noticiam. O autor faz uma diferenciação entre notícia e informação jornalística, a qual é relevante para este trabalho, uma vez que o corpus da pesquisa está mais próximo do gênero reportagem do que de notícia.

Calvo Hernando (1982) argumenta que

“em alguns tratados de jornalismo e em certas reflexões filosóficas sobre a profissão jornalística e sobre a ciência informativa em geral, adverte-se a contraposição - ou, ao menos, a distinção - entre informação e formação. Assim, dizem que a informação implica um mero registro, um estar inteirado de algo que sucede no mundo, enquanto que a formação requer uma postura intelectual” (HERNANDO, 1982, p. 79).

Seguindo esse raciocínio, deve-se levar em consideração que, gêneros do jornalismo como notícia e reportagem podem contribuir para a inserção do homem no contexto que o cerca, aproximando-o dos acontecimentos que ocorrem em todas as partes.

Para Lage, a reportagem está incluída na categoria informação jornalística, pois ela não se preocupa com a cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas da abordagem de um assunto conforme ângulo preestabelecido, podendo dar conta de uma situação momentânea em determinado campo do conhecimento. Além disso, não contém, necessariamente, elementos de ineditismo, intensidade, atualidade, típicos da notícia. Ambas, apresentam em geral, graus diferentes de profundidade no trato do assunto; a notícia é mais breve, sumária, pouco durável, presa à emergência do evento que a gerou. A informação é mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações entre os universos de dados (LAGE, 2001).

A reportagem, conforme Lage, pode abordar um assunto a partir de fatos geradores de interesse social, apresentando ou não um gancho com a realidade e que são passíveis de debate e análise, por exemplo. Ela é trabalhada sob determinado olhar editorial, que pressupõe um trabalho de investigação, exploração e interpretação. Nesse sentido, a elaboração da reportagem deve nortear-se segundo critérios de noticiabilidade, ou seja, elementos que justifiquem a sua veiculação.

O que torna um fato - ou um conjunto deles - notícia (no caso deste trabalho, reportagem) depende de critérios de relevância espalhados ao longo do processo de produção, chamados valores notícia. São eles que organizam o caos circundante, dando sentido aos elementos pertencentes a um mundo em constante conflito. A partir da produção de notícias por agentes imersos num sistema cultural, que possuem significados culturais armazenados e padrões de discursos (SCHUDSON,

1995, p.14 *apud* TRAQUINA, 2005, p. 170), a rotinização do trabalho jornalístico é possível e, graças a esse processo, o telespectador ou o leitor podem abarcar e interpretar a realidade.

Os valores notícia colaboram para definir quais os fatos são interessantes e valem a pena ser transformados em notícia. Eles não são estáticos, isto é, variam conforme padrões culturais, sociais e tecnológicos. Vizeu (2005) agrupa os valores notícia em várias categorias, que dizem respeito ao público, aos meios de informação, à concorrência e ao produto. A construção da reportagem, assim como a notícia, depende desses critérios organizativos da realidade: sem os valores notícia, o material jornalístico perderia sua função de intermediador social, pois estaria descontextualizado do meio com o qual opera. Por exemplo: a atualidade é um valor notícia relativo ao produto e, ao elaborar uma reportagem, o jornalista pode tomá-la como critério para publicar o material ou não. Há temas ou fatos que terão relação direta com determinados momentos e isso é fundamental para a produção noticiosa.

2.1 JORNALISMO CIENTÍFICO

Como forma de conhecimento, o jornalismo pode se revelar tratando de diversos tipos de saberes. Levando em consideração os critérios de noticiabilidade, segundo Marques de Melo (2006), a produção jornalística contemporânea tenta dar conta da complexidade do mundo a partir do processo de atomização, pelo qual o real não é percebido em sua totalidade, mas em fragmentos: política, economia, esporte, ciência, etc. Wilson da Costa Bueno (1988) afirma que a expressão jornalismo científico tem sido utilizada no Brasil para definir a veiculação de informações científicas e tecnológica pelos meios de comunicação de massa.

Os conceitos e funções do jornalismo científico a serem tratados neste trabalho seguem o caminho teórico já percorrido por autores como o venezuelano Calvo Hernando (1970) e os brasileiros Wilson da Costa Bueno (1988) e Inês Migliaccio (1989).

Antes de propor uma leitura teórica acerca das características do jornalismo científico em si, cabe salientar brevemente o entendimento de ciência e o seu papel na sociedade. Mariano Artigas (1999) sugere que atualmente se vive em uma civilização científica, uma vez que a grande maioria dos aspectos do cotidiano estão marcados pelo progresso científico, o qual modifica as condições da vida humana e influi no modo de pensar e de avaliar as coisas.

O autor se apoia na afirmação de Aristóteles de que “todos os homens desejam por natureza saber” e defende que o ser humano busca constantemente ampliar esse saber. “A história da humanidade é testemunha desse afã sempre renovado de saber, que se move pelo desejo da verdade e pelas repercussões que o conhecimento tem para resolver os problemas práticos” (ARTIGAS, 1999, p. 13). Mas o conhecimento humano não se limita somente aos aspectos sensíveis: é capaz de ir além e combinar a informação dos sentidos com a razão, apropriar-se da realidade e explicá-la. Nesse sentido, ciência significa “conhecimento demonstrado” e se trata de um tipo de conhecimento que transcende a experiência ordinária, utilizando razões, provas, demonstrações, que permite a formulação de conclusões. Segundo ele o qualitativo “científico” sugere que um conhecimento é objetivo, verdadeiro, rigoroso, bem comprovado.

Apoiada nas formulações de Mario Bunge (1987), afirma-se que a investigação científica é uma atividade produtora de novas ideias. Os saberes que podem ganhar caráter científico agrupam-se, segundo o autor, em ciências formais (lógica e matemática) e ciências fáticas ou materiais (que necessitam da observação e do experimento), de acordo com o método e o objeto investigado.

Orientando-se sob métodos específicos e relacionando-se com fatos da realidade ou transcendendo-os, a ciência é analítica, explicativa, comunicável, útil e aberta e adquire um caráter universal, podendo tratar de qualquer área que desperte no homem a sede por satisfazer sua curiosidade intelectual e transformar a realidade. Portanto, a ciência apresenta um caráter social, justamente por organizar e validar saberes de diversos tipos.

Da mesma forma, o jornalismo científico deve abrigar os diferentes campos do conhecimento científico, tratando de preocupar-se com as possíveis implicações desses saberes no cotidiano das pessoas, sem excluir determinadas técnicas ou teorias. Bueno aponta que

o conceito de jornalismo científico deve incorporar as ciências humanas e as técnicas e processos mais simples, eliminando um preconceito que já contamina toda a área: só se consideram como objeto do jornalismo científico as teorias complexas e as aplicações tecnológicas avançadas, com desprezo às técnicas e conhecimentos básicos da ciência e da tecnologia. O conceito de jornalismo científico que postulamos não exclui áreas ou níveis de informação e, portanto, abriga amplo material divulgado pelos meios de comunicação de massa (BUENO, 1988, p. 26).

A relação com a universalidade científica não limita o processo de tratamento das pautas do jornalismo científico. Os critérios de noticiabilidade do jornalismo continuam valendo e cabe à equipe de produção avaliar, entre inúmeras possibilidades disponibilizadas pela ciência, o que deve ser tratado como conteúdo jornalístico. José Reis (1967, p. 698 *apud* Bueno, 1988, p. 27) aponta que “é impossível dissociar da informação científica a preocupação com suas possíveis implicações de toda a ordem, o que sem dúvida justifica o empenho do divulgador em ventilar questões que digam respeito à comunidade servida pelo jornal ou veículo mediante o qual ele dissemina o seu conhecimento”.

Bueno equipara jornalismo científico à divulgação científica e os relaciona com a difusão científica. A difusão pressupõe a utilização de qualquer processo com

a finalidade de veicular informações científicas ou tecnológicas, podendo mirar o público em geral ou direcionar-se para especialistas. Se o destino da informação for o público, então fala-se em divulgação científica. No caso das publicações de cunho especializado, a difusão confunde-se com a disseminação da ciência e da tecnologia e não se destina, necessariamente, à população.

O objetivo da divulgação científica é a transposição de uma linguagem especializada para uma não especializada, tornando o conteúdo acessível a uma vasta audiência, através do uso de determinados recursos. Jornalismo científico e divulgação científica assemelham-se justamente na questão da preocupação com o entendimento por parte do público das temáticas que envolvem ciência e tecnologia, concebidas muitas vezes num embrulho que as coloca distantes da compreensão da maioria da população. Pode-se entender como objetivo da divulgação científica o defamiliarizar o leitor com o espírito da ciência, além de colocá-lo a par das suas descobertas e das suas avaliações acerca do mundo. Jornalista e divulgador científico, desempenham papéis semelhantes na sociedade: ambos trabalham no sentido de fomentar o conhecimento sobre a ciência e o entendimento das suas implicações junto à população. Nesse sentido, Bueno afirma que

Os objetivos do jornalista científico e do divulgador científico não são muito diferentes: em termos gerais, ambos se preocupam em transferir aos não iniciados, informações especializadas de natureza científica e tecnológica. Na prática, o que distingue as duas atividades não é o objetivo do comunicador ou mesmo o tipo de veículo utilizado, mas sobretudo, as características particulares do código utilizado e do profissional que o manipula (BUENO, 1988, p.24).

O autor aponta que a expressão jornalismo científico tem sido utilizada no Brasil para definir a veiculação de informações científicas e tecnológica pelos meios de comunicação de massa. Vale salientar que o jornalismo científico apresenta as características próprias do jornalismo, definindo-se também pela *atualidade*, uma vez que ao veicular conteúdos relacionados à ciência, não deixa de se ocupar de fatos ou pessoas relacionados com o momento presente; pela *universalidade*, pois pode abarcar diversas áreas do conhecimento científico, tratando de analisar e investigar os saberes com os quais trabalha a ciência; pela *periodicidade*, que,

mesmo sem abandonar o ritmo dos veículos jornalísticos, o coloca em conformidade com os passos do desenvolvimento científico; e pela *difusão*, que permite o acesso à informação científica pela coletividade.

No que se refere à atualidade e à periodicidade do jornalismo científico, é importante entender que essas duas categorias podem apresentar peculiaridades não equivalentes ao jornalismo praticado nos grandes veículos de comunicação de massa. Embora haja tanto na ciência quanto no jornalismo empenho pelo encontro com a novidade, o ritmo da produção de conhecimento de ambos nem sempre é semelhante. Bueno compara o trabalho de jornalistas e cientistas e defende que

[...] ao se examinar a relação entre imprensa e ciência, deve-se ter em mente que, ao contrário do que se postula, estas atividades não são antagônicas. É verdade que seus processos de produção exibem divergências fundamentais, notadamente quanto à natureza e ao tempo de maturação das informações deles resultantes. O conhecimento e, portanto, a informação científica, tem um caráter de permanência, isto é, são gerados de modo a resistirem ao tempo. O cientista, quando estabelece suas conclusões, não pensa em vê-las superadas amanhã; pelo contrário, admite que elas possam vencer o tempo e tem a pretensão de que continuem válidas ao longo dos anos. A informação jornalística se caracteriza pela instantaneidade, está fadada a se desgastar em curto espaço de tempo. Como afirmam estudiosos e profissionais da imprensa, o jornal e a notícia morrem no dia seguinte. Estas divergências não conseguem no entanto eliminar as suas inúmeras similaridades em nível estrutural (BUENO, 1988, p. 53).

Não se pode descolar a atualidade e a periodicidade do jornalismo científico pelo fato de suas práticas não seguirem necessariamente o timing da produção jornalística diária, que trabalha muitas vezes com um produto efêmero.

Acredita-se que se deve antes partir de uma compreensão do jornalismo científico que abarque essas duas categorias numa dimensão que lhe é própria. Seguindo essa linha de raciocínio, a análise feita nessa pesquisa levará em conta a atualidade e a periodicidade típicas do jornalismo que dá conta, em primeiro plano, dos processos necessários para a investigação e apuração dos saberes científicos. Em se tratando de produção televisiva, esse entendimento se faz especialmente relevante, pois o conteúdo gerido numa TV universitária, antes de igualar-se ao telejornalismo comercial, deve comprometer-se com o estudo, com o

aprofundamento, com a comparação; em suma, com a formação do pensamento crítico, encargo que pode lhe demandar sobretudo tempo e esforço. Conforme Flávio Porcello, a TV universitária deve respeitar a velocidade com que a universidade constrói o conhecimento. “A grande vantagem de uma TV Universitária em relação às outras emissoras é que ela pode dedicar um espaço maior e mais nobre às discussões e debates que sequer figuram nas TVs comerciais” (PORCELLO, 2002, p. 82).

A função informativa está implícita na conceituação de jornalismo e o jornalismo científico cumpre essa função quando permite ao cidadão o acesso às novas descobertas da ciência e às suas implicações políticas, econômicas e sociais. Ao responder pelo processo de humanização da ciência, integrando-lhe aos anseios na sociedade e possibilitando uma visão crítica da difusão da ciência, o jornalismo científico pode também desempenhar uma função sócio-cultural. Calvo Hernando (1982) defende que tanto a notícia quanto a reportagem são um importante instrumento para a divulgação científica, de modo que ambas podem

fazer participar o leitor na grande aventura do conhecimento humano. Para consegui-lo, o jornalista está obrigado a manipular o mais nobre da ciência, utilizando como ferramenta o mais nobre do jornalismo. A difusão da ciência encontra na reportagem um auxiliar de primeira magnitude. Assim diríamos que é o gênero ideal para realizar essa tarefa. A reportagem une as vantagens da notícia, da informação, a possibilidade do jornalista, sua cultura, sua sensibilidade, sua capacidade de atração, seu sentido narrativo, seu conhecimento dos gostos e preferências do público (HERNANDO, 1982, p. 30).

A função educativa ou pedagógica está associada à divulgação científica desde sua gênese. Um exemplo disso são as obras de Voltaire (1694 – 1778), cujo legado, para Martha Franca (2005), é claramente de divulgação científica. A fundamentação da Enciclopédia Francesa possui um caráter didático, pois pretende estender a um vasto público alguns conhecimentos científicos que eram de domínio de uma seleta parcela da população. Segundo a autora,

a divulgação científica foi assim associada desde os seus primórdios à educação, à proposta de despertar na população a consciência da importância da pesquisa científica e tecnológica, dando ênfase a

determinados trabalhos. A ideia é, portanto, impedir a formação de um abismo de incompreensão entre os cientistas e a sociedade para que, tanto quanto possível, todos – sem exceção – falem a mesma língua (FRANCA, 2005, p. 32)

O jornalista científico pode também desempenhar uma função pedagógica, pois usando de artifícios próprios da linguagem jornalística, traduz conhecimento científico em informação jornalística, isto é, esclarece para um vasto universo de consumidores da informação saberes que, por outros meios, talvez lhe seriam distantes ou inacessíveis.

Lage lembra que

A informação torna-se portanto, matéria prima fundamental e o jornalista um tradutor de discursos, já que cada especialidade tem jargão próprio e desenvolve seu próprio esquema de pensamento. Traduzir já não é pouco: basta confrontar o efeito emocional de expressões como “hidrolato simples” e “perda de poder aquisitivo” por um lado, e “água” e “empobrecimento” . Mas o processo não pode ser reduzido à simples troca de léxicos. O processamento mental da informação pelo repórter inclui a percepção do que é dito ou do que acontece, a sua inserção em um contexto e a produção da nova mensagem, que será levado ao público a partir de uma estimativa sobre o tipo de informação de que esse público precisa ou qualquer saber. Em suma, além de traduzir, deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade (LAGE, 2001, p. 22).

O jornalismo possui em si mesmo a função pedagógica, pois pode apresentar o mundo de forma ordenada ao leitor ou ao telespectador. Segundo Vizeu (2008), ao jornalista cabe a tarefa de orientar, responder as questões e informar através da notícia, que faz uma mediação entre os diversos campos de conhecimento e o público. No caso do Jornalismo Científico, essa função ganha especial relevo, uma vez que ele se ocupa de transmitir conhecimentos especializados a um público não especializado, através de uma linguagem simples e clara. Nessa visão, entende-se que o Jornalismo Científico pode acrescentar à informação a capacidade de formação, tornando-a capaz de, não somente inteirar o cidadão dos acontecimentos ligados à ciência, mas também formar sua consciência e enriquecer o entendimento de si mesmo e do mundo.

Vale observar que o Jornalismo Científico contribui, segundo Migliaccio (1989) para, além de informar sobre ciência, familiarizar o público com a atitude e o espírito

científico, desmistificando, quando necessário, a imagem do cientista e transmitindo uma imagem clara do seu papel junto à sociedade. Além disso, um dos objetivos do Jornalismo Científico também é o de esclarecer a população que as atividades científicas e tecnológicas devem voltar-se ao desenvolvimento do país e não devem beneficiar determinadas minorias. Para entender como o jornalismo passou a se preocupar em divulgar a ciência e como evolui esse processo, cabe retomar alguns pontos sobre a história do Jornalismo Científico

2.1.1 HISTÓRICO DO JORNALISMO CIENTÍFICO

Nesta seção apresentam-se alguns nomes e datas relativos à origem e ao desenvolvimento do Jornalismo Científico no mundo e no Brasil. O que se pretende é contextualizar esta prática comunicativa, relacionando-a brevemente com a evolução social, política e cultural da sociedade.

Segundo José Reis (1982) o Jornalismo Científico não se desenvolveu separadamente do Jornalismo em geral. Entretanto, o autor centraliza na França de 1686 um suposto foco de origem dos primeiros periódicos científicos denominado *Entretiens sur la pluralité des mondes* de Bernier le Bovier de Fontenele. Neste caso, o conteúdo veiculado destinava-se a uma minoria aristocrata da época.

A partir do advento da Revolução Industrial, o progresso tecnológico se fez presente no dia a dia da população de uma forma mais expressiva. Nesse contexto, Migliaccio afirma que “o progresso industrial revelou a algumas pessoas esclarecidas a necessidade de propiciar aos mecânicos e outros artífices, o conhecimento básico da ciência, com o intento de lhes aumentar a produtividade” (MIGLIACCIO, 1989, p. 12). Surgiram na Europa associações como a Royal Society de Londres e as Academias de Ciências de Paris, Berlim e São Petersburgo, o que desencadeou a criação dos primeiros jornais científicos. Mesmo assim, a informação científica continuava restrita a uma baixa parcela da população.

O avanço da escolarização trouxe também o aumento das possibilidades da divulgação científica junto à imprensa. O espaço destinado à ciência nos jornais começou a expandir-se, relacionados a acontecimentos carentes de maiores explicações e ligados ao fator “novidade” que muitas vezes é atribuído às pesquisas e descobertas científicas.

Conforme Hernando (1982), a origem do Jornalismo Científico mais próximo do que conhecemos hoje se dá próximo a 1920 quando Waldemar Kaempffert, cronista do New York Times, organizou em Chicago uma exposição sobre o progresso científico.

No Brasil, não há um marco significativo que represente o surgimento do Jornalismo Científico. O jornal Correio Brasiliense, fundado por Hipólito da Costa e impresso em Londres tratava primordialmente de “aspectos políticos e sociais e, em segundo plano, de ciência, como consequência dos demais temas” (MIGLIACCIO, 1989, p. 16). Revistas como “As Variedades” ou “ensaio de Literatura”, publicadas na Bahia no início do século XIX divulgaram artigos de natureza científico-literária. Há exemplos cariocas dessa época como os “Anais Fluminenses de Ciências, Artes e Literatura”, “Jornal Científico, Econômico e Literário”. Entretanto, Migliaccio defende que

estas publicações esporádicas são significativas para o desenvolvimento do Jornalismo Científico no Brasil enquanto demonstram que a prática desta atividade desenvolveu-se, de certa forma, junto às demais categorias de Jornalismo. Mas não representam nenhum marco em sua origem, pois apenas no final do século XIX tomou forma, através do trabalho desempenhado pelo humanista João Ribeiro (MIGLIACCIO, 1989, p. 17.)

Além de João Ribeiro, destaca-se no contexto brasileiro da década de 40, José Reis, autor da ideia de unir cientistas nacionais em uma entidade representativa e um dos fundadores da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Nessa época, o jornal “Folha de São Paulo” expressou maior interesse pela popularização da ciência. Espaços mais significativos destinados a temas científicos começam a ser reservados pelo jornal “O Estado de São Paulo” na década de 30, durante o período de criação da Universidade de São Paulo.

A partir daí, a divulgação científica vai se incorporando na prática da imprensa brasileira através de uma série de iniciativas verificadas em publicações de jornais e revistas, no rádio, na televisão e na internet.

Não cabe, entretanto, realizar um levantamento dos caminhos mais recentes do Jornalismo Científico brasileiro, pois a análise proposta neste trabalho pretende-se voltar às possibilidades do Jornalismo Científico especificamente em uma TV Universitária e a abertura a um panorama mais geral não corresponde às atuais expectativas.

Nesse sentido, entende-se que o jornalismo pode viabilizar o contato do ser humano com os processos científicos, através de práticas próprias dos veículos de comunicação. A seguir, analisa-se as características da informação na televisão e a sua relação com a universidade e o meio acadêmico.

3 TELEVISÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA

3.1 INFORMAÇÃO NA TV

Veículo de comunicação de massa, a televisão possui uma linguagem própria no processo de produção e veiculação de notícias. Flávio Porcello (2002) faz uma releitura dos estudos já realizados sobre a televisão e traz a tona a visão do sociólogo Bourdieu, para quem “insensivelmente, a televisão que se pretende um instrumento de registro, torna-se um instrumento de criação da realidade” (BOURDIEU, 1997 *apud* PORCELLO, 2002, p. 29). Também o historiador Eric Hobsbawn (1995) destaca a popularização da televisão como a responsável por domesticar a imagem em movimento.

A informação na TV é uma combinação de imagem e texto, disponibilizada a um público que entra em contato com essa informação sem o apoio da leitura. Não há como fazer televisão sem a preocupação com o tratamento das imagens veiculadas. Isso vale para as fases de produção, captação e edição. São elas que apoiam ou esclarecem a informação. Olga Curado (2002) diz que em situações contextualizadas, chegam a dispensar qualquer texto.

Conforme Lage (2004), a empatia desencadeada pela TV depende do predomínio dos elementos visuais, herdados dos princípios cinematográficos, os quais determinam as maneiras de dispor as imagens, a fim de contar a história do começo ao fim. O telespectador, diferentemente do leitor, não possui, a princípio, a chance de retomar o conteúdo acessado, o que confere à televisão a exigência da instantaneidade na sua compreensão. Nesse sentido, conforme Curado (2002), a comunicação em TV deve ser realizada de forma clara e precisa. Lage sugere que na televisão

a imaginação do espectador é menos solicitada; no rádio, ele pode adivinhar rostos, paisagens, situações que a televisão mostra. O veículo é transparente, porque revela muita coisa em gestos e atitudes, e mobiliza por inteiro a atenção de quem assiste ao noticiário. A herança cinematográfica determina que as sequências de imagens estejam dispostas de maneira a contar a história do começo para o fim. O domínio é da informação visual, mas do ponto de vista da estrutura são documentações atraentes e privilegiadas. [...] A notícia em televisão é algo em processo. Nela se articulam estruturas dificilmente compatíveis, como a exposição por ordem

decrecente de importância, a narração em sequências temporais e a interpretação conceitual que fecha o discurso, suprimindo a estimulante ambiguidade da imagem. (LAGE, 2001, p. 42)

O jornalismo feito em TV deve obedecer a critérios de clareza, que possibilitem a veiculação da informação sem despertar dúvidas quanto ao seu significado ou confundir quem a escuta. A precisão está relacionada com a origem da informação, o que, segundo Curado, ajuda a estabelecer a hierarquia dos dados e a sua confiabilidade. O trabalho do jornalista é, nesse sentido, o de revelar os fatos em toda a extensão conhecida por ele, dando voz a especialistas que exponham o assunto ou apresentem diferentes visões entre si. “Cabe ao jornalista confrontar todos os lados de uma questão para esclarecer os pontos obscuros e não para favorecer uma das partes. É possível que um tema não se esgote em uma única reportagem” (CURADO, 2002, p. 22).

Não podemos esquecer que a televisão se trata de um veículo que liderou a expansão da comunicação no mundo inteiro. A informação veiculada na TV pode ter um amplo impacto social, no sentido de contribuir para a formação dos espectadores, especialmente sobre os processos de aprendizagem produzidos pela televisão. Vizeu lembra que ela funciona como um laço estruturante entre o indivíduo e o coletivo: “é nessa ausência de um espaço sociocultural entre a experiência do indivíduo e do coletivo que se situa o interesse pela televisão” (VIZEU, 2008, p. 25).

Num sentido mais amplo, o autor afirma que o processo de produção de conhecimento no jornalismo se dá através de cinco operações/construções jornalísticas, pelas quais o jornalismo trabalha a construção do real. A primeira delas é o sentido de atualidade do noticiário televisivo que adquire validade se vinculado a acontecimentos referentes ao período de tempo da veiculação; a objetividade se verifica pela separação entre comentários e notícias; a interpelação se expressa na forma pelas quais a gramática da produção procura construir um vínculo ativo com a recepção; pela leitura, o autor defende que o texto de um telejornal é como um espaço

imaginário onde são propostos múltiplos espaços de participação à audiência; por último, o papel dos jornalistas como operadores didáticos que têm uma preocupação didática com relação à audiência. O último ponto será tratado mais adiante neste trabalho.

É por isso que texto, imagem e som bem dispostos na estrutura de uma reportagem televisiva devem canalizar a informação do emissor ao receptor da melhor forma possível.

3.1.1 A REPORTAGEM NA TV

Entendidas as diferenças entre notícia e reportagem e as especificidades da informação na TV, cabe acentuar que a estrutura da reportagem televisiva, assim como a impressa, deve seguir uma linha narrativa que possibilite a máxima compreensão das informações veiculadas. Dessa forma, a reportagem em TV também pode abordar um assunto sob um ângulo pré-estabelecido e de forma aprofundada, propriedades que escapam à notícia em TV. Curado (2002) define reportagem audiovisual como “uma maneira de contar uma história que pede vários recursos técnicos” sem abandonar a clareza, a objetividade e a precisão.

As reportagens mais longas podem ser divididas em várias partes e, conforme a autora, são construídas segundo um tripé: tensão, plasticidade e atualidade, elementos responsáveis por, muitas vezes, cativar ou atrair a audiência. A tensão narrativa pode atuar de maneira que o telespectador fique atento ao que está sendo dito ou mostrado; a plasticidade tem a ver com a qualidade das imagens captadas e o tratamento que elas recebem e, por fim, a atualidade envolve a audiência pelo “fator novidade” evidenciado por ela. Cabe salientar que a autora traz à tona o conceito de reportagem construída na rotina dos telejornais diários, isto é, são produzidas e consumidas em um curto espaço de tempo, mas que servem para o entendimento das características de um produto audiovisual, mesmo concebido em outro contexto. O padrão desse tipo de material, segundo ela, apresenta o texto do locutor que chama a reportagem, o texto em *off* narrado pelo repórter, pela sonora ou fala do entrevistado, a passagem do repórter (que é sua participação no vídeo) e um texto em *off* para finalizar. Nesse sentido, a equipe produtora, os repórteres envolvidos e os entrevistados trabalham de forma integrada numa sincronia que gerencia a informação da fonte até o público.

Delimitado o assunto focado na reportagem, feito o levantamento de dados acerca do tema e dos entrevistados, uma importante fase na elaboração da

reportagem é a entrevista. Curado a define como a maior fonte de informação jornalística e o “mecanismo por meio do qual se obtém respostas a perguntas feitas a alguém em benefício de um público”.

O texto escrito para TV deve, sobretudo, contribuir para a clareza do conjunto da mensagem veiculada. Curado defende que palavras de compreensão difícil, palavras vazias (que precisam de sustentação), léxicos solenes e expressões pomposas devem ser evitados. Utilizando poucas palavras, o desafio é, portanto, reunir o máximo possível de dados e condensar a essência da história para oferecê-la ao público.

É importante frisar que em TV o texto é apenas um dos elementos presentes no conjunto da mensagem: a voz do repórter, as cores, a qualidade das imagens captadas e editadas, a luz, o uso de recursos artísticos (gráficos, mapas, animações), o cuidado com a montagem do material desempenham um importante papel ao transmitir a informação. São atributos que, conforme sua disposição pelo jornalista, também contribuem para conferir ao jornalismo o grau de conhecimento. Nesse sentido, Curado afirma que

[...] para que o jornalismo de TV não se reduza ao exercício fácil de registro da imagem, é necessário que apresente as ligações do momento com os fatores que o desencadearam e que lhe darão perspectiva, diminuindo-lhe ou ampliando-lhe a importância. Quando se negligencia essa regrinha básica, a reportagem se torna entretenimento. A facilidade com que se juntam imagens que encadeiam momentos visualmente dramáticos corrompe a missão jornalística de informar, em oposição à de simplesmente distrair a audiência (CURADO, 2002, p. 170).

Para este trabalho é importante levar em consideração a estrutura da reportagem feita para a TV, uma vez que serão analisadas as características do jornalismo científico à luz das particularidades deste gênero jornalístico, a fim de verificar se a informação científica pode ser arranjada no formato audiovisual, no contexto de uma TV universitária.

3.2 TV E UNIVERSIDADE

Feita a reflexão acerca do papel que a televisão adquire junto à sociedade, atentando para o formato característico da informação veiculada na TV, cabe estabelecer o paralelo entre este meio de comunicação de massa e a universidade, para então observar o contexto de produção de uma TV universitária e os seus desafios.

A universidade é um espaço privilegiado de produção do conhecimento. Flávio Porcello afirma que “a universidade pode ser definida como um centro de reflexão, estudo, debates, pesquisa e análise da realidade, com espírito crítico, criativo e responsável na formação completa do indivíduo. Seus compromissos básicos estão no ensino, na pesquisa e na extensão” (PORCELLO, 2002, p 14). É dentro de uma instituição educacional como a universidade que o homem busca respostas sobre o mundo, sobre a natureza, sobre Deus e sobre si mesmo. Os saberes produzidos dentro da universidade devem transcender suas estruturas e direcionarem-se para a sociedade, a fim de disponibilizar a ela o conhecimento gerado através das suas práticas.

A Lei Federal que instituiu a TV Universitária no Brasil é de 06/01/95 e desde então, multiplica-se a criação dos canais universitários nos municípios onde há universidade. Essa lei destina às universidades e Instituições de Ensino Superior um canal exclusivo no sistema de televisão por assinatura. Esta lei

determina que as operadoras de TV a Cabo por assinatura disponibilizem gratuitamente um canal em cada município para as entidades sediadas naquele município. As despesas de implantação e operação do canal são de responsabilidade das entidades que o desejarem utilizar. A Lei estabelece ainda como objetivos dos serviços de TV a Cabo a promoção da cultura nacional e universal, a diversidade de fontes de informação, lazer e entretenimento, pluralidade política e o desenvolvimento social e econômico do país (PORCELLO, 2002, p. 50)

Em Porto Alegre, desde abril de 1998, funciona a TV Universidade – UNITV – transmitida pelo canal 15 da NET Sul. Hoje são vinculadas à UNITV as seguintes universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal das Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter).

A integração entre TV e universidade pode ser pensada mesmo que o processo de produção de conhecimento de ambas siga ritmos diferentes. Marília de Franco (2002) avalia como promissor o fato de que, apesar da dúvida e da descrença, a linguagem da TV universitária vem buscando abandonar o estilo “sala de aula”, para incorporar o formato audiovisual e de linguagem próprios da televisão, a fim de divulgar o conhecimento. Porcello (2002) defende que televisão e universidade possuem papéis diferentes, juntas, todavia, podem atuar na formação do homem, que vive num mundo em constante transformação.

Sob essa ótica, a televisão, inserida dentro de uma universidade, poderia servir de elo que divulga à comunidade o que é feito no ambiente científico. Pelo fato de não possuir compromissos comerciais, ela pode atuar em função das perspectivas e dos interesses da universidade e não dos do mercado produtor/consumidor de notícias.

O conteúdo veiculado na TV pode atingir audiências consideráveis e, através de uma linguagem clara e objetiva, levar o conhecimento a um amplo número de pessoas. A universidade oferece a sua parte, que são a ciência e as fontes capacitadas para analisar temas de diversas áreas do saber. O fazer jornalístico na TV Universitária pode voltar suas práticas a fim de fomentar o aspecto crítico e reflexivo - característico da universidade - em grande parcela da população.

A televisão, por si só, possui um comprometimento com o incremento educacional e cultural da sociedade. Porcello (2002) lembra que a Constituição Brasileira promulgada em 1988, em seu artigo 221, diz que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

- I. preferência e finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II. promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;
- III. regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- IV. respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família;

Integrar televisão e universidade não significa a transposição da sala de aula para dentro da televisão, mas a apropriação das práticas jornalísticas envolvidas no processo de produção de conteúdo televisivo para melhor divulgar informações geradas pela universo científico. Isso serve para aproximar universidade e sociedade, de modo que uma possa contribuir para o desenvolvimento da outra.

Segundo Porcello

os programas educativos e culturais, produzidos pelas instituições de ensino superior, trazem um alto padrão de qualidade à informação, atraindo outros segmentos de público que venham a se tornar receptores mais críticos em relação aos meios de comunicação. Nesse sentido, entendendo a universidade como sendo um espaço onde articula-se produção e comunicação de conhecimento sistematizado, a partir do ir e vir permanente à realidade, é seu compromisso tornar público, através de um canal de comunicação, ações de ensino, pesquisa e extensão que realiza, cumprindo assim, seu papel de prestar contas à sociedade que a mantém (PORCELLO, 2002, p. 75).

Afirma-se portanto que a TV universitária pode ser um espaço privilegiado de produção de conhecimento, justamente por integrar universos distintos e complementares, não estando atrelada aos compromissos comerciais, mas antes inserida em um contexto onde se fomenta a reflexão e a produção científica. O conteúdo gerido nessas circunstâncias pode ser formador, não só do público ao qual ele se destina, mas também das pessoas envolvidas nos processos produtivos. A apuração do material, o estudo acerca das pautas, a elaboração das entrevistas e a própria veiculação pressupõem um envolvimento de quem é responsável por administrar o caminho da informação da fonte ao receptor. Essas práticas realizadas dentro do contexto universitário contribuem para um contato contínuo com os pesquisadores e cientistas, qualificando a elaboração da informação.

4 UNIDADE PRODUTORA UFRGSTV E O PROGRAMA MULTIPONTO

O objetivo da análise desenvolvida a partir deste capítulo envolve o corpus utilizado na pesquisa, isto é, o programa Multiponto produzido pela UFRGSTV. Entendidas as características do jornalismo, da universidade e da televisão, propõe-se relacioná-las com o objeto de estudo, sugerindo um cruzamento entre os apontamentos teóricos e as especificidades do caso da UFRGSTV.

4.1 UNIDADE PRODUTORA UFRGSTV

A Unidade Produtora UFRGSTV foi criada em 26 de setembro de 2005 e é parte integrante da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS. Sediada no térreo do prédio da Rádio da Universidade, é um espaço de produção audiovisual onde trabalham estudantes de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Partindo do entendimento de que a Universidade é referência para os meios de comunicação como fonte, o objetivo da UFRGSTV é divulgar o que é produzido no cotidiano da Universidade, nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Trabalham na UFRGSTV cerca de 20 pessoas, das quais a maior parte é composta por estudantes. A proposta e trabalho é o incentivo através de uma remuneração de bolsa auxílio, entretanto há alunos que inicialmente trabalham de forma voluntária. O número varia conforme o semestre letivo. A estrutura física da UFRGSTV não comporta um estúdio de televisão, mas sim instrumentos de produção jornalística como cinco ilhas de edição, câmeras para gravação, tripés, telefone e computadores.

Conforme entrevista realizada em 26 de agosto de 2010 com o diretor executivo da UFRGSTV, Paulo Cabral, aponta-se que a linha editorial dos primeiros programas da TV era a divulgação do ensino, da pesquisa e da extensão da UFRGS, ou seja, mostrar a Universidade. O “Conhecendo a UFRGS” é um exemplo disso, uma vez que sua estrutura de roteiro, segundo Cabral, é baseada em entrevistas dos pesquisadores, professores, técnicos, alunos, englobando

determinado laboratório, Instituto ou projeto de pesquisa. O “Agenda” inicialmente buscava reproduzir os fatos e eventos que ocorriam dentro da Universidade e, devido a questões técnicas, transformou-se em “Acontece na UFRGS” que segue um perfil semelhante.

Há o “Física na Cultura” e o “Pesquisa em Pauta”, que tratam de temas envolvendo principalmente pesquisas científicas produzidas na Universidade. A UFRGSTV produz também programas de cunho artístico e cultural, que são a gravação do “Unimúsica”, do “Especial Estúdio Clio” e o em “Sintonia Com”. Desde 2007, a Unidade Produtora integra a Rede IFES, Rede de Instituições Federais de Ensino Superior, que compartilham os programas audiovisuais entre si.

A partir de setembro de 2010 o espaço da UFRGSTV na grade de programação da UNITV é de meia hora a cada dia, todos os dias da semana. A grade de programas produzidos pela equipe da UFRGSTV está dividida da seguinte maneira: nas segundas-feiras, vai ao ar a “Conexão REDE IFES”; nas terças-feiras, o espaço é reservado para o “Conhecendo a UFRGS”. Os “Especiais Extensão”, registro das atividades que envolvem a comunidade e a universidade, são veiculados às quartas-feiras e aos sábados. Como “Especiais Extensão”, destacam-se o programa “Efêmera Arte” e as conferências do “Fronteiras do Pensamento”. A quinta-feira está reservada para a “Divulgação Científica”, que, conforme o site da UFRGSTV, é uma produção que se propõe à divulgação de pesquisas e projetos acadêmicos desenvolvidos pela UFRGS, com uma estrutura dedicada ao aprofundamento das investigações científicas realizadas nos laboratórios da universidade. São compostas pelas séries “Física na Cultura”, “Pesquisa em Pauta” e “Multiponto”. O espaço das sextas-feiras e dos domingos é ocupado pelos Especiais Cultura, que são um registro das atividades culturais realizadas pela UFRGS. Entre eles estão o “Especial UNIMÚSICA”, “Concertos Studio Clio” e produções do BIEV UFRGS (Banco de Imagens e Efeitos Visuais da UFRGS) e Instituto de Artes da UFRGS. Além da veiculação dos programas na UNITV, a UFRGSTV disponibiliza seu material na internet, através do site youtube.

A produção do material disponibilizado pela UFRGSTV se dá, em grande parte dentro dos campi da UFRGS, o que, segundo Paulo Cabral (2010), é consequência das limitações dos recursos técnicos disponibilizados. A falta de estúdio, por exemplo, conduz à captação de imagens e realização de entrevistas nos laboratórios, salas de aula, corredores e espaços da universidade. Cabral afirma que

Para o Pesquisa em Pauta, as entrevistas são feitas no meio da exposição do Salão de Iniciação Científica. E o cenário é o Salão. Nós abrimos mão da falta de estúdio, do controle das variáveis ambientais para realizar um programa com mais cuidados e sofisticação técnica, para produzimos material em campo. E esse "produzir material em campo" deu essa característica de sofisticarmos a quantidade de material visual, ou de material de ilustração. São imagens do que está acontecendo na Universidade. (Cabral, 2010)

Paulo Cabral (2010) aponta que desde a origem da UFRGSTV se pensou numa proposta de ensino e aprendizagem que possibilite o exercício prático, isto é, ela deve funcionar como um laboratório de prática profissional para os alunos, de maneira que a elaboração do material veiculado seja feita pelos estudantes. Não há um período delimitado para cada estudante na UFRGSTV e a cada novo ingresso (que normalmente acontece uma vez por semestre), são oferecidas (sem custo) oficinas de capacitação para o grupo de novos participantes. Além da capacitação técnica pela qual os integrantes da equipe produtora da UFRGSTV se envolvem no processo produtivo, a rotina e o contato com as temáticas relativas ao cotidiano da universidade acrescentam diversos saberes aos estudantes. Conforme Paulo Cabral (2010), convém aos alunos que, desde o início, assumam a responsabilidade profissional do cargo ocupado da Unidade Produtora, podendo variar entre apresentador, produtor, operador de câmera e suíte, repórter, roteirista e editor. Segundo ele,

No momento em que o aluno entra na UFRGSTV, ele está recebendo uma quantidade de conhecimento que normalmente ele só teria no mercado de trabalho, na prática profissional. Então ele tem a possibilidade de conhecer ferramentas de processar esse material, como captar esse material, como deixar esse material com qualidade de exibição e como dimensionar suas necessidades. Procuramos capacitá-los para isso, nivelar o grupo para eles terem noções básicas e irem construindo esse conhecimento. Aprende-se muito com isso, porque os processos evoluem (CABRAL, 2010).

É importante salientar ainda que, devido à estrutura e à proposta da Unidade Produtora UFRGS, a atualidade do produto jornalístico veiculado adquire um papel saliente na linha editorial adotada. Após uma experiência com o programa "Agenda", cujo objetivo era a veiculação de eventos da universidade, percebeu-se que o esforço para a produção não compensava a veiculação do programa em um curto

espaço de tempo, tendo em vista seu caráter factual. A partir daí, segundo Paulo Cabral (2010), entendeu-se que

entrar nessa linha editorial do factual não nos interessava, porque não nos interessa ter um produto que vai ser para "embrulhar o peixe", um produto que amanhã não vai mais valer, com data marcada para expirar, que veicula só uma vez. O nosso produto é feito para ser repetido, para ser reprisado. É na continuidade de inserção dele que a gente vai alcançar nossas audiências, que é uma das propriedades da TV a cabo. Nosso produto é feito para a TV a cabo e é para ser reprisado. Ele tem vida longa, é um registro histórico, que fica no tempo, ele não perde a atualidade (CABRAL, 2010)

Fernando Favaretto afirma ainda que o material produzido pela UFRGSTV possui valor pelo conteúdo perene. "É um conteúdo que daqui a um ano se pode assistir novamente" (FAVARETTO, 2010).

O conteúdo produzido e veiculado pela UFRGSTV será analisado, à luz dos pressupostos do Jornalismo Científico, a partir da escolha de um de seus programas, o Multiponto.

4.2 O MULTIPONTO

O Multiponto foi escolhido para esta pesquisa por apresentar uma trajetória significativa na UFRGSTV. Do ponto de vista de conteúdo, sua produção envolve temáticas diretamente ligadas à sociedade, nos diversos campos do saber. No que diz respeito às questões técnicas, Paulo Cabral (2010) lembra que este programa apresenta a preocupação com a qualidade de captação de imagem, produção e edição.

O Multiponto integra a grade de programação da UFRGSTV desde dezembro de 2007. No período de dezembro de 2007 até agosto de 2010 foram produzidos treze programas, listados abaixo, segundo ordem cronológica:

1. Impactos Ambientais - dezembro de 2007 - 29min59s
 2. Bioética - julho de 2008 - 30min17s
- Especial 1968 - outubro 2008

3. 1968 Mundo - 28min30s
4. 1968 América - 30min40s
5. 1968 Brasil - 29min30s
6. 20 anos da Constituição Federal - outubro de 2008 - 30min22s
Leituras do Vestibular - dezembro de 2008
7. Parte I - 28min27s
8. Parte II - 30min08s
9. Darwinismo - outubro 2009 - 20min09s
10. Pré-Sal - novembro 2009 - 30min40s
11. Fome - fevereiro 2010 - 30min17s
12. Militância Estudantil - junho de 2010 - 30min40s
13. Mudanças Climáticas - agosto 2010 - 30min02s

Segundo Paulo Cabral (2010), o Multiponto surgiu da coleta de uma quantidade de informações recebidas através das entrevistas realizadas para o “Conhecendo a UFRGS”. O primeiro deles, Impactos Ambientais foi elaborado com a intenção de servir como um projeto piloto, além de ter sido feito por uma equipe maior do que os outros. O diretor de Jornalismo da UFRGSTV, Fernando Favaretto (2010) afirma que foram definidos três temas para o primeiro programa: o projeto Macacos Urbanos da UFRGS, o Hospital Veterinário da UFRGS e o Projeto sobre a influência da urbanização na vida das Borboletas. “Pessoas diferentes foram trabalhando com partes do programa e no final ele foi costurado. Ele foi feito a mais mãos e levou mais tempo. Como era o primeiro, era normal que fosse levado mais tempo, como se vai construindo sem ter uma noção de como iria se dar” (FAVARETTO, 2010). Os demais, na sua visão, foram produzidos a partir da percepção de que a Universidade possui pesquisa, ensino e extensão, produção acadêmica sobre diversos assuntos de interesse público.

A partir daí, notou-se a presença de ações que extrapolavam o universo acadêmico e atuavam diretamente na comunidade. Paulo Cabral (2010) aponta que “foi observada uma relação entre o que era teorizado dentro da Academia e o que estava sendo reproduzido efetivamente no cotidiano das pessoas, a fim de influenciar o dia a dia das comunidades”. Nesse sentido, a proposta editorial para o Multiponto não se restringiria à reprodução documental da pesquisa, ensino e

extensão da Universidade, mas a de uma produção audiovisual que também se identificasse com o factual.

A partir da observação de temas que estão presentes na discussão pública, que são de interesse de muitos, a equipe da UFRGSTV decidiu produzir um material que contemplasse essas pautas aproveitando a capacitação da massa crítica universitária, a qual poderia servir de fonte. Entretanto, o Multiponto não necessita restringir-se, segundo Fernando Favaretto (2010), somente a fontes de dentro da Universidade. Ele aponta que o Multiponto, pelo próprio nome ser multiponto, se propõe à discussão de determinada temática sob vários pontos de vista; abre espaço para quem é da UFRGS falar, apresentar, discutir seus trabalhos e pesquisas, mas também ouve pessoas de fora da universidade sobre aquele assunto. “O Multiponto, além da diversidade de ideias, também é diversidade de instituições que falam” (FAVARETTO, 2010)

O tempo de cada Multiponto pode variar entre 20 e 30 minutos e para cada programa uma equipe de produção é designada, na qual dividem-se as funções de operador de câmera, repórter, apresentador e editor. Um Multiponto, conforme Favaretto, leva em média dois meses para ser produzido. A estrutura básica de cada Multiponto segue um padrão, conforme a seguinte ordem:

- vinheta UFRGS
- vinheta UFRGSTV
- vinheta Multiponto
- OFF do repórter e imagens ou animação
- passagem de estúdio
- entrevistas
- OFF do repórter
- entrevistas
- passagem de estúdio

Paulo Cabral (2010) defende que a preocupação com o material visual coletado faz parte da rotina da UFRGSTV desde o início. Esse aspecto, segundo ele, pode ser evidenciado na produção do Multiponto, uma vez que a equipe busca a qualidade de captação de imagens e entrevistas, também presente no processo de edição.

A seguir, trechos da entrevista realizada:

1. Como surgiu o Multiponto?

Paulo Cabral: O Multiponto surgiu de uma quantidade de informações que se recebia através das entrevistas do Conhecendo a UFRGS. No contato que era feito com os pesquisadores, com os professores, com essa massa crítica que produz academicamente dentro da UFRGS, o que se conseguiu perceber: tinham muitas ações que extrapolavam os muros da Universidade, extrapolavam a área acadêmica e atuavam diretamente na comunidade. Era essa a relação: do que era teorizado dentro da academia, estava sendo reproduzido efetivamente no cotidiano das pessoas e inserido, para influenciar o dia a dia das comunidades. E eram várias áreas que tinham essa experiência. Então, o primeiro Multiponto surgiu da seguinte proposta: a gente queria ampliar, fazer um programa um pouco mais jornalístico; que não ficasse só na reprodução documental da pesquisa, ensino e extensão da Universidade; a gente queria ter uma produção audiovisual que se identificasse com o factual. O que a academia está investigando que está no dia a dia das pessoas, que está na pauta, ou na agenda contemporânea. Questão ambiental é uma delas e tem diversos projetos dentro da universidade que desenvolvem pesquisas para resolver essa questão, de problemas ambientais. O primeiro Multiponto surgiu com essa pauta, que era a questão do urbanismo interferindo na flora e na fauna. Aqueles animais silvestres que há um tempo habitavam essas regiões no entorno das cidades, que eram rurais, o quanto eles estavam sofrendo a influência do urbanismo e se deslocando das suas áreas nativas. Surgiu a questão das borboletas, dos bugios, e em cima disso a gente começou a traçar um programa que envolvia urbanismo, ecossistema, soluções pra sustentabilidade. Então a estrutura do programa foi pensada assim: existia essa ideia e uma expectativa. A gente fez um primeiro como um projeto piloto e esse serviu de ajuste para os outros. A gente viu que dava certo, se tinha um material muito grande, a gente sabia que demandava mais tempo para produzir, que precisava envolver uma equipe um pouco mais especializada, uma equipe de produtores que já tivessem adquirido um conhecimento mais aprofundado do fazer audiovisual e do entrevistas, do buscar informação. A gente foi se ajustando, se preparando, detalhando melhor esse conteúdo, principalmente com as informações que vinham de campo.

3. Como são pensadas as pautas?

Fernando Favaretto: o Multiponto nasceu da percepção de que muitos assuntos, temas, não cabiam no formato que se tinha até então. O pessoal foi lá fazer um Conhecendo sobre o projeto das borboletas no Campus do Vale e de lá começaram a surgir informações que deram a dimensão da Universidade se expandindo. Ele nasceu dessa percepção, de que se tinha muita pesquisa, muita produção, extensão na Universidade e que não tinha um programa que pudesse dar conta daquilo. Esse primeiro programa dos Impactos Ambientais que foi o primeiro foi mais longo, mais trabalhoso e que teve uma estrutura um pouco diferente dos outros, porque ele foi feito com uma equipe maior. Ele foi discutido e escolhido três temas diferentes, por exemplo, os Macacos Urbanos, o Hospital Veterinário da UFRGS, as Borboletas e pessoas diferentes foram trabalhando com partes do programa e no final ele foi costurado. Ele foi feito a mais mãos e levou mais tempo. Como era o primeiro, era normal que fosse levado mais tempo, como se vai construindo sem ter uma noção de como iria se dar. Era um piloto. Depois, os demais, eles começaram a partir dessa percepção de que a Universidade tem pesquisa, ensino e extensão, produção acadêmica sobre qualquer ou quase todos os assuntos de interesse público. E que estariam numa suposta pauta do dia. Há assuntos que são do momento, que estão acontecendo, que são de interesse público e praticamente na universidade tem alguém, ou mais de um pesquisador que produziram ou produzem acerca daquele assunto.

Paulo Cabral: a Universidade é referência para os meios de comunicação como fonte. As pessoas que estão aqui dentro, os especialistas das diversas áreas do conhecimento e profundos conhecedores dessas áreas são fonte; para referenciar os temas factuais do cotidiano, que a grande mídia trabalha. Dentro da teoria do jornalismo existe a seguinte questão: as notícias são classificadas. Tem o hardnews, as notícias factuais e tem as que são recorrentes, as que sazonalmente se manifestam: o verão, o inverno, a seca, a chuva, a enchente, o terremoto, a política, as eleições. Tem determinados temas que volta e meia são destaque na pauta e eles são recorrentes. Outros são eventuais, acontecem e depois desaparecem, ficam na memória, registrados. Então, a gente pensando nessa questão, resolveu fazer o seguinte: sistematicamente alguns temas vem a tona, alforam, tomam conta do noticiário internacional, são pautas mundiais. E a gente tem condições de

preparar sobre isso e puxar não só para nossa realidade, como fazer essa dimensão do nosso territorialismo em relação ao mundo. O quanto que a gente vive aqui é pertinente em relação ao resto do mundo e o quanto as pessoas devem saber lá fora o que acontece aqui. É sair desse limite regional e ao mesmo tempo discutir temas que são mundiais, universais, a partir do exemplo local. É discutir como o momento que estamos vivendo está sendo enfrentado e como essas soluções que estamos encontrando aqui podem influenciar lá fora. Como as soluções encontradas aqui ajudam em outros locais, em outros setores e como isso é universal. É essa questão dos nossos especialistas, da nossa massa crítica, que é extremamente qualificada, significativa. A partir dessa primeira experiência do Multiponto que a gente segmentou temas, equipes de trabalho e consolidou o programa final, a gente percebeu que tinha condições de se fazer um material muito legal, que demandava mais tempo. Mas a gente conseguiu pensar essa rotina. Percebeu que precisava mais tempo, que precisava ter mais cuidado, que demandaria um prazo maior, que a periodicidade dele tinha que ser mais expandida.

4. Em termos de formato audiovisual, existe a preocupação com inserts. Isso é uma peculiaridade do Multiponto dentro da produção da TV?

Paulo: é um reflexo da linguagem que a UFRGSTV usa. No Multiponto isso é mais requintado ainda, mas uma das diferenças que a gente percebe na estrutura de produção da TV é a quantificação de ilustrações, de mostrar o que é feito. Não é só uma pessoa falando; é mostrar o que está acontecendo. Tem muito insert de material: plano geral, plano médio, detalhe do que é feito. Mostrar a ação, porque a pesquisa é ação. É uma preocupação estética, sim, baseada no modelo de documentário. Tem a entrevista, mas tem muito material de ilustração, é uma forma de representar aquilo o que está sendo descrito, com imagem. A TV procura muito isso.

Fernando: ele talvez seja o programa da nossa grade, por ser Multiponto, que mais abre espaço também para quem não é da universidade. A nossa grade geral, por exemplo o Conhecendo a UFRGS, Física na Cultura, Pesquisa em Pauta, é mais gente da Universidade: professores, alunos e funcionários. O Multiponto, por ser "multiponto", ele sempre dá muito espaço para que é da universidade, falar,

apresentar, discutir seus trabalhos e pesquisas, mas ele também ouve pessoas de fora da universidade sobre aquele assunto. Esse Multiponto, além da diversidade de ideias, também é diversidade de instituições que falam. Por exemplo, a Daiane está fazendo o dos índios. Tu pegas um tema, a universidade fala muito sobre um tema, mas também outras instituições, outros sujeitos são ouvidos para falar sobre aquilo.

5. O Multiponto não necessariamente contempla um projeto de pesquisa?

Fernando Favaretto: ele pode tratar de um assunto que é importante naquele momento, ou que é importante, não só naquele momento, que rende muitas discussões, mas que não pega um projeto de pesquisa, ele pega professores que trabalham com isso, que tem projetos de extensão sobre isso, que conhecem essa realidade. Se tem um projeto de pesquisa, melhor ainda, ele também é pesquisado e ouvido.

Paulo Cabral: invariavelmente tu vais encontrar dentro da Universidade alguém que está trabalhando com alguma parte. Não tem como escapar. A universidade abarca todas as áreas do conhecimento e essa é uma das características dela. Então tu vais encontrar algum grupo de pesquisa trabalhando sobre aquele tema.

6. Como foi o crescimento em termos de prática de produção do Multiponto?

Fernando Favaretto: a periodicidade de produção aumentou em relação ao primeiro, mas não dá pra dizer que ele é produzido uma vez por mês. Ele leva um pouco mais de tempo, então a cada dois meses.

Paulo Cabral: Em determinados momentos surgiram situações de envolvimento com outros laboratórios e a participação de outros laboratórios na pesquisa dos programas. Teve uma série sobre 1968, que na estrutura dos programas a gente pensou em três programas: a realidade de 68 no Brasil, na América Latina e mundo; e fazer essas visões de pegar o que estava acontecendo no Brasil, América Latina e no mundo nesse determinado momento. Veio um pessoal da História ajudar. Isso foi muito interessante, porque eles contribuíram com o olhar deles, de investigadores da História, com o seu critério de busca da informação e sua pesquisa e com uma metodologia da História e adaptar esse material à linguagem audiovisual. Então ficou muito rico, interessante.

Fernando Favaretto: nessa linha dos exemplo, para mostrar um pouco essa flexibilidade de como nascem as discussões das pautas. Teve esse caso que 68 caiu justamente em 2008, dos 40 anos do movimento todo e teve essa relação com a História. Então ele é um programa que tem essa flexibilidade de se adaptar ao momento da Universidade. Ou ao momento histórico. Há situações em que a Universidade está sediando um encontro, algum evento de nível nacional, por exemplo. Teve um encontro de uma semana para discutir políticas para fome, entre outros assuntos. Então a gente pensou: vamos fazer um programa sobre fome, que é um dos problemas do Brasil e da América Latina.

Paulo Cabral: e era uma das pautas do momento.

Fernando Favaretto: era uma discussão do momento. E havia quem defendesse que não se tinha mais fome no Brasil, que acabou-se a fome no Brasil e outros diziam: mas ainda tem fome sim. Foi tão rico que deu dois programas sobre esse assunto. Ouvimos muita gente da Universidade, teve gente do governo falando, do CEPAL, da Argentina, da Colombia, porque eles estavam aqui. Entao a Universidade está trazendo para cá durante uma semana cabeças pensantes de vários lugares do mundo. Então como a gente pode aproveitar esse pessoal que está aqui para se fazer uma discussão bacana. O Multiponto se adapta a essa agenda da Universidade. Ele tem uma estrutura um pouco mais fixa, mas a forma como surgem as ideias para construí-lo, as pautas, ela depende um pouco dessa dinâmica da Universidade.

4.3 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste projeto segue os critérios da Análise Histórico-descritiva, que pode ser conceituada como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do das mensagens. Herscovitz (2007) propõe ainda que atualmente há uma tendência de integração entre a análise quantitativa e qualitativa, a fim de que os conteúdos visíveis e subentendidos façam parte de um mesmo estudo. Dessa maneira, se pode compreender tanto o significado de um texto, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido.

Esta pesquisa será realizada utilizando o aporte teórico sobre jornalismo, jornalismo científico, telejornalismo e TV universitária como referência para a análise do material audiovisual. Foi realizada também uma entrevista no dia 26 de agosto de 2010 com o diretor executivo da UFRGSTV, Paulo Cabral e com o diretor de Jornalismo, Fernando Favaretto, a fim de contextualizar a produção do programa Multiponto e a linha editorial adotada na programação da Unidade Produtora.

A análise categorial utilizada neste trabalho considera a totalidade de um texto, segundo a frequência de presença ou de ausência de itens de sentido. As unidades de registro são palavras (extraídas das entrevistas das fontes dos programas, textos em *off* e passagens de repórter) e imagens contidas em cada programa. A natureza do código e do suporte da mensagem é audiovisual, ou seja, apresenta som, imagem e texto.

O corpus da pesquisa é formado por cinco programas Multiponto de um universo total de treze programas, produzidos durante 3 (três) anos pela Unidade Produtora UFRGSTV, a saber:

1. **Multiponto Impactos Ambientais** – ciências biológicas e da saúde

SINOPSE: Análise dos impactos ambientais na flora e na fauna da região de Porto Alegre ocasionados pelo processo de urbanização. Apresentação de projetos

da UFRGS que tratam desta temática, como Preservação das Borboletas, Macacos Urbanos e Hospital Veterinário.

2. **Multiponto 1968 Mundo** - ciências humanas, ciências sociais e aplicadas

3. **Multiponto 1968 América** - ciências humanas, ciências sociais e aplicadas

SINOPSE: Análise do significado das mudanças políticas, sociais e comportamentais no ano de 1968, bem como suas influências na sociedade ao longo dos anos. A série especial é dividida em três partes: América, Mundo e Brasil, nas quais são contextualizadas respectivamente as especificidades de cada região.

4. **Multiponto Darwinismo** – ciências biológicas

SINOPSE: Análise das teorias darwinistas e as suas influências para as descobertas científicas, apresentando a evolução dos seres através das ideias de pesquisadores das teorias darwinistas.

5. **Multiponto Pré-Sal** – ciências exatas e da Terra; ciências sociais e aplicadas

SINOPSE: Abordagem da problemática das formas de exploração das jazidas de petróleo encontradas no litoral brasileiro. A análise é feita nos âmbitos econômico, político, ambiental e social.

A escolha dos documentos analisados segue a regra da representatividade e o princípio da pertinência, que sustenta que “decide-se o pesquisador a descrever os fatos reunidos a partir de um só ponto de vista e, por conseguinte, a reter, na massa heterogênea desses fatos, só os traços que interessam a esse ponto de vista, com a exclusão de todos os outros (esses traços são chamados pertinentes)” (BARTHES, 1971, p.103). O critério para a seleção dessa amostra é a variedade de áreas do conhecimento abordadas pelos programas, conforme a classificação do Conselho

Nacional Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), acessada em setembro de 2010.

As categorias adotadas para a análise do trabalho são as seguintes:

- **universalidade** – característica do Jornalismo Científico. O produto aborda diferentes áreas do conhecimento. Consideram-se como unidades de registro palavras/frases que remetam a algum tema de determinada área do conhecimento. Por exemplo: teorias darwinistas, biodiversidade, exploração do petróleo.

- **atualidade** – característica do Jornalismo. O Jornalismo Científico apresenta uma atualidade própria, que tem relação com o ritmo da ciência. O conteúdo veiculado tem vínculo com o momento presente, podendo não estar atrelado com o factual e apresentar atualidade num longo período de tempo. Palavras como “amanhã”, “nessa semana” conferem um tom temporal ao conteúdo veiculado, inviabilizando sua exibição por um período maior. Considera-se como unidades de registro a temática da qual o programa trata e palavras/frases que possibilitem a permanência do programa por mais tempo no ar.

- **função pedagógica e social** – característica do Jornalismo. No Jornalismo Científico, o material se propõe a esclarecer temas complexos estudados pela ciência, relacioná-los com o cotidiano da população e divulgar o conhecimento. Os indicadores no conteúdo que podem apontar para essa função são:

- clareza do texto – característica do Jornalismo. Esta característica serve à categoria da função pedagógica e social do Multiponto, uma vez que a clareza na disposição da informação segundo critérios da informação de TV pode contribuir para inferência dessa função. As unidades de registro são:

1. frases com ordem direta
2. uso de palavras de fácil compreensão

- recursos visuais – característica do Jornalismo feito para TV. As unidades de registro são recursos visuais como uso de animação, fotos, imagens em movimento

que também servem à função pedagógica e social, pois facilitam a compreensão da mensagem transmitida.

A fase inicial da análise foi assistir aos programas integrantes do corpus, transcrever o seu áudio (ANEXO A) e listar as imagens que foram aparecendo no formato de um roteiro de decupagem, conforme o modelo:

MULTIPONTO DARWINISMO

IMAGEM	TEXTO
VINHETA UFRGS	
VINHETA MULTIPONTO	
fotos de lugares turísticos: Paris, Egito, Bolívia, praias. Animação.	OFF 1: Você já ouviu alguma vez que sempre voltamos diferentes após uma viagem? E se conhecer lugares novos, culturas e realidades é apurar o espírito humano, como definir uma viagem que mudou os rumos da ciência? Uma experiência como essa é para poucos, mas Charles Darwin superou os limites da sua época e a bordo do Beagle deu a volta ao mundo em cinco anos.
legenda: dezembro de 1831 a outubro de 1936	
GC: Samantha Klein UFRGSTV	PASSAGEM EM ESTÚDIO: Qual é a origem das espécies? Como evoluíram e evoluem os seres constantemente? Em que caminho anda a ciência? O Multiponto de hoje vai apresentar questões como essas através das ideias de pesquisadores das teorias darwinistas.
foto de Darwin	ENTREVISTA
GC: Aldo Mellender de Araújo Professor de Genética da UFRGS	O darwinismo tradicional, o darwiniano assim chamado, ele ajuda a explicar hoje tudo o que se encontra no mundo vivo. Os comportamentos humanos inclusive, então por isso que ele continua sendo importante.

A partir desse roteiro, detectou-se as unidades de registro que possibilitam a inferência dos sentidos que remetem às categorias da análise. O passo seguinte foi

estabelecer uma tabela de análise, onde constam o número de vezes que as unidades de registro aparecem e a relação com as respectivas categorias.

PROGRAMAS	Multiponto Pré-Sal	Multiponto Impactos Ambientais	Multiponto 1968 Mundo	Multiponto 1968 América	Multiponto Darwinismo
CATEGORIAS					
Universalidade					
Função Pedagógica- social 1. Clareza do Texto 2. Uso de recursos visuais					
Atualidade					

Além disso, servem como instrumento de coleta de dados as fichas de exibição dos programas da UFRGSTV, (disponibilizadas para consulta na Unidade Produtora), que indicam a data da veiculação na UNITV de Porto Alegre e o número de vezes que foram exibidos.

4.4 ANÁLISE DOS PROGRAMAS

Os programas a serem analisados neste capítulo encontram-se na íntegra como anexo do trabalho, bem como as transcrições dos áudios e a listagem das suas respectivas imagens.

6.1 Multiponto Impactos Ambientais

O Multiponto Impactos Ambientais foi produzido durante quatro meses e veiculado no período de dezembro de 2007 a dezembro de 2008 na UNITV. Ele foi o primeiro Multiponto a ser feito na UFRGSTV e envolveu uma equipe de produção de aproximadamente 9 pessoas.

Com relação à categoria universalidade, foram encontrados nas falas deste programa (trechos de entrevista e de repórter) 92 unidades que remetem a temáticas diferentes. Por exemplo: crescimento urbano, geografia, biodiversidade, migração, transformações no clima, etc. Cada uma delas poderia ser desdobrada e representa, por si só um ramo do conhecimento. Há 10 entrevistados diferentes, sendo eles das seguintes áreas do conhecimento: geociências, veterinária, biologia.

Ao longo deste programa, foi possível constatar pelo menos 88 unidades de registro que contribuem para o entendimento dos assuntos abordados, cumprindo a função pedagógica e social pertencentes ao Jornalismo Científico. Podem se encaixar nessa categoria de análise expressões do tipo “a capital gaúcha conta com 1 milhão de habitantes”, “o sítio é o suporte, o receptáculo da cidade”, “mobilidade urbana, ou seja, da população que vive em Porto Alegre”. Elementos como esses servem para que a informação científica tratada pelos entrevistados e pelo repórter se torne mais inteligível para o público, pois os entrevistados utilizam frases para retomar conceitos, usam exemplos, sinônimos ou números.

“Impactos Ambientais” aborda assuntos integrantes de projetos de pesquisa da UFRGS, aprofundados por professores e alunos da Universidade e que tem relação com a sociedade. Há uma relação direta, por exemplo do Projeto Macacos Urbanos com a comunidade do Lami, bairro de Porto Alegre, que incentiva a preservação ambiental, segundo uma metodologia própria. A população também

pode ver-se envolvida na parte em que o programa traz à tona a questão do crescimento populacional e o desenvolvimento da cidade de Porto Alegre e os seus efeitos na fauna da região. Exemplos disso são os animais atropelados tratados pelo Hospital Veterinário da UFRGS e o serviço (orientações) prestado. Índícios relacionados à função social do Jornalismo Científico podem ser os trechos: “e a recomendação é entrar em contato com a patrulha ambiental”, “criar ambientes abertos no próprio parque Jardim Botânico. As funções pedagógica e social podem ser incluídas na mesma categoria, uma vez que, se o texto apresenta expressões que facilitam o entendimento, transmitindo o conhecimento de forma simples e clara, ele poderá ser acessado por um número maior de pessoas, e é aí que cumprirá seu papel de divulgação científica, ou de jornalismo científico, se ambos forem entendidos como sinônimos.

Cabe salientar que o texto de abertura do programa (extraído da passagem em estúdio) tem um importante papel, o qual, por ser parte do primeiro Multiponto exibido, inaugura e apresenta a proposta dessa produção. Nele podem ser evidenciadas expressões como “avanços humanos, científicos e tecnológicos”, “diferentes visões de mundo”, que remetem à categoria universalidade. Observa-se também o uso de elementos como “discutir assuntos de interesse e relevância sociais”, “O Multiponto quer que o telespectador analise e construa seus conceitos”, através dos quais o programa compromete-se em relacionar o conhecimento acadêmico e a vida das pessoas, o que é possível de relacionar com as funções pedagógica e social.

74 unidades de registro apontam para a clareza do texto falado no Multiponto Impactos Ambientais, ou seja, 74 vezes em que o conteúdo é abordado através de frases de ordem direta e com o uso de palavras simples, típicas do texto feito para a televisão. Alguns exemplos são: “a urbanização provoca coisas interessantes”, “a gente atende bastante aves”, “ele não tem a característica de morar em geleiras, como as pessoas imaginam” . Nota-se, entretanto, frases ou conceitos que, por estarem sob o formato audiovisual (isto é, não podem ser retomadas pelo telespectador), podem não ser compreendidos em um único olhar. Essa observação é feita sobretudo nas falas dos entrevistados, através de períodos de falas longos ou sem o uso de exemplificações: “um animal que, em vida livre, jamais teria essa mansidão, uma canídeo silvestre agressivo”.

O emprego de recursos visuais em, pelo menos, 18 trechos do programa está relacionado com o que é dito/explicado durante esse espaço de tempo. Isso contribui para que o telespectador possa associar imagem e texto falado. Há utilização de material fotográfico, como fotos antigas de Porto Alegre na parte inicial do programa e mapas físicos com imagens de rios, quando abordada a questão da biodiversidade. Percebe-se ainda que há uma preocupação com a qualidade estética das imagens em movimento, com boa iluminação, foco e cores, o que acarreta uma plasticidade no conteúdo tratado e é uma característica da reportagem televisiva. Um aspecto interessante também é a relação dos entrevistados com a imagem do plano de fundo onde estão enquadrados. Há um diálogo entre os elementos visuais escolhidos e a pessoa que fala. Exemplo disso é a imagem de Porto Alegre que aparece atrás da primeira entrevistada, a professora Dirce Suertegaray, que trata da questão do crescimento urbano na capital gaúcha, no início do programa. Isso pode ser notado ainda nas entrevistas com os veterinários Marcelo Alievi e Gisele Stein (que se encontram aparentemente num consultório), nas falas dos biólogos Fabiana de Camargo, Helena Romanowski e Luiz Carlos da Silva (situados em meio a um espaço com variedade e quantidade de plantas), e do biólogo Robberson Bernal Setubal e membros da comunidade do Lami, (que aparecem em um ambiente rural, característico do bairro Lami, do qual falam). Este é mais um elemento que torna plásticas as temáticas abordadas.

O programa Impactos Ambientais foi produzido durante aproximados quatro meses por uma equipe de pelo menos nove integrantes da UFRGSTV, nas funções de operador de câmera, repórter, produtor, editor e apresentador. Esse tempo de produção denota um esforço pelo tratamento das temáticas abordadas, o que sugere a pesquisa, a investigação jornalística, a roteirização do material captado, a elaboração do texto e a edição. Nesse sentido, a exibição do programa não se dá nos moldes do telejornalismo convencional; está antes em conformidade com o as exigências do processo de produção de uma reportagem mais elaborada.

Impactos Ambientais não apresenta, nos desdobramentos da sua temática um fator “novidade” e por isso, não está atrelado a um curto espaço de tempo de veiculação. Impactos ambientais é um assunto que não perde o vínculo com a atualidade, pois não é uma temática associada a um fato específico, mas envolve saberes que podem permanecer em discussão por um amplo período. Expressões como “eles chegam através de proprietários”, “uma das consequências da

urbanização é a interferência na vida silvestre” conferem atualidade ao programa por mais tempo, embora se constate a presença de expressões como “criado há 12 anos” e “atendemos nas quartas e sextas-feiras”, que tem uma carga temporal. Há dados anunciados que são passíveis de sofrer alterações, porém, a temática do programa como um todo não é um produto jornalístico perecível.

6.2 Multiponto Pré-Sal

O tempo de produção do Multiponto Pré-Sal foi de aproximadamente dois meses, sendo que teve sua primeira exibição na UNITV no dia 12.11.2009. Diferentemente do Multiponto Impactos Ambientais, a pauta do Pré-Sal está mais diretamente ligada a um fato, ou uma série deles, que desencadeou a discussão pública acerca da descoberta da reserva de petróleo da camada pré-sal no litoral brasileiro. A proposta deste programa é a de permitir uma análise sobre a exploração dessa riqueza e seus impactos para o desenvolvimento do país em vários âmbitos. Isso pode ser observado na diversidade de fontes utilizadas para tratar do assunto (por meio de entrevistas), envolvendo especialistas nas áreas de Ciências Políticas, Engenharia, História, Economia e Geociências. Ao todo, foram constatados nos 30 minutos e 40 segundos de programa, 99 unidades de registro que indicam diferentes tipos de conhecimento.

Alguns exemplos extraídos do texto do programa que evidenciam essa universalidade de saberes são: “as fendas geradas com a divisão dos continentes”, “água do oceano passa para estado de vapor”, “camada sedimentar e configuração geofísica”, “modernização e mudança do país”, “abastecimento da economia brasileira”, “neoliberalismo”, “grande crise do sistema financeiro”, “participação das grandes corporações petrolíferas”. O que se pode constatar a partir daí é que, apesar do programa abordar um tema específico, ele sugere diferentes interpretações e visões acerca do fato em si. Cabe salientar que, primeiramente, o programa lança mão de especialistas para esclarecer o conceito de pré-sal e o que a descoberta das jazidas representa em termos de exploração física. Na sequência, o debate segue em torno da melhor forma de administrar os frutos dessa descoberta, sob olhar econômico, histórico e político.

Observa-se que no Multiponto Pré-Sal existe a tentativa de esclarecer ao público assuntos mais complexos, que envolvem conceitos da geociências ou da economia. Indicadores que levam a essa análise aparecem nos 162 trechos textuais e no emprego de pelo menos 22 recursos visuais, entre fotos, animações e imagens em movimento. A clareza do texto está presente em diversas passagens em que há frases de ordem direta ou o uso de expressões mais simples, desdobramentos de conceitos (com a utilização de números), como por exemplo: “que funcionam como se fossem uma borracha, que tu apertando de um lado, ele salta para outro”, “camada de vaporitos sobre as rochas, que é conhecido popularmente como sal”, “é uma jazida muito grande, 90 milhões de barris”, “qual é a melhor forma de administrar milhões de barris de petróleo?”, “eles não tem 50 milhões guardados num banco para fazer essa exploração”, “é uma questão que deve ser discutida pelo povo brasileiro”. Decorre daí a percepção de que o programa se propõe nitidamente a ser pedagógico, uma vez que lança mão de vocábulos mais simples e estruturas frasais explicativas que se enquadram na linguagem jornalística e que servem de tradutores de um conhecimento de cunho científico.

Os recursos visuais remetem à função pedagógica na medida em que, ao mostrar o que é dito, facilitam a associação entre o conteúdo textual e a sua respectiva imagem. Um exemplo claro disso é a animação utilizada no primeiro *off* do programa, durante a qual são mostrados a separação dos continentes, o acúmulo de água no oceano e a formação do petróleo da camada pré-sal. Provavelmente, uma explicação como essa não ficaria tão compreensível sem o emprego desse tipo de recurso visual, pois ele acaba tornando a informação científica em um conhecimento acessível a um número maior de pessoas.

Além disso, a produção deste programa investe também na utilização de imagens do documentário “O petróleo tem que ser nosso – a última fronteira”, que sustentam a relação do debate histórico, político e econômico suscitado pelas fontes. Além disso, fotos de plataformas de petróleo e de mapas incluindo os países comentados, correspondem às falas dos entrevistados, facilitando o entendimento da mensagem. De forma geral, esse é um recurso que pode contribuir para, além de acrescentar plasticidade à reportagem, despertar e segurar a atenção do público, ambos típicos da informação na TV.

Enquadrado no gênero de reportagem jornalística, o Multiponto Pré-Sal apresenta um gancho com um fato gerador de interesse, que é a descoberta das

jazidas de petróleo e, por isso, sua atualidade é evidente. Entretanto, não é um produto que deve ser veiculado somente em um curto espaço de tempo, justamente pelo aprofundamento no assunto e por apontar questões pertinentes em uma época mais longa, como o uso de recursos energéticos e o desenvolvimento do país. Daí observa-se que há ao mesmo tempo um aporte científico (as análises dos especialistas) e uma preocupação com a interferência da questão na realidade, no contexto brasileiro atual. Expressões como “qual é a melhor forma de administrar milhões de barris de petróleo? Especialistas acreditam que é necessário adotar um novo modelo de exploração e de exportação“, “ O pré sal é um conjunto de rochas formadas entre 140 e 80 milhões de anos atrás que foi formado no processo de separação da América do Sul e da África“ conferem atualidade ao programa por um espaço de tempo mais longo. Entretanto, há trechos que inviabilizam a veiculação deste Multiponto no período de um ano, por exemplo. Unidades de registro que evidenciam essa questão são: “E o fim dessa história nós conhecemos ano passado com a grande crise do sistema financeiro“,

6.3 Multiponto Darwinismo

O assunto em torno do qual gira o Multiponto Darwinismo é basicamente a questão das teorias darwinistas e seus reflexos para a evolução da ciência. Ele foi produzido e veiculado em outubro de 2009 e o fato gerador de interesse foi a comemoração, naquele ano, dos 200 anos do nascimento de Charles Darwin. O programa busca, portanto, desdobrar o significado das descobertas do cientista e suas influências na vida ordinária da população.

Na primeira parte do programa, são abordados os principais conceitos da teoria darwinista - e sua relação com a pessoa e a trajetória de Darwin - por pesquisadores das áreas da genética e da biologia. Conceitos como “rota spot de biodiversidade“, “endemismo“, “teoria dos coacervados“, “como surgiu a vida na Terra?“, “enfoque filosófico“ e “tempo geológico“, evidenciam a presença da categoria universalidade no programa. Nos totais 20 minutos e 09 segundos desse Multiponto, foram selecionados 94 unidades de registro que ajudam a inferir a universalidade de temas abordados. Outros exemplos são: “teoria das dinâmicas da

Terra”, “teorias como a do uso e do desuso”, “seleção natural”, “a vida varia através da síntese de duas determinações e de duas causalidades microscópicas e macroscópicas”, “variações astrofísicas”, “registro paleontológico e memória da Terra”, entre outros.

De uma forma geral, essas temáticas, apesar de por si só despertarem conhecimentos próprios, estão relacionadas na sua grande maioria, à ciência da biologia. O que se pode inferir daí é que no Multiponto Darwinismo não há tanta variação de saberes de áreas diferentes de conhecimento, o que não quer dizer que ele deixe de contemplar a universalidade científica. São fontes desse programa especialistas da biologia (genética), da física e da geologia. O desdobramento da pauta, feito por meio de entrevistas e da roteirização do programa, demonstra um estudo realizado acerca da temática por parte da equipe produtora, o que leva a crer que a reportagem foi produzida sob um olhar editorial, o de analisar os significados e os impactos da teoria darwinista na sociedade.

No que se refere à função pedagógica e social do Jornalismo Científico, há indícios espalhados ao longo de todo o programa que sugerem a existência dessa característica. Foram enumerados 134 unidades de registro que ajudam a tornar o conteúdo mais claro e compreensível. Exemplos disso poderiam ser os seguintes trechos: “uma experiência como essa é para poucos”, “ou seja, lugares onde há espécies únicas”, “a teoria darwinista não explica a origem da vida”, Darwin achava que a evolução era necessariamente muito lenta”, “a partir de Darwin foi possível concluir que particularidades que conferem vantagem competitiva num determinado ambiente são mantidas por seleção. Essa é a famosa teoria da seleção natural”, “no processo de replicação, uma das letrinhas do texto químico que diz o que o indivíduo é, há um erro”. O primeiro *off* desse programa também denota uma clara associação com o cotidiano do espectador - exemplificado nas expressões “você já ouviu alguma vez que sempre voltamos diferentes após uma viagem? E se conhecer lugares novos, culturas e realidades é apurar o espírito humano, como definir uma viagem que mudou os rumos da ciência?”. Esse é um artifício que relaciona a temática abordada no programa com um aspecto da vida da audiência, de forma a introduzir e a tornar interessante ao que se vai assistir: “Uma experiência como essa é para poucos, mas Charles Darwin superou os limites da sua época e a bordo do Beagle deu a volta ao mundo em cinco anos”.

Todos esses indicadores apontam para uma preocupação - tanto da produção do programa quanto das fontes escolhidas - em apresentar a pauta e seus desdobramentos com o olhar voltado para a audiência, isto é, a partir do qual se possa apreender e compreender o máximo da informação transmitida.

Entretanto, os indicadores textuais apontados não poderiam ser levados em consideração isoladamente ao servir a categoria da função pedagógica e social. Como a informação em TV é um conjunto de texto, imagem e som, os recursos visuais utilizados representam um importante componente da análise categorial. Observou-se nesse Multiponto a presença de fotos, animação e imagens em movimento, as quais foram utilizadas pelo menos em 25 vezes ao longo do programa. Pode-se inferir a partir daí que elas representam um importante recurso para melhor compreensão da mensagem. No trecho em que são explicados aspectos da evolução humana, o recurso da animação e o uso de fotos de linha do tempo, servem para mostrar de que forma essa evolução vai acontecendo. Raciocínio semelhante pode ser feito ao observar as fotos de cromossomos, do cientista Lamarck, dos animais e plantas comentados pelas fontes durante o programa. É possível também apontar a preocupação com a qualidade do material visual coletado e a sua respectiva edição, pois as imagens estão, de forma geral, bem tratadas, iluminadas e inseridas durante as falas que lhes correspondem.

O Multiponto Darwinismo apresenta também um gancho com a realidade, ou seja, foi produzido a partir de um fato gerador de interesse, que foi a comemoração dos 200 anos de nascimento de Charles Darwin. Cabe observar que, apesar de a pauta ter relação direta com um acontecimento o conteúdo abordado – a questão da evolução das espécies e a representatividade das descobertas de Darwin para a ciência –, não tem um carácter factual, isto é, poderia ir ao ar durante amplo espaço de tempo. Unidades de registro como “é impossível que um planeta tão modesto como o nosso, num sistema tão modesto como o nosso tenha sido o privilegiado de ter vida em todo o universo”, “A gente pode questionar a forma de como Darwin entendia como acontecia a evolução. Darwin achava que a evolução era necessariamente muito lenta” viabilizam a veiculação desse Multiponto por mais tempo, conferindo-lhe atualidade por um longo período.

6.4 Multiponto Especial Maio de 1968

O Multiponto Especial Maio de 1968 é dividido em três partes, isto é, analisa os significados do ano de 1968 no mundo, na América e no Brasil. Ele foi produzido em 2008 a partir de um fato gerador de interesse, que foi a celebração dos 40 anos do maio de 68 francês. É importante observar que cada parte da série possui uma independência do restante e que para a análise deste trabalho foram levadas em consideração o Multiponto 1968 - Mundo e o Multiponto 1968 - América. Em cada programa são entrevistadas fontes das áreas da história, da ciência política e de letras que procuram discutir as transformações sociais ocorridas durante esse período nos respectivos contextos, bem como sua influência ao longo da história.

Este Multiponto foi pensado, conforme os depoimentos de Paulo Cabral (2010) e Fernando Favaretto (2010), numa estrutura segmentada, de forma a apresentar o que estava acontecendo no Brasil, na América e no mundo naquele momento e as repercussões disso na sociedade atual. Para desenvolver o roteiro, entrevistar as fontes, coletar as imagens e realizar a edição, trabalhou-se em parceria com estudantes e professores do curso de História da UFRGS. Segundo Favaretto (2010), a experiência foi interessante, pois possibilitou a contribuição de um olhar investigador, com o seu critério de busca da informação e de pesquisa, através da metodologia própria da História. A adaptação de todo o material coletado à linguagem audiovisual representou um desafio para a equipe da UFRGSTV.

6.4.1 Multiponto 1968 – Mundo

A série inicia com o Multiponto 1968 – Mundo, no qual é apresentado um panorama político dos principais acontecimentos ocorridos neste ano nas diversas partes do mundo. As características da geração desta década, seus valores sociais e econômicos são apontados por meio de uma contextualização de eventos do

passado, como a Segunda Guerra Mundial, os moldes de consumo e os fatores que desencadearam os principais fatos de 68 na América, na Ásia e na Europa. Os conceitos e temáticas abordados ao longo do programa não transitam, de forma geral entre áreas diferentes de conhecimento, mas apresentam uma ligação com as ciências humanas, em especial, com a História. Ao todo, foram encontrados 46 indicadores de uma universalidade temática. Exemplos disso são: "ditadura", "capitalista", "onda neoliberal", "relações familiares", "baby boom", "Segunda Guerra Mundial". Cabe salientar que, apesar do programa não possuir uma ampla universalidade interna, este Multiponto (cuja pauta é de cunho histórico), pensado junto dos outros programas, evidencia a universalidade da produção como um todo.

São narrados, por exemplo a movimentação ocorrida em Paris em maio de 68 e a Primavera de Praga. A análise dos fatos é explorada por meio de uma narrativa, com a utilização de números, de exemplos e de relações com outros dados históricos. Isso pode ser observado nos trechos: "a primavera de Praga começa no inverno, em 67. A União dos Escritores em meados de 67 aprova uma resolução pedindo mais democracia e fim da censura. Em outubro, novembro, os estudantes vão pra rua com a mesma exigência"; "Então na segunda feira, 13 de maio houve em Paris a maior manifestação da história social da França, uma manifestação, uma passeata gigantesca, segundo a polícia, com 400 a 500 mil pessoas, segundo a polícia, e segundo os otimistas, 1 milhão de pessoas. É um movimento rápido, que faz que com uma semana depois, no dia 20, 21, o movimento está quase alcançando seu ponto máximo". É possível inferir a partir desses exemplos, uma clara preocupação com o entendimento do assunto pelo público, uma vez que esses recursos próprios de uma narrativa – a clareza do texto, o uso de exemplos – contribuem para segurar a atenção do espectador e envolvê-lo no fato narrado, trazendo a história para perto dele, tornando-a mais viva e presente.

Cabe para este Multiponto, uma análise de cunho mais qualitativo do que quantitativo, pois as inferências extraídas do conteúdo analisado encontram-se implícitas na pauta como um todo e ao longo da mensagem exposta durante todo o programa. Se forem comparadas as quantidades unidades de registro que salientam a clareza do texto, a fim de cumprir a função pedagógica do conteúdo, com os outros Multiponto, percebe-se um número menor de indicadores explícitos dessa categoria. No entanto, o programa não deixa de apresentar essa função, que parece

estar implícita ao longo das falas das fontes – claramente pedagógicas, pois explicam e contextualizam os fatos – no decorrer de todo o programa, que vai apresentando os acontecimentos numa sequência lógica e narrativamente pensada. Foram contabilizados, ao todo 78 unidades de registro de um texto claro e objetivo, onde aparecem orações breves, exemplificações, números e nexos explicativos. Alguns exemplos que evidenciam isso são: "Então está se formando a greve geral na França."; Então, eu diria, eles estavam prontos para bater para o gol. Eles tinham a bola, estavam sozinhos na frente da goleira, bastava bater para gol. E o De Gaulle, a equipe adversa diz: não, vamos fazer as eleições. Daí o time contra De Gaulle pegou a bola e devolveu a bola pro De Gaulle, e ele marcou o gol. Então a população vendo que as centrais sindicais e os partidos de esquerda devolvendo e dando a bola para De Gaulle, dizendo: ele que está certo. Isso te permite entender um pouco o que parece ser uma mudança de opinião incrível".

A pauta do programa, por manter uma relação com a História, já apresenta por si só uma função social, uma vez que o conteúdo suscita a compreensão de eventos passados e sua conexão com o presente. O uso de recursos visuais também evidencia a preocupação com a transmissão do conhecimento acerca dos fatos, uma vez que fotos e imagens em movimento aparecem pelo menos 15 vezes durante o programa. Vale comentar que uma peculiaridade desta série (em comparação com os outros Multiponto do corpus) é a predominância de trechos de filmes sobre os respectivos acontecimentos, que, em consonância com o texto e o som, despertam interpretações e comparações subjetivas ao espectador. Embora não haja durante toda a série a presença de passagem de estúdio, em alguns momentos são elaboradas legendas com o nome do país que será abordado, uma trilha típica e fotos do momento narrado: Uruguai, Estados Unidos, por exemplo. Todos esses elementos acabam servindo para que o conteúdo do programa seja melhor assimilado pelo público e, por isso, correspondem à função pedagógica e social do Jornalismo Científico.

A pauta deste Multiponto tem um gancho com a realidade, o que lhe confere atualidade, e seus desdobramentos são de tal forma abordados, que o programa pode ser veiculado num espaço de tempo amplo. No Multiponto 1968 – Mundo, não se verificou a presença de unidades de registro que lhe conferem temporalidade. A

análise histórica, a contextualização e a repercussão do conteúdo tratado podem ir ao ar em diferentes momentos, ou seja, não perdem a validade.

6.4.2 Multiponto 1968 – América

Para a análise do programa Multiponto 1968 – América, pode-se traçar observações semelhantes às do Multiponto 1968 – Mundo, uma vez que ambos fazem parte da mesma série. O que lhe é próprio, contudo, são os fatos, personagens e lugares narrados, contextualizados no continente americano e mais especificamente no Uruguai e nos Estados Unidos. Neste programa são analisados, sobretudo, a atmosfera de contestação cultural, política e social e as mudanças daí decorridas em toda a América.

A primeira fonte entrevistada para esse programa contextualiza o ano de 1968 e relaciona fatos como a Revolução Cubana, revoltas ocorridas no México e o movimento estudantil sul americano. Cabe observar que esse trecho é de aproximadamente 5 minutos, um tempo longo para os moldes da reportagem televisiva, durante o qual aparece uma única vez o recurso visual de fotos. Na sequência são analisados os contextos norte-americanos, como o movimento hippie e as suas influências, a questão do racismo no país e a relação dos Estados Unidos com as outras nações no período da Guerra Fria. O outro país tratado pelas fontes é o Uruguai e a sua agitação política e social no período de ditadura militar. Ao todo, foram contabilizados 60 indicadores de temáticas diferentes, como por exemplo: Guerra da Coreia, Guerra Fria, movimento estudantil, crise política e econômica, anti-imperialismo, domínio espanhol colonialista na América Latina, movimento de libertação nacional Os Tupamaros, entre outros. Vale lembrar que, ao inferir a categoria universalidade, este programa assemelha-se ao Multiponto 1968 – Mundo e também mantém suas temáticas relacionadas com a História e com a Ciência Política.

A função pedagógica e social pode ser inferida neste programa a partir do uso de expressões como: “ações que são chamadas de ‘ações Robin Hood’, e são

ações que em primeiro lugar, procuram não produzir a perda de vida, não agredir as pessoas que possam ser alvo das suas ações”; “os Estados Unidos, no final dos anos 60 vive uma situação muito problemática, interna e externamente falando”; “uma guerra muito difícil de se ganhar”; principalmente porque essa guerra estava aparecendo nas imagens que chegavam ao vivo e ela estava se mostrando muito crua”; ele defendia a ideia de que os negros deveriam lutar por aquilo o que eles achavam correto”. Desdobramentos políticos e históricos mais complexos são exemplificados pelas fontes, de forma mais simples; às vezes tão clara e objetivamente, pois os fatos exigem um detalhamento maior e uma considerável contextualização. Mas esse esforço, mesmo que torne falas mais longas, acaba sendo necessário para a compreensão da mensagem. A contagem dos indicadores da categoria função pedagógica e social resultou em 72 trechos onde se observa a tentativa pelo esclarecimento do conteúdo. Há também a utilização de recursos visuais em, pelo menos, 23 trechos do programa, o que evidencia a preocupação em traduzir em imagens aquilo o que se está sendo dito.

Multiponto 1968 – América não apresenta unidades de registro que marcam temporalidade, o que permite inferir, que, além de o programa possuir um gancho com a realidade (a comemoração dos quarenta anos de 1968), ele não perde a relevância se veiculado num momento posterior, devido ao aprofundamento da sua temática como um todo.

6 ANÁLISE GERAL

O programa Multiponto, produzido desde dezembro de 2007 pela UFRGSTV, apresenta determinadas características, observadas através da análise realizada neste trabalho. A fim de relacionar o seu conteúdo e a forma de sua produção com os objetivos, funções e predicados do Jornalismo Científico e da linguagem audiovisual, foi necessário estabelecer categorias de análise que possam nortear as observações realizadas, como a universalidade (característica do Jornalismo Científico), a função pedagógica e social (característica do Jornalismo Científico e a atualidade (característica do jornalismo, mas peculiar em relação ao jornalismo Científico).

O Jornalismo Científico tem um caráter de mediador de universos através do uso de recursos narrativos que esclareçam a um número amplo de indivíduos a informação científica, muitas vezes limitada ao mundo acadêmico. Nesse sentido, frases de ordem direta, utilização de sinônimos e palavras mais simples para explicar algo complexo são formas textuais que podem ser utilizadas para validar a função pedagógica do Jornalismo Científico, ampliando os destinos da informação científica. O Multiponto Darwinismo, bem como o Multiponto Impactos Ambientais cumprem essa função especialmente na área do conhecimento da biologia, da genética e da geografia, que envolvem saberes muitas vezes restritos aos laboratórios de pesquisa. Unidades de registro extraídas dos programas que evidenciam essa característica do Jornalismo Científico são, por exemplo: “a urbanização provoca coisas interessantes”, “a gente atende bastante aves”, “ele não tem a característica de morar em geleiras, como as pessoas imaginam”, “que funcionam como se fossem uma borracha, que tu apertando de um lado, ele salta para outro”, “camada de vaporitos sobre as rochas, que é conhecido popularmente como sal”, “”, “no processo de replicação, uma das letrinhas do texto químico que diz o que o indivíduo é, há um erro”, “Então na segunda feira, 13 de maio houve em Paris a maior manifestação da história social da França, uma manifestação, uma passeata gigantesca, segundo a polícia, com 400 a 500 mil pessoas, segundo a polícia, e segundo os otimistas, 1 milhão de pessoas”. Esse tipo de recurso facilita a

disposição da informação e o seu esclarecimento, afirmando o jornalismo como forma de conhecimento.

Além disso, os recursos visuais ajudam a explicitar, ou provocar interpretações sobre o que está sendo falado. Sem imagens, o jornalismo em TV estaria inviabilizado, pois elas desempenham um importante papel, que é o de conferir um apoio à informação, da qual o telespectador toma parte sem o sustento da leitura. A utilização de animação e fotos de genes por exemplo, constatados no Multiponto Darwinismo, ajudam a esclarecer a informação explicada pelas fontes entrevistadas. Quando o assunto tem relação com as ciências humanas, como a História por exemplo, um recurso utilizado é o uso de imagens de filmes, que trazem à tona a época sobre a qual está sendo feita a respectiva discussão. Esse recurso é observado principalmente no Multiponto Especial 1968, ao se falar sobre os acontecimentos do período em vários países e no Multiponto Pré-Sal, quando se retomam alguns fatos que fazem referência ao momento presente, à situação da exploração do petróleo e aos seus impactos político-sociais no país. Além disso, as fontes lançam mão de expressões simples para explicar temas que exigem maiores reflexões.

O texto do repórter falado em *off* e nas passagens de estúdio se apresenta de forma clara, conferindo plasticidade ao conteúdo abordado. As fontes entrevistadas principalmente para a produção do Multiponto Especial 1968 abordam as narrativas históricas como se estivessem contando uma história, pois seguem, em diversos momentos, um linha narrativa com início, meio e fim, o que contribui para a compreensão da totalidade da mensagem.

A linguagem televisiva por si só exige que a informação seja transmitida de forma clara e objetiva e, seguindo os padrões da linguagem audiovisual, o Multiponto cumpre essas expectativas, unindo os recursos e técnicas televisivas com os conhecimentos científicos. Isso vai ao encontro à linha editorial da UFRGSTV, que se propõe à captação de imagens de qualidade, que estejam relacionadas com aquilo o que se está sendo dito, a fim de melhorar a compreensão do conteúdo e torná-lo atraente para o público. Isso pode ser observado em todos os programas pertencentes ao corpus da pesquisa, uma vez que eles apresentam uma variedade de recursos visuais distribuídos ao longo das falas dos entrevistados. Como estrutura de programa, o Multiponto segue um padrão, iniciando por uma vinheta de

abertura, seguida de uma fala em *off* do repórter que introduz a temática abordada, uma passagem de estúdio que reforça a discussão feita pelas fontes e a seguir, a sequência de entrevistas com fontes especializadas que conferem a densidade de conteúdo do Multiponto. A presença do repórter no produto audiovisual é fundamental, uma vez que ele aproxima público e informação. O único Multiponto pertencente ao corpus que não utiliza este recurso é o Multiponto Especial 1968, pois ele inicia com um *off* e segue diretamente para as entrevistas com as fontes.

As temáticas escolhidas para a produção do Multiponto evidenciam a universalidade do Jornalismo Científico, que procura apresentar e integrar conhecimentos de diversas áreas. Em um programa como o Multiponto Pré-Sal, por exemplo, há uma ampla variedade de temas e saberes, uma vez que a pauta por si só desperta uma discussão em diversos âmbitos. Ao compará-lo com o Multiponto Especial 1968, percebe-se que este último centraliza seus desdobramentos principalmente nas áreas da História e da Ciência Política; o que não significa uma redução da universalidade temática, apenas a opção pelo tratamento dado à pauta escolhida, que apresenta um cunho histórico-político. A universalidade verificada na análise do Multiponto pode ser entendida do ponto de vista da amplitude de áreas do conhecimento trazidas por cada programa, pela variedade de fontes que apresentam conceitos e análises diversos (por exemplo: no Multiponto Darwinismo, unidades de registro que evidenciam essa universalidade são “teoria das dinâmicas da Terra”, “teorias como a do uso e do desuso”, “seleção natural”, “a vida varia através da síntese de duas determinações e de duas causalidades microscópicas e macroscópicas”, “variações astrofísicas”, no Multiponto Impactos Ambientais, as unidades são “crescimento urbano”, “geografia”, “biodiversidade”, “migração”, “transformações no clima”, no Multiponto Pré-Sal, exemplos disso são: as fendas geradas com a divisão dos continentes”, “água do oceano passa para estado de vapor”, “camada sedimentar e configuração geofísica”, “modernização e mudança do país”, “abastecimento da economia brasileira”, “neoliberalismo”, “grande crise do sistema financeiro” e no Multiponto Especial 1968, verifica-se a presença de unidades registro como “ditadura”, “capitalista”, “onda neoliberal”, “relações familiares”, “baby boom”, “Segunda Guerra Mundial”, “Guerra da Coréia”, “Guerra Fria”, “movimento estudantil”, “crise política e econômica”, “anti-imperialismo”,

“domínio espanhol colonialista na América Latina”, “movimento de libertação” nacional “Os Tupamaros”.

A variedade de fontes utilizadas evidencia também a multiplicidade, não somente de áreas do saber, mas também de um grande número de pontos de vista sobre um assunto, o que é característico da reportagem jornalística. Diferente da notícia, a produção de uma reportagem permite a abordagem de determinada temática sob um olhar editorial, bem como o aprofundamento da pauta escolhida. O tratamento que as temáticas recebem no Multiponto evidencia esse caráter e está de acordo com os objetivos traçados pela equipe da UFRGSTV. Cabe salientar que o formato reportagem possibilita uma maior reflexão sobre os assuntos, de forma que o público possa não apenas informar-se, mas compreender e refletir sobre o que está sendo dito. Este aspecto reforça também o papel da universidade, que é um espaço de desenvolvimento do espírito crítico, de produção de novas ideias e portanto, de avanço científico.

O produto jornalístico pode, portanto, contribuir para afirmar a identidade da própria universidade da qual utiliza os recursos técnicos e informativos. Nesse sentido, como resultado de uma produção que envolve integrantes da UFRGS, O Multiponto reforça o seu papel social, pois permite que, através do seu conteúdo, mais pessoas possam conhecer o que é feito no universo acadêmico e relacionar os apontamentos da ciência com o cotidiano. Enquadrando-se no formato de reportagem jornalística, o Multiponto não trata a ciência de forma superficial, atendo-se ao sensacionalismo que muitas vezes as descobertas científicas podem desencadear. Sua universalidade temática está antes em conformidade com o que o tratamento de um assunto sob o olhar de cientistas demanda, isto é, a diversidade de visões e o seu respectivo aprofundamento.

Inserido na produção da Unidade Produtora UFRGSTV, a abordagem que os temas ganham no Multiponto os confere a capacidade de suplantar os acontecimentos da UFRGS, não limitando o seu conteúdo à apresentação de laboratórios ou projetos de pesquisa. Suas pautas são desenvolvidas em consonância com questões que envolvem o público em geral, que atingem o cotidiano da população. Isso pode ser observado a partir da entrevista com os dois integrantes da UFRGSTV, Fernando Favaretto e Paulo Cabral, que explicam que o Multiponto surgiu justamente da percepção de ações que extrapolavam o ambiente

da Universidade e atuavam diretamente na comunidade. Verificou-se a relação do que era teorizado dentro da academia e do que estava sendo reproduzido efetivamente no cotidiano das pessoas para influenciar o dia a dia das comunidades.

A análise dos programas mostrou que eles apresentam a ponte do pensamento científico com as discussões públicas acerca de um tema. Do contrário, o Multiponto não poderia ser caracterizado como jornalismo. A escolha das pautas evidencia essa característica, pois todas (impactos ambientais, influências de 1968, pré-sal, darwinismo) são pertinentes e representativas em termos de noticiabilidade jornalística. Os valores notícia, que justificam a veiculação de determinada pauta pelos meios de comunicação, estão presentes no Multiponto, pois o programa propõe debates de temas que possuem um gancho com a realidade, com o momento presente e são relevantes do ponto de vista do interesse público. A UFRGS serve como fonte referência, a fim de referenciar questões factuais do cotidiano.

Segundo Paulo Cabral, o Multiponto, como produto jornalístico confirma esse aspecto: “pensando nessa questão, entendendo que sistematicamente alguns temas vêm a tona, alforam, tomam conta do noticiário internacional, são pautas mundiais, temos condições de preparar sobre isso e puxar não só para nossa realidade, como fazer essa dimensão do nosso territorialismo em relação ao mundo. O quanto a gente vive aqui é pertinente em relação ao resto do mundo e o quanto as pessoas devem saber lá fora o que acontece aqui: é sair desse limite regional e ao mesmo tempo discutir temas que são mundiais, universais, a partir do exemplo local. É discutir como o momento que estamos vivendo está sendo enfrentado e como essas soluções que estamos encontrando aqui podem influenciar lá fora”. (CABRAL, 2010). Nesse sentido, o Multiponto, como produto jornalístico atua como construtor da realidade, uma vez que a equipe envolvida nos seus processos é participante ativo, permitindo que ele seja resultado de uma interação que ocorre entre universidade, jornalismo e público.

A atualidade verificada no Multiponto está de acordo com a atualidade característica do Jornalismo Científico (comprometido com os processos científicos), que não é necessariamente a mesma do jornalismo diário praticado nos grandes veículos de comunicação de massa. A análise dos programas aponta para o entendimento de que eles não perdem o vínculo com o factual pela escolha de suas

pautas. Impactos ambientais, exploração do petróleo, influências políticas de uma época, evolução das espécies são pautas que não possuem um prazo de validade curto e podem ser discutidas em um longo período de tempo. Há algum acontecimento ou fato desencadeador da produção dos programas, o que os permite estar de acordo com o momento presente. No entanto, não foram encontradas unidades de registro que confirmam temporalidade aos programas, limitando sua veiculação a um curto espaço de tempo, como “amanhã”, “nesta semana”. Este aspecto reforça a proposta da UFRGSTV em relação ao Multiponto, que é justamente torná-lo perene no tempo, de forma que seja um registro histórico das questões que dizem respeito à universidade e à população.

A partir dos dados coletados do roteiro de decupagem dos programas, da entrevista realizada com membros da equipe da UFRGSTV e interpretando-os segundo o aporte teórico do jornalismo, do Jornalismo Científico, das propriedades da informação na televisão e das características da UFRGSTV, é possível traçar diversas considerações que encerram os objetivos e justificativas desta pesquisa; o que será desenvolvido no próximo capítulo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo no qual a reflexão e o aprofundamento perdem espaço para a novidade e para o sensacional e a razão se vê muitas vezes submetida aos apelos sensoriais, o jornalismo e ciência se encontram em um mesmo canal. Sem perder de vista os critérios de noticiabilidade, o jornalismo deve aprofundar, discutir, abandonar a superficialidade e avançar para o tratamento de temas científicos. Nesse sentido, os dados que dispomos nos levam a pensar que os meios de comunicação, e em especial a TV universitária, podem viabilizar o acesso ao conhecimento científico, já que não é próprio da ciência permanecer afastada da população e adornada por uma linguagem de pouca compreensão.

A análise do material coletado para este trabalho indica que Multiponto aborda temáticas relacionadas à ciência de uma forma clara e atraente para o público. Multiponto apresenta uma linguagem audiovisual, observada por meio das unidades de registro presentes em cada programa. Isso denota a preocupação em tornar o conteúdo veiculado acessível ao telespectador. Questões como a formação do pré-sal, os desdobramentos políticos, sociais e culturais de maio de 68 ou as teorias darwinistas são abordadas de forma clara e objetiva. O uso de recursos visuais como trechos de filmes, animações e imagens em movimento contribuem para a assimilação da mensagem. A função pedagógica do jornalismo científico se faz presente principalmente nesse aspecto, pois a partir dos recursos narrativos empregados, as discussões ganham um relevo social, então difundidas por um número maior de pessoas. Nesse sentido, o conhecimento científico serve de embasamento para a produção jornalística do Multiponto. Esta, munida dos depoimentos, análises e explicações de suas fontes ligadas à ciência, pode ser capaz de arranjar a informação científica num formato comunicável e socializável, viabilizando sua expansão do laboratório e da sala de aula para um público mais amplo. Esse parece ser justamente o papel do jornalismo científico, o de levar a muitos algo que inicialmente é compreendido por poucos.

O Multiponto não se trata, todavia, da notícia de determinada descoberta ou de uma novidade da ciência. Os objetivos da equipe produtora e as características dos programas evidenciam um caráter de reportagem jornalística, na qual há o aprofundamento de determinado assunto a partir de fontes especializadas, podendo

partir de um fato gerador de interesse ou não. Dois exemplos relacionados a isso presentes no corpus analisado são o Multiponto Impactos Ambientais e o Multiponto Pré-Sal. Em ambos a temática apresentada tem uma relação com o cotidiano das pessoas, pois tratam de temas cuja relevância social é notavelmente um dos valores notícia. Entretanto, o primeiro deles não foi produzido a partir de um fato gerador específico, isto é, sua pauta não está relacionada diretamente a algum acontecimento da época em que foi veiculado. É interessante avaliar a questão da atualidade nesse aspecto, pois o programa Multiponto Pré-Sal - assim como outros da amostra - foi produzido a partir de um gancho com a realidade, o que justifica sua veiculação num determinado período de tempo. Mesmo submetido à questão da temporalidade, sem a qual qualquer produto jornalístico estaria inviabilizado, o Multiponto tem sua atualidade garantida num amplo espaço de tempo, se tomarmos em consideração a instantaneidade e a efemeridade características do material telejornalístico tradicional. Um dos indicadores que aponta para essa inferência é a ausência de expressões que limitam a exibição a um determinado período, como “amanhã”, “nessa semana”.

Entendida a ciência como manifestação do desejo do homem de conhecer a si próprio e o mundo que o cerca através de um saber ordenado, metódico e comprovado, visualiza-se a importância de concebê-la inserida em um contexto social. Isto é, não se pode apartar a ciência, ou, em concreto, as descobertas e os avanços científicos da população, uma vez que o conhecimento científico deve ter como finalidade o serviço à sociedade. Numa civilização que não só depende dos avanços científicos como também é diretamente influenciada por eles, ter acesso ao pensamento de quem produz ciência é algo de vital importância.

Percebe-se que a abordagem dos temas presentes no Multiponto abarca diferentes áreas do conhecimento. Isso acontece dentro de um mesmo programa, como o Multiponto Pré-Sal, por exemplo, ou entre os programas em si, já que tratam de analisar e investigar saberes com os quais trabalha a ciência. As fontes utilizadas para as entrevistas, por estarem ligadas a um universo científico determinado, representam, por si só, a área do conhecimento: bióloga, físico, historiador. A universalidade do Jornalismo Científico é evidenciada também no uso de expressões e conceitos que englobam um ramo do conhecimento e despertam diversas interpretações.

A mídia pode ser, nesse sentido, porta voz desse saber numa TV universitária sustentada pelo compromisso ético-social que move a universidade. O jornalismo praticado nesse contexto afirma-se como um elo entre as pesquisas, as descobertas e as diferentes visões desenvolvidas no mundo acadêmico e a população, a fim de que ela seja capaz de avaliar e formar suas próprias opiniões a respeito de si mesma e do seu entorno. Isso também significa um retorno da Universidade à população, uma vez que esta pode tomar parte do que está sendo produzido na dinâmica acadêmica. A participação dos alunos nesse processo está ligado à função social que a ciência produzida no contexto de Universidade implica, pois através do seu trabalho (que envolve a prática jornalística) devolvem para a comunidade o conhecimento ao qual ela tem direito. Nesse sentido, a produção audiovisual da UFRGSTV é um registro da própria Universidade, de suas fontes, de suas pesquisas, de seus projetos e de suas visões de mundo. Isso contribui para que as pessoas envolvidas nessas ações conheçam o lugar do qual fazem parte e possam servir à sociedade com o seu trabalho de divulgação científica.

Visualiza-se, portanto, a TV universitária como um espaço inserido dentro do contexto acadêmico, o que lhe proporciona um contato direto com a produção acadêmica e lhe coloca frente a fontes especializadas sobre os mais diversos temas científicos, sendo um local de possibilidade para a prática do Jornalismo Científico e um instrumento em potencial para a divulgação do saber.

REFERÊNCIAS

ARTIGAS, Mariano. Filosofía de la ciencia. Pamplona: EDICIONES UNIVERSIDAD DE NAVARRA, SA, 1999.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977

BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. São Paulo, Editora da USP, 1971.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Científico no Brasil : aspectos teóricos e práticos. São Paulo: ECA/USP, 1988

BUNGE, Mario. La ciencia su método y su filosofía. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1987

CURADO, Olga. A notícia na TV: o dia a dia de quem faz telejornalismo. Sao Paulo: Alegro, 2002

HERNANDO, Calvo. Civilización, Tecnología e Informática. Ed. Mitra, Barcelona - España – 1982

_____. Teoria e técnica do jornalismo científico. São Paulo, ECA/USP, 1970

KUNCZIK, Michael. Conceito de jornalismo: norte e sul. Manual de comunicação. São Paulo: Edusp, 1997

LAGE, Nilson . A estrutura da notícia. São Paulo: Ática, 2006

_____. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.

Rio de Janeiro: Record, 2004.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. TV Universitária: limites e possibilidades. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ROSSI, Clóvis. O Que é jornalismo. São Paulo: Brasiliense, 1980

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2004-2005

VIZEU, Alfredo Eurico. O lado oculto do telejornalismo. Florianópolis: Calandra, 2005

_____. A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008

MIGLIACCIO, Inês. O conhecimento científico como um dos fundamentos da formação universitária do jornalista científico. 223 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo SP, 1989

REIS, José. "O caminho de um divulgador". Depoimento. Ciência e Cultura - SBPC. vol 34 (6), São Paulo. Junho 1982

IVANISSEVICH, Alicia. A mídia como intérprete: como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. IN: VILAS BOAS, Sergio (Organizador). *Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos*. p. 13-29. São Paulo: Summus, 2005.

FRANÇA, Martha San Juan. Divulgação ou jornalismo?. IN: VILAS BOAS, Sergio (Organizador). *Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos*. p.31-48. São Paulo: Summus, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? In Media & Jornalismo, 2005

HERSCOVITZ, Heloíza. Análise de conteúdo em jornalismo. IN: BENETTI, Márcia (Organizador). Metodologia de pesquisa em jornalismo Petrópolis: Vozes, 2007

Sites da internet

<http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm> - acessado em 14 de setembro de 2010

ANEXO A – DECUPAGEM

DECUPAGEM DOS PROGRAMAS

MULTIPONTO IMPACTOS AMBIENTAIS

<p>VINHETA UFRGS VINHETA MULTIPONTO</p>	<p>PASSAGEM EM ESTÚDIO</p> <p>LOC1: Inspirada no ideais de liberdade e de solidariedade e comprometida com os avanços humanos, científicos e tecnológicos, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul é uma referencia na produção de conhecimentos.</p> <p>LOC2: E é a partir da dinâmica e da evolução desses conhecimentos que a UFRGSTV desenvolveu o Multiponto, um programa que tem a preocupação de discutir assuntos de interesse e relevância sociais.</p> <p>LOC 3: A partir da produção acadêmica, científica e cultural de alunos e de professores da universidade, o Multiponto quer problematizar questões do nosso tempo e permitir novos olhares sobre temas carentes de maiores reflexões.</p> <p>LOC 1: O Multiponto quer que o telespectador analise suas concepções e e construa os seus conceitos com base na multiplicidade de olhares da universidade.</p> <p>LOC2: É em contato com diferentes visões de mundo, de sociedade e de relações humanas, cada um de nós pode desenvolver e qualificar saberes próprios, uma vez que o conhecimento exige liberdade.</p> <p>LOC3: E é comprometida com essa liberdade de pensar que a UFRGSTV apresenta agora o Multiponto.</p> <p>Faca do Multiponto, o seu ponto de partida.</p>
<p>VINHETA MULTIPONTO</p> <p>fotos antigas Porto Alegre fotos de rios – mapas físicos trilha</p>	<p>PASSAGEM EM ESTÚDIO</p> <p>LOC1: A capital gaúcha conta atualmente com 1 milhão e 300 mil habitantes, numa área de 47 mil hectares que continua se expandindo. Esse crescimento urbano acaba gerando prejuízos para a natureza, para a vida dos animais e para o próprio homem.</p> <p>OFF: os primeiros imigrantes chegaram a Porto Alegre por volta de 1732. A partir daí, a cidade cresceu graças a sua biodiversidade e as vantagens oferecidas pelos cursos de seus rios. Ao longo de 235 anos, o crescimento urbano se intensificou, modificando a paisagem da capital gaúcha, até chegar a forma que conhecemos hoje.</p>

<p>GC: Dirce Suertegaray professora de Geografia do Instituto de Geociencias da UFRGS</p> <p>imagens aéreas Porto Alegre morros baixadas lagos</p> <p>imagens Porto Alegre zona sul prédios avenidas viadutos automóveis</p> <p>Dirce Suertegaray</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>Do ponto de vista da geografia e da geografia urbana, a gente sempre ensina que a cidade surge a partir de um determinado sítio. E o que é o sítio? O sítio é o suporte, o receptáculo da cidade. Portanto, no nosso, aqui, Porto Alegre tem como receptáculo, toda essa área diversificada, do ponto de vista do relevo, da cobertura vegetal, da hidrografia. Nós temos morros, nós temos áreas baixas, nós áreas próximas a lagos, nós temos ilhas. Então essas feições todas, constituem o que seria a configuração da natureza original. Porto Alegre vai surgir do lago Guaíba, mais precisamente da ponta da cadeia e vai se estendendo basicamente pelos interflúvios, ou seja, pelas cristas mais altas, (mas não tão altas) e pelos vales, as regiões mais rebaixadas.</p> <p>OFF: Porto Alegre cresce em diferentes eixos. No sentido horizontal, a zona sul representa um ponto de expansão da cidade com o aumento do número de imóveis. No sentido vertical, o centro com o seu aglomerado de prédios é um exemplo da aglomeração urbana e da transformação do ambiente original. Mas a modificação da cidade também depende de outros fatores.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Os dados de população mostram que a cidade de Porto Alegre, não a grande Porto Alegre, ela não tem um crescimento populacional do ponto de vista migratório efetivo, de migração externa. Porque a população que vem de outras cidades, de outras regiões, ou mesmo da zonal rural do Estado, ou mesmo de fora do Estado, elas se dirigem à grande Porto Alegre, à região metropolitana. Então essa expansão de Porto Alegre, tem muitos estudos que indicam que ela ocorre a partir de uma mobilidade urbana, ou seja, da população que vive em Porto Alegre já, há mais tempo, inclusive populações migrantes dos anos 70 e que hoje, por circunstancias econômicas, por rebaixamento de suas rendas, tende a se dirigir para as periferias. Existe uma outra expansão urbana, que a gente também faz referencia e que traz problemas do ponto de vista de ocupação da cidade, que é a expansão dita informal: aquela população que ocupa áreas de forma irregular. Essa expansão se dá por exemplo, em direção aos morros, ou seja, em direção de muitas áreas de preservação de Porto Alegre. Também nós temos alguns impactos a ser considerados.</p> <p>OFF:</p> <p>A urbanização provoca impactos ambientais. Entre eles, as transformações no clima local, a poluição e o desmatamento. Essas mudanças influenciam, não apenas a vida das pessoas, mas também da fauna nativa.</p>
---	--

imagens Parque Farroupilha
coleta de lixo
automóveis
pessoas caminhando

Dirce Suertegaray

ENTREVISTA

A cidade produz coisas interessantes. De um lado, a cidade promove a diminuição da fauna nativa, na medida em que os animais tendem a se afastar desse ambiente construído. Mas ao mesmo tempo há outros animais que se aproximam desse ambiente construído e até proliferam. Isso também se associa a alguns refúgios. Nós temos aqui em Porto Alegre o Parque do Delta do Jacuí que efetivamente é uma grande área verde, um conjunto de ilhas que fazem esse papel de refúgio dos animais e inclusive daqueles animais que já em outras épocas, em função da construção de Porto Alegre, abandonaram esse espaço. Enquanto um parque que se constituiu após uma ocupação e que sofre um processo de ocupação, acho que é preciso que a gente pense nessa área com carinho, porque efetivamente, porque ela é uma área do ponto de vista ambiental, fundamental, mas é preciso que aquelas populações, especialmente aquelas populações que ocuparam um espaço por um processo de marginalização urbana, sejam associadas a esse processo e tenham um espaço efetivo de moradia num contexto ambientalmente adequado. A transformação daquele sítio original, por uma construção urbana, que vai gradativamente desconhecendo os problemas que essa construção promove. Hoje a gente já sabe, mas se a gente pegar a história de Porto Alegre, ou de qualquer outra cidade não havia essa preocupação.

PASSAGEM EM ESTÚDIO

LOC2: Uma das conseqüências da urbanização é a interferência na vida da fauna silvestre. Muitos animais que sofrem com isso, são tratados pelo hospital veterinário da UFRGS. Eles chegam através do IBAMA e de proprietários e também pelo Ceclimar, o Centro de Estudos Climáticos Limnológicos e Marinhos da UFRGS.

OFF: Algumas práticas humanas prejudicam a fauna silvestre. Entre as dificuldades enfrentadas pelo hospital veterinário estão os acidentes rodoviários e a falta de informação para lidar com esses animais.

ENTREVISTA

A cidade está crescendo e ela está invadindo áreas que seriam áreas dos animais por exemplo. Então é muito comum chegar aqui animais atropelados, animais que sofreram quedas, ou animais que tiveram algum contato com as pessoas, ou mesmo com automóveis e isso acontece. E aí os animais chegam aqui nesse grau de situação e muitas vezes por uma questão de estresse, uma parcela grande acaba morrendo. E isso tem um efeito da urbanização, direto ou indireto.

imagens de aves em tratamento médico

GC: Marcelo Alievi
Vice-diretor do Hospital Veterinário

<p>GC: Gisele Stein Médica Veterinária</p> <p>imagens de animais – lagarto, jacaré aula ao ar livre</p> <p>imagens pinguins</p> <p>Marcelo Alievi</p>	<p>ENTREVISTA A gente atende bastante aves, bastante roedor, que são os animais mais comuns que são atendidos. E a gente vê uma grande deficiência de informação sobre nutrição desses animais e sobre manejos desses animais. Muitos animais com roupas e banhos de shampoos que não são especializados, banhos toda a semana, todo dia. A mesma coisa, animais exóticos ou silvestres, por exemplo papagaios que comem pão com café, todas essas coisas que não são naturais de vida livre, as pessoas tentam passar isso pros animais. E isso é a maior dificuldade que a gente enfrenta. De explicar para o proprietário que ele é um animal e não um ser humano.</p> <p>OFF: Além do tratamento dos animais, os desafios do hospital são acompanhar a reabilitação e conscientizar as pessoas sobre a criação ilegal dessas espécies.</p> <p>O IBAMA me ligou, que tinha um animal atropelado e ele chegou pra mim completamente manso. Um animal que, em vida livre jamais teria essa mansidão, um canídeo silvestre agressivo. E no caso dele não, ele chegou pra nós com uma pata fraturada e a gente começou a tratar esse animal e na realidade a gente não sabe se esse animal era de vida livre realmente ou se ele era um animal domesticado, por ele ter essa mansidão que não é comum. A grande problemática que a gente enfrenta com esses animais de vida livre que a gente recebe, é a reintrodução deles. Porque a gente acredita que precisaríamos de todo um acompanhamento pós soltura desses animais para avaliar se nosso tratamento e essa nossa soltura está sendo válida. Porque um grande problema é a traslocação desses animais, que a gente não sabe até que ponto ele está afetando os animais que já estão em vida livre e até que ponto está sendo válido para esse animal voltar para a vida livre.</p> <p>ENTREVISTA A criação de animais silvestres em casa ou a manutenção de animais silvestres em casa, sem que esses animais tenham sido criados em cativeiro, é contra lei. É proibido. O Ibama, órgão que regula essa situação. Não adianta a pessoa ter e achar que num determinado momento, ele vai liberar essa posse. Ele não faz isso. Isso já se sabe que é uma conduta do próprio Ibama.</p> <p>OFF: O Ceclimar, Centro de Estudos Costeiros Limnológicos e Marinhos trata dos animais silvestres que chegam às praias do litoral norte gaúcho.</p> <p>ENTREVISTA:</p>
---	---

<p>Imagens Ceclimar foca, pinguins</p> <p>GC: José Pedro Rocha graduando em Medicina Veterinária UFRGS</p> <p>imagens pinguins</p> <p>Marcelo Aliveri</p>	<p>Um exemplo bem clássico disso são os lobos marinhos. Há milhões de anos, esses animais vieram para o nosso litoral, buscar alimentação e também faz parte da biologia, também nos meses de inverno, lobos e leões marinhos, saem de suas colônias no Uruguai e na Argentina, se deslocam até o Rio Grande do Sul, onde podem ficar descansando na praia, interagindo de outras formas também, que é uma característica normal. O que acontece também é que a maioria das pessoas desconhece esse fato e acha que esses animais marinhos estão com algum problema, debilitados, e tentam de alguma forma arranjar alguma solução pra esse problema. Entre aspas, que na verdade não existe. O pinguim que vem pra cá é chamado pinguim de Magalhães, o nome comum e ele não tem essa característica de morar em geleiras, como as pessoas imaginam. Então eles vem pra cá, em busca de alimentação, mais ou menos no mesmo período que os lobos marinhos no inverno, e retornam no verão. E o principal problema que a gente encontra e foi questão do ano passado, foram os animais que em 2006 chegaram petrolizados. Nós recebemos mais de 40 animais petrolizados que deveriam receber o tratamento então foram encaminhados até o centro de reabilitação.</p> <p>OFF: Tanto o hospital veterinário quanto o Ceclimar, realizam projetos para orientar a população sobre a forma correta de lidar com esses animais</p> <p>ENTREVISTA: O que a gente sempre recomenda é isso, é que só é possível a manutenção de animais silvestres em casa se esses animais são nascidos em cativeiro e autorizados pelo Ibama. Mas nós temos alguns projetos de extensão que buscam, pelo menos instruir as pessoas de que não é permitido manter animais não autorizados, animais silvestres em casa, sempre aquela questão de conscientização do que repreensão. A gente atende então a comunidade quartas e sextas-feiras. As pessoas então marcam hora e o animal é atendido, nesse momento junto com a consulta acaba se fazendo também a questão da conscientização. Os cuidados, ou fazer que, pelo menos a pessoa adquira outro animal, só claro, da forma legal. Da forma ilegal, pra que isso não aconteça.</p> <p>ENTREVISTA Pra lobos, então, o que a gente passa pra população é que: mantenha uma distancia de 10 metros de onde está da beira da praia, ligar para a patrulha ambiental da prefeitura da cidade, relatando que esse animal está na beira da praia, pra que a patrulha ambiental acione o Ceclimar e a gente possa fazer essa vistoria. Pros pinguins, o que a gente recomenda é que os animais estão debilitados. Podem estar manchados de petróleo</p>
---	---

	<p>Criar um ambiente atrativo no Jardim Botânico era uma das propostas do trabalho. Assim, a fauna local contaria com um maior número de espécies de borboletas.</p> <p>ENTREVISTA A gente escolheu o Jardim Botânico, por esse motivo, porque ele apresentou um ambiente com grande espécies de borboletas e por ele ter dentro, o próprio Jardim Botânico tem muitos biomas do estado representados dentro dele. É possível que, em função disso a propagação das borboletas tenha sido maior aqui. E por ser um ambiente que tem uma certa reserva, não é totalmente público, mas tem visitação pública, a gente achou interessante a ideia, um local de preservação. Em função de tudo isso. Conversamos com os administradores e eles acharam a ideia boa também e seria interessante tanto pra propagação das borboletas que já tem aqui, algumas novas que apareceram nas outras áreas que poderiam vir pra cá também, quanto pra trabalhos de educação ambiental, que seriam bem interessantes.</p>
Fabiana de Camargo	<p>ENTREVISTA A ideia de construir aqui uma espécie de borboletário, uma coleção de borboletas vivas, já remonta de bastante tempo. E com a chegada da Fabiana aqui, a gente partiu pra uma ideia um pouco mais audaciosa de criar ambientes abertos no próprio parque, pras pessoas que veem o Jardim Botânico que é uma unidade de conservação ter a possibilidade de ficar deslumbrados com todas as espécies de borboletas que nós temos na nossa fauna gaúcha.</p>
GC: Luiz Carlos da Silva Chefe da Divisão de Pesquisa do Jardim Botânico	<p>ENTREVISTA Cada espécie de borboleta tem uma espécie de planta associada a ela. Então é um trabalho bem minucioso. No Jardim Botânico, por exemplo a gente encontrou mais de 50 espécies de borboletas. Então cada uma delas a gente vai ter que fazer um estudo individual pra ver exatamente qual é a espécie de planta que ela se alimenta no estágio larvar. Na fase adulta ela se alimenta, tem uma flexibilidade da variedade de plantas que ela vai se alimentar. No estágio larvar é mais específico mesmo. De preferência, o que a gente gostaria é dar mais importância pras espécies de plantas que são ativas aqui do Estado.</p> <p>OFF: Mas não é só em grandes espaços que se podem atrair borboletas. Todos nós podemos fazer isso dentro de casa.</p>
Fabiana de Camargo	<p>ENTREVISTA A gente favorecendo o aparecimento de borboletas e outros insetos, a gente também vai estar favorecendo o surgimento de outros elementos da fauna, por exemplo diretamente o surgimento de</p>

imagens borboletas	<p>aves, que vão se alimentar não só das borboletas adultas, como das lagartas também. Essa aqui, a Lantana, ela é uma variedade amarela, ela até é menos comum, bastante bonita, boa pra jardinagem, a gente encontra em qualquer floricultura. Como ela a gente também encontra a Balsamina. Essa não é nativa, mas ela produz bastante néctar. Uma série de florzinhas fáceis da gente cultivar . E que sao muito boas pra atrair borboletas. A gente tendo árvores que, além de flores, deem também frutos, esses frutinhas quando caem no chão também fermentam, vão atrair outros tipos de borboletas , que ao invés de se alimentares de néctar, se alimentam dos sucos que esses frutos produzem quando caem . Por exemplo, goiabeiras, pitangueiras, coquinho, frutinhas de gerivá, das palmeiras, também atraem muitas borboletas E o legal é que esses frutinhas também atraem aquelas borboletas que, em geral a gente gosta mais: aquelas azulonas, aquelas grandonas. Outra forma de atrair borboletas pro seu jardim, é a gente tentar cultivar plantas que forneçam alimento pras lagartas das borboletas, pros estágios jovens das borboletas. Um bom exemplo de planta dessa natureza é o jasmin manacá ou o manacá primavera, uma arvore grande, linda, ela dá flores brancas e roxas, ela é muito cheirosa e também é uma árvore da gente encontrar em qualquer floricultura. Muitas espécies nativas do Brasil, do RS, que são muito interessantes, muito bonitas, muito decorativas e sempre que possível é bom a gente dar preferencia pra essas plantas.</p> <p>PASSAGEM EM ESTÚDIO Porto Alegre ainda possui importantes áreas de preservação da fauna nativa. Um exemplo é o Bugio ruivo, característico da Mata Atlântica e que está sendo ameaçado pela destruição do seu habitat. Para promover a preservação desses bugios na cidade, foi criado o programa Macacos Urbanos, uma parceria entre o departamento de Zoologia da UFRGS e da Prefeitura Municipal.</p> <p>OFF: Criado á 12 anos, o programa Macacos Urbanos estuda as relações entre a expansão urbana e a sobrevivência dos bugios.</p> <p>ENTREVISTA Aqui na região do Lami, onde a gente faz um monitoramento das populações de bugios que residem aqui nas áreas de matas de restinga, e a gente vem acompanhando a situação dessas populações frente às questões de urbanização que o bairro tem sofrido nos últimos 10 a 15 anos e no caso específico a gente vem acompanhando nesse fragmento de mata de restinga que a gente tem aqui , um grupo de bugios onde a gente vem detectando a morte desses animais e o desaparecimento desse bando em específico e verificando quais situações que podem estar causando essa situação. No caso aqui existem focos</p>
imagens de borboletas	
GC: Helena Romanowski Professora do Laboratório de Tecnologia de Insetos	
mostra as plantas	
fotos das árvores	

<p>imagensde Porto Alegre e dos bugios</p> <p>GC: Robberson Bernal Setubal Biólogo</p> <p>imagens de trilhas imagens de bugios</p> <p>GC: José Cláudio Godoy Fagundes Participante do Programa</p>	<p>de ocupação irregular, que vem fragmentando essas áreas de mata diminuindo o habitat desses animais.</p> <p>OFF: o programa tem realizado diversas conquistas para a preservação ambiental e preservação dos bugios. Um exemplo é a instalação de pontes para a passagem dos animais.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Nós começamos a ter relatos de animais que estavam sendo eletrocutados. No intermédio disso eles começaram a falar pra nós: tem um bico que levou um choque aqui, ali. E aí agente ía, mapeava o local e via se ali tinha uma passagem deles, de uma mata pra outra e ali nós instalávamos a ponte. Digamos, 8 pontes instaladas, digamos. E as pontes que a gente instalou, a maioria está sendo usada. Dentro do Recanto do Lago, que são 80 hectares, é a parte de Porto Alegre que possui a maior densidade de bugios, que é a parte que possui a maior quantidade de bugios por metro quadrado. Que é essa área de mata que tem aqui a nossa direita. E aí nós fizemos um levantamento de fauna, fizemos um trabalho de planejamento ambiental. E dentro disso fizemos um plano de manejo, que é o primeiro plano de manejo do estado particular. Esta é uma área particular, é a última área de restinga particular de Porto Alegre. E aí nós fizemos um levantamento de anfíbios, ave e fauna e dentro disso foi feito o plano de manejo de uso da área, tipo uma área de preservação, uma área que vai ser transformada em reserva particular de patrimônio natural, e uma área de uso do proprietário. Do ano passado pra agora, até esse momento, nós fizemos aqui um trabalho com os bixos da UFRGS, que seria o trote, já foram feitos 3 trotes aqui, que se chama o trote consciente, o trabalho é mais de conversar.</p> <p>OFF: A ligação entre o conhecimento popular e o científico orientam o projeto. O apoio e o envolvimento da comunidade são fundamentais para o sucesso do programa Macacos Urbanos.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Na verdade eu acho que essa convivência entre as pessoas que vivem na comunidade do Lami e os bugios, ela faz parte da história do bairro. A comunidade tem um respeito e a biologia desses animais. Isso nos chama bastante atenção e tanto que uma das informações que a gente acaba levando como conhecimento, que é o conhecimento popular, já tem bastante informação sobre os animais e sabe conviver com eles. O que a gente percebe é que tem uma mudança desses padrões da comunidade, pela chegada de novos moradores de maneira desordenada, sem uma orientação eficiente do município, dos órgãos governamentais e acaba havendo um choque frente a natureza desses animais. Mas as pessoas que residem aqui, a</p>
--	---

<p>Robberson Bernal Setubal</p>	<p>comunidade tradicional do Lami tem uma ótima relação com os animais locais.</p> <p>ENTREVISTA O que eu percebia é que eles já dão mais atenção, já cuidam mais do entorno, estão fazendo o plantio de mudas nativas. Eles já reconhecem a gente como pessoas que trabalham com macacos , eles procuram a gente pra fazer trabalhos, tipo assim, estão com algum bugio machucado, vão na nossa casa, procuram a gente. Eles começaram a entender o nosso trabalho. Mudou o pensamento deles em relação a derrubada de árvores. Eles pedem mudas de plantas pra nós, que a gente plantava: nós tínhamos um plantio de mudas nativas, que é o que a gente tem agora, no projeto aqui dentro dessa área, que é uma área particular.</p> <p>ENTREVISTA Esse diálogo franco e o entendimento entre as partes é fundamental. É o que a gente procura passar o entendimento do nosso trabalho, enquanto pesquisa científica e a importância disso, a valorização do conhecimento tradicional, que é o que a gente busca em contato com essa comunidade, que a comunidade também traga suas demandas de maneira que a gente possa vir a conversar com o poder público e efetivar ações de ocupação do espaço de uma maneira ordenada.</p>
<p>José Cláudio Gody Fagundes</p>	<p>ENTREVISTA Eu acho, pra nós muito importante, todos os assuntos que abordam a natureza. No caso aqui os bugios da nossa região, que eu sou um grande admirador desses animais, de todos os que estão aqui. As pessoas tem que aprender a conviver com os animais , que são seres iguais ou talvez muito mais desenvolvidos que nós próprios.</p> <p>OFF: Estreitar os laços com a comunidade e impedir ações que prejudiquem o ambiente, sao alguns dos desafios do programa.</p>
<p>Robberson Setubal</p> <p>GC: José Antonio Palmas Borges</p>	<p>ENTREVISTA O desafio é justamente adequar, resgatar esses conhecimentos tradicionais das pessoas, que já tem essa convivência harmoniosa até certo ponto, com os animais. Trazer nossa pesquisa do grupo, que vem se consolidando já á 14 anos, desde 1993. Então é agregar outras informações que possam enriquecer a questão da gestão ambiental, do gerenciamento dos recursos naturais, da ocupação do ambiente de uma maneira mais ordenada. Através da nossa pesquisa e através das informações da nossa comunidade.</p> <p>ENTREVISTA O mais difícil aqui está sendo conscientizar os caçadores, pra eles pararem de cacar, de desmatar, que eles desmatam, eles botam fogo, eles cortam a</p>

<p>legenda: Dezembro de 1831 a outubro de 1936</p> <p>GC: Samantha Klein UFRGSTV</p> <p>foto de Darwin</p> <p>GC: Aldo Mellender de Araújo Professor de Genética da UFRGS</p> <p>GC: Nélio Bizzo Biólogo da USP</p> <p>foto do mapa mundi com regioes em tonalidades diferentes foto do boto cor de rosa em um rio foto do mapa do Chile foto de um campo de flores foto de um pássaro</p> <p>GC: Zilá Costa Professora de Biologia da URCAMP</p> <p>foto dos coacervados com legenda</p> <p>foto de mar foto de uma joaninha foto de tucano foto de organismo marítimo</p> <p>GC: Rodrigo Singer Professor de Biologia da UFRGS</p> <p>foto em preto e branco de um navio fotos de animais</p>	<p>apurar o espírito humano, como definir uma viagem que mudou os rumos da ciencia? Uma experiencia como essa é para poucos, mas Charles Darwin superouos limites da sua época e a bordo do Beagle deu a volta ao mundo em cinco anos.</p> <p>PASSAGEM EM ESTÚDIO: Qual é a origem das espécies? Como evoluíram e evoluem os seres constantemente? Em que caminho anda a ciencia? O Multiponto de hoje vai apresentar questoes como essas através das ideias de pesquisadores das teorias darwinistas.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>O darwinismo tradicional, o darwiniano assim chamado, ele ajuda a explicar hoje tudo o que se encontra no mundo vivo. Os comportamentos humanos inclusive, entao por isso que ele continua sendo importante</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>O fato de ele ter visitado aquilo o que nós chamamos de rota spot de biodiversidade hoje, ou seja, lugares de muito endemismo, lugares continentais onde há espécies únicas. Nao foi só no Brasil que ele vaiitou um grande hotspptot que é a Amazonia e a Mata Atlantica, ele visitou também no Chile central, um aldo da Cordilheirq onde havia animais e plantas diferentes do outro lado da Cordilheira e que nem no norte nem no sul esses animais apareciam, ele teve contato com uma biodiversidade, ele viu como a biodiversidade ra enfim inerente à própria vida.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Como srgiu a vida? Eu acredito que a vida tenha surgido primitivamente, entao sou adepta da teoria dos coacervados. Acredito que as condicoes ambientais do nosso planeta, primitivamente até que evoluíram os primeiros agregados proteicos nos mares que eram quentes e densos e a partir daí entao por evolucao surgiram as espécies que hoje nós temos cm as quais convivemos e fazemos parte dela.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Ele é a primeira pessoa que tenta uma explicação clara, didática e que tem uma preocupação por explicar. Isso é convincente. Após a sua viagem no Beagle de cinco anos, ele acumula uma viviencia suficiente que o faz ver que a diversidade na vida na Terra nao pode ser explicada somente pela Bíblia. O Darwin que sai do Reino Unido para fazer a viagem ao redor do</p>
---	--

<p>foto do cosmos com uma mai e raios</p> <p>Zilá Costa foto do teto da Capela Cistina fotos do sistema solar</p> <p>Rodrigo Singer foto de ossadas de crânios imagem do acampamento de tratamento da gripe A</p> <p>GC: Rualdo Menegat Professor de Geologia da UFRGS foto planeta Terra</p> <p>Elio Bizzo Imagens rochas, Grand Canyon</p> <p>animacao/ fotos de linha do tempo da evolução</p>	<p>mundo é um Darwin religioso que nao questiona sua fé. O Darwin que volta é um Darwin que já começa a se questionar e entende que não é possível entender literalmente toda essa diversidade somente lendo a Bíblia.</p> <p>ENTREVISTA A teoria darwinista ou darwiniana não explica a origem da vida. Como surgiu a vida na nossa Terra e por extensão no universo que eu acredito que há uma inteligência superior – de acordo com o enfoque filosófico do indivíduo, que criou, que deu condicoes para que surgisse a vida. E é impossível que um planeta tao modesto como o nosso, num sistema tao modesto como o nosso tenha sido o privilegiado de ter vida em todo o universo. Eu acredito que há vida talvez não sob a forma que nós conhecemos, mas há vidas provavelmente mais inteligentes que nós, não sei, mas qual foi a primeira expressao de vida que surgiu, ninguém sabe, ninguém respondeu ainda essa pergunta.</p> <p>ENTREVISTA A evolucao nao é mais uma teoria, é um fato. A gente pode questionar a forma de como Darwin entendia como acontecia a evolucao. Darwin achava que a evolucao era necessariamente muito lenta. A gente sabe que nao – em alguns casos pode ser que seja muito lenta, mas também tem casos muito rápidos, a gripe, por exemplo. Até a nossa compreensão do problema do processo evolutivo evoluiu ao longo do tempo, desde a época do Darwin até hoje.</p> <p>ENTREVISTA Nós nao podemos ver a possibilidade de desenvolver uma teoria da evolução sem que se desenvolva essa teoria dentro de teorias das dinâmicas da Terra. Entao quando Darwin comecou a pensar na sua evolução, na evolução natural, ele tinha em mente toda uma ideia da evolução da Terra.</p> <p>ENTREVISTA Sem entender o que é tempo geológico, a extensão do tempo geológico, é impossível desenvolver uma concepcao moderna de evolucao. Voce pode até desenvolver uma concepcao fantástica de evolucao, mas ela nao vai estar adequada ao que os cientistas aceitam hoje em dia.</p> <p>OFF Chalers Darwin nao foi o primeiro a pensar em evolucao, Lamarck, por exemplo já havia formulado teorias como a do uso e desuso, mas não conseguiu provar como as características vantajosas sao passadas de geracoes para gerações. A partir de</p>
---	---

<p>humana foto de Lamarck foto de cromossomos foto de animais e plantas</p>	<p>Darwin foi possível concluir que particularidades que conferem vantagem competitiva num determinado ambiente, são mantidas por seleção. Essa é a famosa teoria da seleção natural.</p>
<p>Aldo Mellender de Araújo</p>	<p>ENTREVISTA A teoria dele, consubstanciada na teoria da origem das espécies tem dois grandes pontos de vista: que todos os organismos tem entre si graus de parentesco, maior ou menor e que essa grande diversidade pode ser explicada pela ideia de seleção natural. É claro que no século XX houve mitos acrescentados a essa teoria. O Darwin não sabia por exemplo como se originam as variações, e isso é fundamental, mas ele não sabia como. Na origem das espécies ele dedica um capítulo inteiro ao que ele chama de leis da variação, que seria o que hoje em princípio a gente trataria como genética, mas ele não sabia de genética. Isso só foi ser redescoberto em 1900, no início do século XX.</p>
<p>Zilá</p> <p>fotos de microscópios células cromossomos</p>	<p>ENTREVISTA Se tu realmente te fixares em trabalhos que são feitos ao longo do tempo e dentro de laboratórios e buscando corrigir desvios que acontecem na espécie humana, que é a que egoisticamente mais nos interessa, nós temos com certeza de nos valer do processo evolutivo, porque o processo evolutivo justifica evoluções que acontecem – positivas ou negativas – na estrutura do ser vivo, na célula, que é a estrutura básica do ser vivo.</p>
<p>GC: Renato Zamora Flores Prof Genética UFRGS</p> <p>fotos de pirâmide evolutiva do ser humano</p> <p>foto de comprimidos foto de bactérias</p>	<p>ENTREVISTA Porque nós estamos vendo o mundo dos seres vivos se transformar, e essa é a única teoria eficiente que temos para explicar a transformação das coisas vivas. Claro, que pode ser muito legal pra gente estudar como nós descendemos do chimpanzé. Orangutano, gorila ou de outros ancestrais como os australopithecus. Mas a evolução está acontecendo agora: quando uma pessoa toma um antibiótico, em 48 horas, as bactérias do seu intestino já estão resistentes a esse antibiótico: isto é o efeito da evolução. Nós selecionamos as resistentes e as sensíveis morrem.</p>
<p>GC: Luiz Alberto Oliveira Físico</p>	<p>ENTREVISTA Não há uma área da biologia que faça sentido se você não empregar a teoria da evolução. A biologia só pode ser compreendida em termos evolutivos. Todos os desenvolvimentos que vieram a seguir mantêm o núcleo básico da ideia de Darwin, que é que a vida varia através da síntese de duas determinações e de duas causalidades microscópicas e macroscópicas. A macroscópica é quando no processo de replicação, uma das letras do texto químico que diz o que o indivíduo é, há um erro. Esse erro que é a mutação, vai fazer</p>

<p>fotos de solo, montanhas e neve, animacao (chuva, sol)</p>	<p>que o indivíduo passe a portar um novo material de instruções, pelo qual ele vai engendrar cópias. Agora tem um outro tipo de causalidade macroscópica, que são os grandes fatos ambientais que agem com causas livres, mudando as circunstâncias em que a replicação do organismo se dá. Enquanto uma mutação microscópica se dá em trilhionésimos de segundo, uma variação ambiental pode se dar em prazos muito grandes. Por exemplo: os milhares de anos de variação do clima, os milhões de anos das variações geológicas, as centenas de milhões de anos das variações astrofísicas. A síntese dessas duas causalidades que aí, em última análise, moldar as novas espécies.</p> <p>ENTREVISTA O Darwin tinha de alguma maneira essa ideia também, de que a evolução a longo prazo é imprevisível. As pessoas gostam muito de saber „como será o ser humano daqui a mil anos?“ É difícil fazer essa previsão pra não dizer impossível. É que depende de condições ambientais. Se isso mudar, tudo o que a gente prever, vai falhar.</p>
<p>Aldo Mellender de Araújo</p>	<p>A contribuição dele é a consoante da natureza da memória da Terra, a consoante da natureza do registro geológico. O Darwin para montar a tese da evolução, ele precisa ter uma ideia de como o registro paleontológico é armazenado nas camadas da Terra. Então ele pode dizer que a vida que vivemos hoje é o resultado de uma longa e lenta evolução. Mas onde nós vemos? Onde estão os registros disso? Eles estão contidos nas camadas da Terra.</p>
<p>Rualdo Menegat</p> <p>fotos de fósseis</p>	<p>ENTREVISTA Nós estamos em vias de complementar, e, quem sabe até, eventualmente, suplantando a regra da seleção natural nessa função de engendrar desenhos de organismos vivos. Nós hoje somos capazes de intervir de maneira, de manipular tecnicamente, as unidades elementares de organização de todas as matérias, em particular dos seres vivos. Nós sabemos hoje manipular o manual de instruções escrito em linguagem bioquímica – no qual está especificado como cada ser vivo vai desenvolver, fazer uma cópia de si. Então, na medida em que nós vamos conseguindo artificializar a própria base molecular da biologia, esse é um momento de alta significância na história das espécies, durante toda a vida na Terra.</p>
<p>Luis Alberto Oliveira</p> <p>fotos de moléculas de DNA fotos de legumes e flor coloridos (artificiais) foto de cromossomos</p>	<p>PASSAGEM EM ESTÚDIO</p>
<p>Samantha Klein</p> <p>foto de Robert Spencer</p>	<p>A partir da descoberta das teorias de Darwin e da comprovação da origem comum dos seres humanos, muitas teorias e preconceitos raciais caem por Terra. Por outro lado, surgem</p>

<p>legenda: Robert Spencer é considerado o pai do darwinismo social. É autor da expressão: „sobrevivência do mais apto“, muitas vezes atribuída a Darwin.</p> <p>GC: Renato Zamora Flores professor de Genética da UFRGS</p> <p>Rodrigo Singer</p> <p>fotos de castelo foto de nobreza europeia foto de moedas</p> <p>Renato Zomora Flores</p> <p>Rualdo Menegat</p> <p>Zilá</p>	<p>desdobramentos da Teoria como o darwinismo social.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Era uma teoria pseudo biológica que dizia assim: rico tem o direito de ser rico porque é mais bem adaptado para ser rico. O que é uma grande bobagem. Ricos acabam tendo filhos ricos basicamente porque eles tem mais acesso ao controle do dinheiro e ao poder, como a gente pode ver, por exemplo nos nossos impátricos senadores, diferente das pessoas que não tem tanta educação, mas que podem ser tão competentes quanto.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Porque ele encontra que todos os seres vivos tem uma origem biológica comum. Isso vai de encontro com a própria hierarquia da pátria dele, uma hierarquia estabelecida no Reino Unido, que era uma monarquia, sendo que supostamente o monarca recebia o poder diretamente de Deus, ou seja, ele distribuía a nobreza. E tínhamos uma escala diferente, tínhamos uma sociedade baseada na desigualdade. Então o que acontece: se vai contra a evidências claras de que não apenas o ser humano, mas todos os seres vivos temos uma história biológica em comum e que isso pode ser comprovado cientificamente.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Darwin dizia assim: o problema da transmutação (era o termo que se usava na época pra dizer que as coisas vivas se modificam e não são estáveis) tem consequências políticas claras. Se as plantas e os bichos se modificam, porque a estrutura social deve ser estática?</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Por que luta pela sobrevivência? Não é porque, como mitos dizem, uma espécie é alimento para outra na cadeia alimentar. Não apenas essa ideia, que depois ficou sendo assim, um darwinismo um pouco social, da luta entre humanos: não, o Darwin está pensando na luta pela sobrevivência, sim da luta entre as cadeias alimentares entre as espécies, mas também de como toda essa biota sobrevive nos cenários dinâmicos da geologia planetária.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Num processo de evolução e de adaptação dos organismos mais inteligentes ao ambiente, que justifica a sobrevivência da espécie como tal, e a incapacidade de adaptação determina a extinção da espécie, embora hoje nós temos uma série de fatores que também são determinantes à extinção da espécie, não por falta de adaptação do ser vivo, mas</p>
--	---

<p>imagens do documentário „Uma verdade Inconveniente“</p> <p>legenda: „extincao de 45 a 200 espécies ainda nao classificadas</p> <p>Luis Alberto Oliveira</p> <p>foto de cidade, escritos em árabe, agricultura</p> <p>imagens de movimento urbano pessoas, carros, transito</p> <p>Rualdo Menegat</p> <p>legenda: mais de 6,5 bilhoes de seres humanos</p> <p>iamgens de árvores araucárias, natureza. Fotos de pássafos e peixes</p> <p>foto de árvore caída, terra árida, incendio, riacho, enchente (casas submersas)</p> <p>Renato Flores</p> <p>legenda:</p>	<p>por agressao de outros seres que existem no ambiente, sendo que nós, humanos somos os maiores autores dessa agressao que determina a extincao de espécies. Tanto que a gente sabe, falando em termos de Brasil, que, por dia, comprovadamente, se extinguem de 45 a 200 espécies ainda nao classificadas, desconhecidas, e que serao desconhecidas por toda a eternidade, em decorrenca do desaparecimento dos exemplares.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Desde que nós surgimos, mas mais particularmente de 12 mil anos pra cá, desde a invensao decisiva das cidades e de seus acessórios (agricultura, matemática, astronomia, escrita), o pertencimento à cultura se tornou tao decisivo quanto à constituicao organica. Nós só nos humanizamos completamente quando nós somos imersos no ambiente linguístico, simbólico, que é a cultura que fornece.</p> <p>Entao somos o genereo Homo Sapiens, somos Homo (um tipo de primata, um mamífero), mas nós somos sapiens, somos cognoscentes. E o que está acontecendo hoje é que Sapiens começa a predominar sobre Homo. Ou seja, o nosso pensamento, o nosso conhecimento, nossa capacidade de agir sobre o mundo, passa a incluir a nossa própria natureza.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Porque dada a magnitude da humanidade contemporanea – nós somos mais de 6 bilhoes e meio de seres humanos no planeta, dos quais mais da metade, urbanos, ou seja, 3,5 bilhoes de habitantes urbanos, já sem uma natureza ao nosso redor, só que esse gigantismo urbano impoe, modifica de tal forma, nao apenas as matas, a água de um rio, nao apenas a populacao de uma certa espécie de pássaros ou de peixes. Essa populacao humana já impacta as grandes esferas planetárias. Entao, entendendo Darwin, nós devemos pensar como hoje náos fazemos parte dessa natureza com todo esse gigantismo que temos, e o que nós podemos fazer do ponto de vista de um impacto que seja irreversível, nao danoso para o planeta, porque o planeta tem 4,6 bilhoes de anos. Ele está muito além da escala da espécie humana. O nosso problema todo é como nós desenvolvemos uma cultura capaz de acompanhar as mudancas que nós humanos ocasionamos na natureza. Esse é o nosso problema. Nosso problema é um problema cultural.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>A inteligencia tem um bom componente genético. A gente estima que mais de 70% da variancia do QI é dado por variancia entre os genes. E aí a pergunta que se faz é assim: quem tem mais filhos? Pessoas muito inteligentes ou pessoas pouco inteligentes? A resposta é bem evidente: as pessoas muito inteligentes e que estudam muito mais tem um</p>
---	--

QI > 130 tem 0,7 filhos
QI < 70 tem 2,7 filhos

número muito reduzido de filhos. Uma pesquisa americana mostrou assim, que pessoas com QI acima de 130 tinham em média 0,7 filhos. Pessoas com QI abaixo de 70 tinham em torno de 2,7 filhos. Dois filhos a mais do que as outras. Que genes nós estamos selecionando? Se isso significa que a inteligência da espécie humana vai diminuir, pode ser. Mas por que precisamos de tanta inteligência? O resto da bicharada não tem a nossa inteligência e vive muito bem. Então, como disse um evolucionista socialista, ele era claramente marxista, se a burrice vai ser selecionada a favor, os burros herdarão o mundo. É isso.

ROLL FINAL MULTIPONTO
TRILHA
VINHETA UFRGS

MULTIPONTO PRÉ SAL

<p>foto das camadas geológicas</p> <p>GC: Ildo Sauer Ex-diretor de gás e energia da Petrobrás</p> <p>Lucas de Oliveira</p> <p>Raul Bergmann Associação dos Engenheiros da Petrobras</p> <p>fotos de barris de petróleo mapas dos países citados</p>	<p>cada poco por dia, cada dia. Esse mapeamento leva de tres a cinco anos. Só depois disso é que se vai explorar efetivamente</p> <p>ENTREVISTA Há mais dificuldade por estar em camadas abaixo, depois, devido a característica do material, que é diferente. E ainda tem a dificuldade que é a rocha, que tem lá embaixo, que é uma rocha calcária. Não se sabe ainda as características dessa rocha, como é que é a distribuição. Isso aí só com o maior número de estudos, de pesquisas vão saber como é esse depósito.</p> <p>ENTREVISTA Pra isso é preciso concluir o processo exploratório, fazer mais de 100 furos para determinar a configuração geofísica desses reservatórios e quantificar. Se temos 30 bilhões de barris que já estão confirmados, 100 bilhões de barris que são esperados, ou até mesmo 300. Isso é uma coisa essencial, preliminar pra saber qual é a quantidade e quantos anos a gente precisa pra produzir esse petróleo, vinculado a necessidade de gerar recursos pra fazer os investimentos na área de modernização e mudança do país.</p> <p>ENTREVISTA Com grandes reservas de petróleo, a gente só encontrou aqui. A Petrobrás está procurando elementos ou indícios de petróleo abaixo do sal em outras regiões da América do Sul, inclusive, mais no litoral brasileiro, obviamente. Alguma coisa já foi identificada na Bahia, mas é possível encontrar pontos na camada pré-sal em vários outros locais da América do Sul, até lá nas Malvinas, talvez até lá Antártida.</p> <p>ENTREVISTA É uma jazida muito grande, 90 bilhões de barris, que é o valor conservador que a gente está adotando, com os 14 bilhões que o Brasil tem hoje, leva a 104 bilhões de barris de reserva. Isso torna o Brasil a quarta reserva mundial de petróleo, atrás da Arábia Saudita, Ira e Iraque. Na frente do Kuwait, dos Emirados Árabes, muito na frente de Venezuela, México e companhia.</p> <p>ENTREVISTA A sociedade tem visto, a partir da divulgação de alguns elementos dados por parte da imprensa e por parte, principalmente dos políticos brasileiros, como uma grande oportunidade de um grande cheque em branco.</p> <p>OFF</p>
---	--

<p>animacao barris de petróleo, números</p> <p>GC: Luiz Augusto Estrella Faria professor de economia da UFRGS</p> <p>imagens do documentário O petróleo tem que ser nosso</p> <p>GC: Vicente Ribeiro Mestre em História UFRGS</p> <p>Luiz Augusto Faria</p> <p>Ildo Sauer</p> <p>Raul Bergmann</p>	<p>Qual é a melhor forma de administrar milhões de barris de petróleo? Especialistas acreditam que é necessário adotar um novo modelo de exploração e de exportação.</p> <p>ENTREVISTA O importante é criar um modelo específico pro pré sal, pra sua exploração e pra sua regulação dessa riqueza. Por que isso? Porque o modelo de exploração que o Brasil tem até agora, é um modelo voltado pra maximizar a produção de petróleo a curto prazo pra garantir o abastecimento da economia brasileira e diminuir a circunstância que a gente tem hoje que o Brasil não depende mais de importação de petróleo. Ele já ficou autosuficiente.</p> <p>ENTREVISTA Vale destacar que a lei de 1997 ela constitui um marco regulatório do setor petrolífero no Brasil, dos mais liberais do mundo, isto é, daqueles em que a remuneração da propriedade da remuneração do sub solo é a menor comparando com outros países. O que está acontecendo agora é uma mudança desse marco regulatório e as propostas que estão em questão diminuem essa liberalização, mais ou menos.</p> <p>ENTREVISTA O caso do pré-sal é bem diferente, porque o que está estimado de volume de jazimentos nesses campos que vão começar a ser explorados, é muito mais do que o Brasil precisará para seu abastecimento nas próximas décadas. Então é uma boa parte, ou a maior parte dessa riqueza vai ser exportada. E o modelo para exportação tem que ser diferente.</p> <p>ENTREVISTA O sistema de concessões criado em 97, em pleno auge do neoliberalismo, quando se dizia que tudo o que era estatal era ruim, e o mercado resolve tudo. E o fim dessa história nós conhecemos ano passado com a grande crise do sistema financeiro, que foi a cabeça disso tudo, previa o sistema de concessões, onde a empresa pagava pelo direito de explorar petróleo numa certa área. Se ela encontrasse petróleo, ela pagava de 5 a 10% pra campos altamente produtivos. E no máximo os campos altíssimamente produtivos, a participação especial que chegava a 40% do valor total do petróleo produzido. O petróleo, depois de produzido era do concessionário.</p> <p>ENTREVISTA A partilha é o mal menor. Porque nem o governo ficando com 80 ou 90%, ele</p>
--	---

<p>imagens documentário O petróleo tem que ser nosso Getúlio Vargas</p> <p>imagens de trabalhadores em indústria</p>	<p>ainda mantém um certo controle, um certo controle. Não o controle que deveria, mas um certo controle. É um mal menor. Agora, a experiência diz que o poder de convencimento desses interesses são muito grandes.</p> <p>E tu deixaste essa brecha e daqui a pouco tu estás descobrindo que essa brecha foi arrombada. Então é uma coisa que não pode deixar brecha nenhuma, completamente sob o controle do governo e a única maneira é não ter leilão, é não dividir com eles. Querem dividir? Muito bem, então vamos usar essa riqueza no nosso parque produtivo e produzir produtos acabados. E aí nós vamos vender para vocês produtos acabados.</p>
<p>Vicente Ribeiro</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>Essas empresas mistas é uma solução de compromisso que modifica, que aumenta o peso do poder do Estado nessas áreas concedidas, mas não modifica completamente. É um meio termo que foi estabelecido. Eu acho que nós temos uma empresa pública, mesmo que boa parte das suas ações já terem sido privatizadas, ainda é uma empresa com maioria do governo. Até porque a Petrobrás detém a tecnologia, a qualificação da mão de obra para extrair esse petróleo. Do ponto de vista operativo, não é necessário conceder a novas empresas essa exploração.</p> <p>Muitas vezes se coloca que, do ponto de vista dos recursos financeiros, para financiar os recursos dessa exploração, seria necessária a parceria com outras empresas transnacionais. O que tem que ficar claro é que um país que detém essas jazidas de petróleo como o nosso, ele pode captar internacionalmente os recursos sem a necessidade de estabelecer parcerias com empresas transnacionais.</p>
<p>Rogério Maestri</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>Da mesma forma que uma empresa dessas – porque uma empresa dessas não tem dinheiro em caixa – uma Shell, uma Esso, isso aí eles tem de ações. Eles não tem 50 milhões guardados num banco para fazer essa exploração. Então eles vão ter que fazer o mesmo tipo de tomada de recursos, que teria que uma Petrobrás, ou outra firma brasileira, se tivesse, fazer.</p>
<p>Lucas Kerr</p> <p>foto Monteiro Lobato</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>Nesse sentido, eu acho que tudo o que a gente puder fazer para dificultar a participação das grandes corporações petrolíferas que tem muito poder, que tem muita capacidade de influência, é bom. É bom inclusive criar vários mecanismos para que elas participem. Mas as empresas sul americanas não, a gente pode criar mecanismos de privilégios para participar no mesmo pé de igualdade que as empresas brasileiras. Nesse sentido, eu estou</p>

<p>Rogério Maestri</p>	<p>partindo de uma posicao, inclusive que era defendida pelo Monteiro Lobato, que defendia 100% de participacao no petrleo brasileiro. Mas nao 100% estatal. As pessoas as vezes misturam o 100% estatal com o 100% nacional. Voce nao precisa proibir a iniciativa privada de participar, desde que seja iniciativa privada brasileira.</p> <p>ENTREVISTA Se o Brasil vai continuar pagando a mesma coisa pra o sujeito ter um risco menor, alguém vai perder. E esse alguém provavelmente somos nós. Mas isso aí é uma questao que transcende Petrobrás, é uma questao que deve ser discutida pelo povo brasileiro, se quer - sabendo que o risco é menor – distribuir esse dinheiro pra outros, ou se quer bancar e ficar com lucros maiores.</p>
<p>Caroline Berbick</p>	<p>PASSAGEM EM ESTÚDIO Por ser um recurso cada vez mais escasso, o petrleo confere poder e grandes excedentes economicos para os países que descobrem novas reservas. Um dos grandes desafios é utilizar os recursos que vem do petrleo em beneficio da populacao. No Brasil, cogita-se a criacao de um fundo social.</p>
<p>Ildo Sauer</p>	<p>ENTREVISTA O fundo soberano faz parte da proposta, ele é uma reivindicaco dos movimentos populares, foi acolhido pelo governo e está na proposta. Ele visa recolher os recursos financeiros gerados pela producao do petrleo cujo o ritmo ainda vai ter que ser ditado e eu entendo que ainda é preciso fazer primeiro um planejamento nacional dos investimentos requeridos em educaoca, em saúde, em protecao ambiental, em modernizacao tecnologica, em infraestrutura, pra depois, de posse desse plano de reinvestimentos sociais, definir o projeto de producao de petrleo e antes de definir o prodjeto de producao de petrleo, nós precisamos definir qual é o volume das reservas.</p>
<p>GC: Ricardo Ayup Zouain Professor do Instituto de Geociencias imagens de grande cidade documentário O petrleo tem que ser nosso</p>	<p>ENTREVISTA Num fundo social criado pelo governo entre 2015 e 2021, nós teríamos o equivalente de um PIB de hoje no fundo. Ou seja, algo em torno de 1 trilhao, 1 trilhao e 300 milhoes de reais. Nao é muito, nao dá para fazer uma grande festa ao longo de uma arrecadacao de 7 anos e pensar que os problemas estao resolvidos. O controle é um dos elementos importantes. Passará a representar de 10 a 25% do PIB, mas ele nao substituirá o PIB do país. Entao outros seguimentos serao beneficiados. Toda a cadeia que envolve o petrleo. Isso quer dizer a formacao de recursos humanos em todas as áreas vinculadas ao setor petrleo e gás, que envolvem áreas de</p>

<p>Lucas Kerr</p> <p>imagens de alunos em sala de aula</p> <p>imagens de mar</p> <p>documentário O petróleo tem que ser nosso</p>	<p>conhecimento das engenharias, das geociências. Mas não podemos esquecer que vivemos numa sociedade organizada, onde a saúde é importante, onde a sociedade culturalmente também será importante.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>A ideia do fundo social é que tenha a mesma função, só que permita reinvestir em questões ligadas ao desenvolvimento econômico social do país. Isso está previsto na lei número 5940, o projeto de lei 5940 de 2009, que o governo encaminhou agora, em 1 de setembro, ao Congresso. Esse projeto tem algumas vantagens: ele prevê por exemplo, nos primeiros artigos, que o fundo social vá investir em educação, à pobreza. Aspectos genéricos, nada assim muito específico. „Como vai investir em educação?“ O que estamos chamando de educação? Não diz exatamente do que estamos falando. O que está sendo entendido sobre educação, sobre desenvolvimento sustentável. O problema desse projeto de lei, na verdade está associado a segunda parte dele, que prevê que o comitê gestor do fundo social pode fazer o que quiser. Eles podem decidir onde vai gastar, quanto vai gastar, onde vai ser investido (no Brasil ou no exterior), qual a porcentagem desse dinheiro que vai ser gasto no Brasil e no exterior. Eles podem literalmente investir nas bolsas de valores, nas compras de ativos das bolsas de valores. E isso eu acho péssimo.</p>
<p>Luiz Augusto Faria</p> <p>foto de um árabe e extração de petróleo ao fundo</p> <p>fotos de favelas brasileiras</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>E outra coisa que está proposta também, e que eu acho sábia, é que o fundo fique prioritariamente no exterior. Que esse dinheiro não entre no Brasil de uma vez só. E é um pouco o modelo que a Noruega tem adotado recentemente. Bom, e os países árabes também fazem isso há décadas. A nossa prioridade é que nós temos muita gente em condições sociais precárias. Então a prioridade do Brasil é o social e a gente tem que melhorar o nível de educação, enfim. Então acho que, do ponto de vista de prioridades, está de acordo com o Brasil está pensando.</p>
<p>Raul Tadeu Bergmann</p> <p>imagens de trabalhadores das indústrias</p> <p>imagem de navio de carga no litoral</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>A maneira que a gente vê, é que, nesses 3 a 5 anos, que nós temos agora, para começar essa produção, a produção tem que estar subordinada à capacidade do Brasil de investir no desenvolvimento social. Se nada for feito, esse dinheiro vai entrar, vai arrebentar com o processo produtivo brasileiro. Porque tu imaginas, se nós exportarmos esse petróleo, vai entrar uma enxurrada de dólar. O que vai acontecer com o parque produtivo brasileiro? Vai a breca. Vai perder emprego. Não vai ter emprego. Quer dizer, vão todo mundo passar pra bolsa família. E esse petróleo termina em 13 a 15 anos. E aí em 13 a 15</p>

documentário O Petróleo tem que ser nosso

anos nós vamos ficar muito mais miseráveis do que nós estamos hoje, sem parque produtivo e sem petróleo.

Estamos frente a esse dilema. Tem países que resolveram bem, mas a maioria dos países resolveu mal. Só 5 países do mundo conseguiram resolver esse dilema em favor da sua população, em favor da sua sociedade. O resto sempre resolveu...fica uma casta muito rica e um país na miséria. O Brasil hoje é um país rico. Nós não sabemos direito o que fazer com a riqueza. E entre ser rico e ser desenvolvido, tem uma distância grande.

Luas Kerr de Oliveira

ENTREVISTA

é uma riqueza absurdamente valiosa e que tende a se valorizar com o tempo. Nós estamos falando de petróleo na casa dos 100 bilhões de barris. 100 bilhões de barris é comparável ao Kuwait, Iraque. É muito petróleo. É isso, a gente descobriu um Iraque no nosso litoral. Tem gente falando que tem mais, tem gente falando que tem menos, que tem 80 bilhões de barris, mas que seja. É mais do que a Rússia, mais do que a Venezuela. Nós estamos entre Emirados Árabes, Kuwait e Iraque. É nessa faixa de petróleo que nós estamos falando. É muito petróleo. E justamente com o processo do petróleo de começar a acabar, que é um processo lento; não vai acabar da noite pro dia. Mas com um processo que tende o petróleo a começar a acabar, ele tende a ficar cada vez mais caro. A demanda tem a se manter, mesmo que a gente substitua o petróleo por combustíveis de outros tipos, de outras formas de energia combustível, o petróleo vai continuar sendo a matéria prima para milhares de produtos para indústria petroquímica. Plásticos, uma infinidade de polímeros, solventes de tintas, fertilizantes. Então o petróleo vai continuar sendo usado por muito tempo. Quanto antes substituir o petróleo como combustível, melhor, porque queimar o petróleo é o pior fim que a gente pode dar para ele. É como queimar madeiras nobres para fazer fogueira.

fotos de exploração do petróleo
imagens de objetos de plástico, tintas, fertilizantes

ENTREVISTA

Apesar da discussão das questões em torno da mudança climática, da emissão de gases de efeito estufa, o petróleo ainda ocupa um lugar central no processo de produção e circulação de mercadorias e ainda permite a geração de enorme excedente econômico. Portanto, enormes lucros. E sabe-se também que estamos numa nova situação mundial. A taxa de descoberta de novos recursos, tem sido inferior à taxa de produção. Isso significa que estamos nos encaminhando para a era de exaustão final do petróleo. Uma nova transição energética está em curso e provavelmente em razão das questões de mudança climática deverá se encaminhar para a apropriação maior de energias

Ildo Sauer

<p>Luiz Augusto Faria</p>	<p>renováveis a um custo bem maior do que o do petróleo, pelo menos por enquanto. Então aí se colocam duas questões: quem tem acesso as reservas do petróleo num período de exaustão, quando seus substitutos possíveis ainda são muito mais caros, vai estar controlando a possibilidade de gerar um enorme excedente econômico.</p>
<p>foto de Itaipú fotos de rios</p>	<p>ENTREVISTA É melhor pro planeta que a gente não queime petróleo, mas faça outro uso dele. E que use uma tecnologia pra gerar energia, mais limpa, renovável, como o Brasil já tem hoje. A nossa matriz energética é uma das melhores do mundo, porque a maior parte da nossa energia vem dos rios abundantes que o Brasil tem. Enfim, a geração hídrica. A gente tem um potencial na eólica, a gente tem outro grande potencial na área da energia solar. Aqui no Rio Grande do Sul é um pouco mais nublado, mas no resto do Brasil tem um quantidade impressionante de Sol. O futuro do petróleo pra mim, é muito mais a petroquímica do que a energia. A energia vai ter que ser substituída.</p>
<p>imagens de energia eólica, solar</p>	
<p>Rogério Maestri</p>	<p>ENTREVISTA O desperdício de combustível, o uso sem critério, automóveis de baixo rendimento, isso aí...talvez a questão não seja aí na exploração, seja na racionalidade do uso desse petróleo. Mas isso é uma questão que depende da extração, depende da legislação, por exemplo. Porque até hoje não se colocou em prática a inspeção veicular? Nós temos que atacar na qualidade desse consumo. O consumo tem que melhorar, o desperdício tem que diminuir.</p>
<p>Raul Bergmann</p>	<p>ENTREVISTA É os próximos 100, 200 anos de Brasil que vai estar em questão, porque não passa outro cavalo encilhado. O Brasil já perdeu o ciclo do pau-brasil, o ciclo da borracha, o ciclo do ouro, o ciclo do café. Nada disso deixou coisa aqui no Brasil. Nada disso teve um legado permanente de país desenvolvido, de primeiro mundo. Nós temos uma baita experiência em perder oportunidade. Quem sabe nós tentamos fazer alguma coisa que a gente ganhe uma oportunidade.</p>
<p>Vicente Ribeiro</p>	<p>ENTREVISTA O Brasil além de ser um país rico em recursos naturais, é um país que tem um trabalho qualificado ao ponto de extrair petróleo a 7 mil metros abaixo da superfície do mar. Isso deve nos ajudar a repensar, inclusive enquanto país. E acho que o desafio pra um país que reúne essas duas características é fazer valer os seus direitos, sobre essa imensa riqueza que nós temos no nosso subsolo</p>

VINHETA MULTIPONTO	
--------------------	--

MULTIPONTO ESPECIAL 1968 AMÉRICA

Vinheta UFRGS	
Vinheta Multiponto	

OFF: O ano de 1968 marcou a história no mundo e influenciou fortemente a América. Ondas de

GC: Cláudia Wasserman
professora de História da UFRGS

insubmissão caracterizaram diversos países, como Estados Unidos, Brasil, México e Uruguai. A palavra de ordem era lutar contra as ditaduras militares, desigualdades sociais e o subdesenvolvimento econômico. As críticas contra a forma tradicional de fazer política e a atmosfera de contestação cultural, provocaram mudanças significativas em toda a América. Movimentos pacifistas, cobranças de direitos civis, organizações de partidos e sindicatos mobilizaram as sociedades. O Multiponto de hoje analisa como o desejo de conseguir melhores condições de estudo e de emprego, aproximou as lutas de estudantes e trabalhadores.

ENTREVISTA

O 1968 é um momento de um movimento estudantil muito grande onde é isso que se sobressai, mas nós não podemos nos esquecer que, por exemplo, na América Latina, havia, além do movimento estudantil, uma grande erupção das massas na atividade política. Nós tivemos a Revolução Cubana em 1959 que veio coroar todo esse processo. E o impacto que a Revolução Cubana causou nas esquerdas latinoamericanas e mesmo na juventude latinoamericana foi enorme. E isso ensejou a deflagração dos golpes de segurança nacional, golpes esses que fizeram com que boa parte da América do Sul ficasse sob regimes ditatoriais militares. Notadamente o Brasil, o Uruguai, a Argentina, e o Chile. Nesses países então, a tentativa de resistência do domínio dos militares vai também estimular esses jovens. Quer dizer, jovens que já estão decepcionados com as alternativas que se colocam a eles, que estão decepcionados com a sociedade de massa, que ascenderam recentemente ao Ensino Superior e que se massificou nesses países e que se defrontam com o obstáculo à sua demonstração pública por ditaduras militares, acabam por tentando se manifestar através do movimento estudantil. E junto com esse movimento estudantil latinoamericano, que vai ser um movimento de resistência à ditadura, nós teremos também a influência do Maio de 68 francês. No México nós teremos, por exemplo o massacre que ficou conhecido como Massacre de Tlatelolco, que foi um massacre ocorrido na praça das Três Culturas no México, em outubro de 68, mais ou menos 10 dias antes dos Jogos Olímpicos. Os jovens mexicanos já se encontravam em greve mais de dois meses. A UNAM, que tinha na época, mais de 15 mil estudantes, só na Cidade do México já estava em greve há dois meses e esses 15 mil estudantes eventualmente nesses dois meses realizavam marchas de protestos contra o governo do Gustavo Dias Bolanos, presidente do México de então, realizavam protestos e marchas na Cidade do México. 15 mil estudantes invadiam a Cidade do México e realizavam essas marchas. E isso já se mostrava como um problema avizinando-se aos

Imagens dos EUA da década de 60 com legenda ESTADOS UNIDOS e trilha

GC: Cesar Augusto Guazelli
Professor de História da UFRGS

imagens da Guerra do Vietnam
filme Coracoes e Mentas

Jogos Olímpicos de 68. Por isso, só em 2003 foram descobertos esses fatos que vou narrar agora. O governo do Gustavo Dias mandou telegramas pros EUA, pra CIA relatando esses acontecimentos e pedindo pra que a CIA pudesse ajudar na contencao de eventuais motins. Entao a CIA mandou em resposta essa documentacao, como eu disse foi descoberta recentemente, enviou dinheiro, armas e pessoas para treinar os policiais mexicanos, a polícia mexicana contra motins. Em outubro de 68, um grupo de mais ou menos 5 mil estudantes que estava em greve foi fazer uma manifestacao na praca das Tres Culturas e diante dessa manifestacao, a polícia mexicana e o exército mexicano abriram fogo contra os estudantes, contra suas famílias. A manifestacao era uma manifestacao pacífica, eles estavam se preparando para iniciar a manifestacao, as crianças, pais dos estudantes compareceram a esse ato e no cair da tarde, o exército e a polícia da Cidade do México abriram fogo contra os estudantes e as suas famílias. Calcula-se que morreram de 200 a 300 pessoas nesse episódio. Até o final da madrugada, os policiais ainda estavam entrando nas casas e nos edifícios próximos da praca das Tres Culturas, para identificar e eliminar os manifestantes.

ENTREVISTA

Os **Estados Unidos**, no final dos anos 60, vive uma situacao muito problemática, interna e externamente falando. Do ponto de vista externo, os EUA tem que dar conta, em primeiro lugar de um **avanco importante dos movimentos populares democráticos**, especialmente daqueles de alguma forma vinculados à Uniao Soviética e mostrando que, naquela divisao, a vida na **Guerra Fria**, os Estados Unidos estao perdendo terreno rapidamente. E o principal aspecto desse enfrentamento no ambito global é a **Guerra do Vietnam**. E a Guerra do Vietnam a partir de 68 se tornou extremamente problemática pros EUA, quando assim começa a chamada **Ofensiva do Tet**, e que ficou claro, **era uma Guerra muito difícil de se ganhar** e que os EUA tivessem que encarar uma derrota militar, apesar de todo o investimento economico e militar feito em funcao disso. Entao esse era um problema. Internamente falando, havia uma oposicao **crescenque** que, em primeiro lugar, estava reivindicando a retirada dos EUA do **teatro das guerras**. O fato da mídia começar a mostrar que os Estados Unidos nao era aquela coisa romantizada, ou idealizada, **por exemplo** que tinha havido na segunda guerra mundial, ou mesmo durante a **guerra da Coréia**, em que entao os **bravos**

imagens EUA
filme Panteras Negras

Imagens Uruguai
legenda Uruguai
trilha

GC: Enrique Padrós
professor de História da UFRGS

imagens Uruguai
trilha

americanos iam para fora do seu país defender valores como democracia, liberdade etc, tudo isso estava mudando com a guerra do Vietnam, principalmente porque essa guerra estava aparecendo nas imagens que chegavam ao vivo e ela estava se mostrando muito crua. Especialmente o número de mortos e de feridos na escalada progressiva que os EUA foram fazendo em relação ao Vietnam, eles chegaram a ter 500 mil soldados dentro do Vietnam fazai coro a uma série de outras reclamações que também ao longo dos anos 60 foram crescendo. Claro que se a gente fosse elencar, é difícil a gente falar em prioridades, se a gente fosse elencar as prioridades, a maior delas, que chama atenção é o movimento dos direitos civis, especialmente o movimento negro.

ENTREVISTA

Uma espécie de marca simbólica desse fato, na combinação do nome e do sobrenome Liber Arse, se transforma em espanhol, em Liberarse, que é libertar-se. Então, o nome desse menino, transformado numa espécie de bandeira de luta política, e vai marcar também, digamos, os mártires estudantis, e marca a perda da qualidade da democracia uruguia. No Uruguai marca também o surgimento pela opção pela luta armada. Digamos que essa é uma evolução que vai ocorrer sobretudo a partir do amadurecimento de alguns setores políticos, de que o sistema político partidário, a partir de 65, 66, já é percebido como muito viciado, como muito deformado, e sem capacidade de dar respostas imediatas para os anseios e para as necessidades de setores sociais de situação de carencia muito urgente. O surgimento da opção pela luta armada em países como o Uruguai tem a ver com a vitória da Revolução Cubana, tem a ver com a crise interna política econômica acercando-se a cada instante, mas tem a ver também com uma questão que é fundamental, que diz respeito a uma percepção de uma escalada de influência norte americana interior e, portanto, afetando a soberania nacional e afetando as relações políticas internas daquele país. Ou seja, aquilo que significa a percepção do antiimperialismo como uma bandeira importante para pautar a defesa de uma tradição nacional e dos valores nacionais e dos interesses da sociedade uruguia como um todo.

O movimento de libertação nacional Os Tupamaros, em homenagem a Tupac Amará, a primeira tentativa de resistência contra o domínio espanhol colonialista na América Latina, mostrando claramente uma percepção latinoamericana e portanto universalizada dessa luta. Isso por um lado. Uma estrutura militar muito disciplinada, muito organizada, formada principalmente por setores de classe média, muitos

imagens de sequestro
filme

estudantes, mas ainda com trabalhadores dos setores, digamos, mais sofisticados políticos do Uruguai. Uma longa trajetória de militância social e política. Posteriormente os Tupamaros, a medida que eles foram caindo, começam a ser substituídos por estudantes. Cai muito aí a média de idade e junto com a média de idade, vai também a qualidade na luta social e isso vai significar também a entrada de setores que, não tendo tradição de luta social e política, rapidamente vão aderir, por uma apologia à luta armada e isso vai trazer problemas posteriormente. Durante o ano de 68 as ações dos Tupamaros crescem em termos de quantidade, diminuem no espaço de tempo e se tornam muito diversificadas, mas durante todo o ano de 68, enquanto estudantes e trabalhadores desempenham toda reação de ação política ao crescente autoritarismo do Uruguai, promovido pelo governo, os Tupamaros promovem ações que por sua vez são chamadas ações Robin Hood. São ações que procuram, em primeiro lugar, não produzir a perda de vida, muito menos entre eles, mas também em relação aos policiais, que talvez tenham que enfrentar. Procuram não agredir as pessoas que possam ser alvo das suas ações. Basicamente eles procuram roubar documentos de empresas que se consideram envolvidas em casos de corrupção, e tornar públicos esses documentos. Aliás, essa é uma das coisas mais importantes que os Tupamaros fazem sempre: tornar público processos de corrupção que envolvem o alto escalão político, e claro, o mundo empresarial uruguaio. Por outro lado, eles desenvolvem ações de roubo de supermercado e expropriação de supermercados e imediatamente a repartição desses produtos retirados desses supermercados, na zona periférica da grande Montevideo, e eles começam com isso a ter adesão popular de todos os setores, também periféricos da sociedade uruguaia. E eles tomam também algumas ações pedagógicas. Digamos que alguns policiais considerados torturadores, sequestram por algumas horas, promovem uma primeira tentativa de conversa esclarecedora e em alguns casos essas pessoas voltam a ser, digamos, sequestradas, e anos mais tarde isso termina com uma terceira forma de ação, que será a execução de torturadores. Isso em 68. Anos depois, os Tupamaros vão radicalizando também e, é claro, essa fase romântica da luta armada, ela vai se transformar numa luta de maior confronto e aí sim nós vamos entrar na década de 70 e aí sim, esse tensionamento vai se intensificar e vai produzir situações conflituosas e acabam derivando numa repressão muito maior e uma repressão que vai destruir os Tupamaros e vai destruir também os movimentos sociais e os movimentos políticos.

<p>imagens negros nortemafricanos</p> <p>GC: Sandro Gonzaga graduando em História UFRGS</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>Esse movimento, ele vai ter grande apoio popular entre a população negra, porque vai ter muita adesão dessas pessoas, e entre elas, uma figura muito conhecida, tão conhecida quanto o Martin Luther King, que é a figura do Malcon Mex. O Malcon Mex, embora não tenha chegado até o ano de 68, ele é uma figura representativa desse ano mítico que é 68. O Malcon Mex defendia a ideia de que os negros deveriam lutar por aquilo que eles achavam correto de forma que fosse necessário, ou seja, uma palavra que Malcon Mex dizia, que era uma palavra só, mas que tinha um significado muito forte que era defendam-se. Pros negros se defenderem da polícia pros negros se defenderem das pessoas que os discriminavam nos lugares públicos, etc, da forma que fosse necessário. Somos não violentos com quem não é violento conosco. Com aqueles que forem violentos conosco, seremos violentos também, responderemos na mesma moeda, coisa que o Martin Luther King jamais admitiu. Então eles começaram a ter várias filiais por todo o país e vai chegar um momento, em 67 e isso está documentado, que o FBI vai declarar os Panteras Negras como inimigo número 1 dos Estados Unidos. Com o assassinato violento do Martin Luther King, uma pessoa que sempre lutou pela não violência, em abril de 68, essa atitude dos Panteras Negras e de outros movimentos ligados ao Black Power, vai ter, não uma mudança, porque eles sempre pensaram assim, mas digamos que vai ter um crescimento vertiginoso, aquilo que eles chamam de explosões, que são explosões espontâneas, não são organizadas por partidos e nem por movimentos, mas são explosões espontâneas de queimas inteiras de cidades, de lanchonetes de pessoas brancas, de automóveis. Essas imagens são muito bem conhecidas. São mais de 100 cidades que queimam nos Estados Unidos, por essa população incorformada com seus direitos tolidos durante séculos e agora mais ainda com a morte do Martin Luther King.</p>
<p>imagens negros norteamericanos filme Panteras Negras</p> <p>GC: Cesar Augusto Guazelli</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>Fora dos Estados Unidos e nos Estados Unidos, a discussão deixa de ser simplesmente „nós temos que ter uma sociedade sem classes, nós temos que ter uma sociedade onde o trabalhador não seja explorado, portanto o trabalhador não pode ter um patrão“, enfim, essa é uma bandeira da esquerda tradicional, mas ela passa a ser associada a outras coisas. Ela passa a ser associada ao direito feminista, que até então não estava sendo discutido se mulheres eram iguais a homens. Mas as mulheres não só são iguais a homens e querem os mesmos direitos e querem trabalhar como os homens, como agora eles tem, pelo próprio avanço tecnológico e isso é uma coisa que os Estados Unidos está envolvido desde o início do século XX,</p>

<p>imagens da década de 60 filme Woodstock</p>	<p>as mulheres tem a possibilidade de terem uma atividade sexual que nem a dos homens sem ter filhos. Essas mulheres que querem se comportar como homens, que querem ter uma atividade sexual não reprodutiva, ou seja, que interdita todas aquelas religiões, ou sistemas religiosos que aquelas formações ideológicas mais conservadoras são absolutamente contrárias. Essas mulheres contestam uma outra questão dentro da sociedade americana extremamente importante, que vai periclitar, que é a questão da família. Bom, nós não precisamos ter família. A família é uma instituição burguesa, a família é importante para manter a sociedade como ela está e a sociedade como está não nos serve. Nós queremos paz, paz e amor, portanto quem pode contrariar uma bandeira desse tipo. Nós queremos viver da terra, nós queremos viver, enfim. Entra junto a questão do movimento dos direitos civis, a questão do movimento hippie, que é uma atualização dessas coisas todas; e é uma discussão profunda de valores culturais que os Estados Unidos preservaram com muita força. De alguma forma, eles eram os grandes defensores desses valores em termos mundiais. E o movimento hippie incomoda. Incomoda porque dá maus exemplos. E o péssimo exemplo é esse: é desfazer do valor fundamental da sociedade americana que é a família. Não queremos família. Nós queremos viver como se fossemos uma orda, todas as mulheres pertencem a todos os homens e todos os homens pertencem a todas as mulheres. E todas as crianças pertencem a todos os homens e mulheres. E nada assegura que quem seja minha mulher hoje, seja minha mulher amanhã. E esse é um tipo de questão que transtorna muito a sociedade americana. Talvez um evento como o Woodstock, „ah, mas isso é só um festival de música, todo mundo foi pra lá, todo mundo transava com todo mundo, todo mundo usava tudo o que era droga“. Enfim, foram os melhores músicos, mas também foram uns que não eram tão bons assim. Mas também o Woodstock tenha impressionado mais, ou trazido mais preocupações para as autoridades, para o sistema, do que um partido político de esquerda organizado que fosse um pouco mais convencional</p>
<p>imagens da década de 60 filme Woodstock</p>	<p>as mulheres tem a possibilidade de terem uma atividade sexual que nem a dos homens sem ter filhos. Essas mulheres que querem se comportar como homens, que querem ter uma atividade sexual não reprodutiva, ou seja, que interdita todas aquelas religiões, ou sistemas religiosos que aquelas formações ideológicas mais conservadoras são absolutamente contrárias. Essas mulheres contestam uma outra questão dentro da sociedade americana extremamente importante, que vai periclitar, que é a questão da família. Bom, nós não precisamos ter família. A família é uma instituição burguesa, a família é importante para manter a sociedade como ela está e a sociedade como está não nos serve. Nós queremos paz, paz e amor, portanto quem pode contrariar uma bandeira desse tipo. Nós queremos viver da terra, nós queremos viver, enfim. Entra junto a questão do movimento dos direitos civis, a questão do movimento hippie, que é uma atualização dessas coisas todas; e é uma discussão profunda de valores culturais que os Estados Unidos preservaram com muita força. De alguma forma, eles eram os grandes defensores desses valores em termos mundiais. E o movimento hippie incomoda. Incomoda porque dá maus exemplos. E o péssimo exemplo é esse: é desfazer do valor fundamental da sociedade americana que é a família. Não queremos família. Nós queremos viver como se fossemos uma orda, todas as mulheres pertencem a todos os homens e todos os homens pertencem a todas as mulheres. E todas as crianças pertencem a todos os homens e mulheres. E nada assegura que quem seja minha mulher hoje, seja minha mulher amanhã. E esse é um tipo de questão que transtorna muito a sociedade americana. Talvez um evento como o Woodstock, „ah, mas isso é só um festival de música, todo mundo foi pra lá, todo mundo transava com todo mundo, todo mundo usava tudo o que era droga“. Enfim, foram os melhores músicos, mas também foram uns que não eram tão bons assim. Mas também o Woodstock tenha impressionado mais, ou trazido mais preocupações para as autoridades, para o sistema, do que um partido político de esquerda organizado que fosse um pouco mais convencional</p>
<p>Imagens Uruguai legenda Uruguai trilha</p> <p>GC: Enrique Padrós professor de História da UFRGS</p> <p>imagens filme Corações e Mentas</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>O caso do Uruguai, sem dúvida nenhuma, 68 marca um momento político muito importante dentro daquilo que é um processo de mudança brutal que ocorrerá poucos anos depois. Então digamos que é o início dessa mudança Os grandes marcos universais que marcam a história do Uruguai nessa época tem a ver com aquilo que é mais ou menos geral: inevitavelmente os conflitos que estão ocorrendo no oriente, sobretudo na península indochinesa, a Guerra do Vietnam. Inevitavelmente</p>

imagens do Uruguai
filme Estado de Sítio

também, tudo aquilo que tem a ver com o **movimento negro nos EUA**, na luta pelos seus direitos, que é a luta por uma ideia de **igualdade social** e que na América Latina também está balizada por uma série de questões que dizem respeito a uma série de questões que dizem respeito às **condições sócioeconômicas** da maior parte da população, na década de 60 começa a receber milhares de exilados dos outros países latinoamericanos. **A situação do Paraguai é uma situação de ditadura** já há alguns anos e há um exílio paraguaio já muito forte dentro do país. Um exílio que está muito articulado politicamente. A partir de 64, **o exílio brasileiro** começa a chegar ao Uruguai também. Então com isso nós vamos ter uma espécie de amadurecimento da situação interna uruguaia, da **situação política**, a partir da contribuição que trazem os outros exilados, dos outros países, até mostrando para os trabalhadores uruguaio, para os setores médios, para os intelectuais e para a esquerda de forma geral, que o clima que se vive no Uruguai naquele momento, lembra um pouco o clima vivenciado nos países, da onde esse exílio é originário antes dos próprios golpes de Estado. Isso vem acompanhado de uma situação que se desdobra a partir de uma **política externa norte-americana** e de interesses norte-americanos desde o final dos anos 50 e sobretudo a partir dos anos 50, e sobretudo a partir da **Revolução Cubana**, onde se trabalha com uma dupla mensagem mandada aos países da região. **Primeiro: fundamental, é necessário terminar com as contradições sociais da América Latina**, que crescem assustadoramente em toda a década de 60. **Em segundo lugar que é necessário resolver de qualquer forma essas contradições. E os Estados Unidos, a partir de sua política externa, desenvolvem duas grandes diretrizes. As duas são simultâneas.** Uma primeira diretriz tem a ver com a possibilidade de resolver a **crise social a partir de medidas democráticas**. Então eles enviam para toda a América Latina, um conjunto de sugestões e medidas que integram o chamado programa para **aliança e o progresso**, que mais ou menos consiste **em tentar investir dinheiro mandado pelos EUA**, ou dinheiro conseguido através de empréstimos, através da intermédio de bancos americanos nas regiões mais sensíveis dos países, ali onde a **pobreza** está se acentuando, onde a deterioração das famílias está se acentuando, de forma que essas famílias possam sobreviver de uma forma um pouco mais digna e com isso, evitar a contaminação política dos setores mais radicais. A outra diretriz que é simultânea à Aliança para o Progresso, deve partir do seguinte pressuposto: se as medidas para garantir uma **estabilidade democrática** nesses países, **se essas medidas não derem certo, temos um plano B**, mas um plano B já tem que ser implementado simultaneamente. **O plano tem a ver com tudo aquilo o que diz respeito a**

imagens do Uruguai
policiais
filme Estado de Sítio

imagens do Uruguai
estudantes
filme Estado de Sítio

uma política estatal de contra insurreicao. Uma política estatal de contra insurreicao acaba apontando para a necessidade de preparar as forcas policiais, as forcas militares a partir de uma série de concepcoes políticas, doutrinárias, filosóficas e militares que dizem respeito a um protagonismo militar que deverá assumir um roll político, um protagonismo repressivo que deverá eliminar todos os setores, todos os focos de contestacao à ordem vigente e acima de tudo o treinamento dessas forcas repressivas e mecanismos que sejam necessários desenvolver para derrotar esses focos de contestacao. Entao a contra insurreicao ela vem já para preparar medidas de combate àquilo que vai se chamar de inimigo interno. O inimigo interno é associado com o comunismo. É uma época de guerra Fria. Dentro do Uruguai, o que se acaba verificando, que a partir da segunda metade dos anos 60 e sobretudo com a chegada de Patipareco tudo isso vai se intensificar e muito menos o programa da Alianca para o Progesso que nao tem um mínimo impacto e muito mais políticas de contra insurreicao. A partir de 68 entao, com o governo de Paticuareco, ele assume em dezembro de 67, em 68 nós já temos praticamente uma situacao de conflito aberto no Uruguai. Os historiadores uruguaios dizem que o golpe, apesar de ele ter ocorrido só em 63, o golpe começa em 68, ou seja, é um longo golpe de Estado a partir que Paticuareco começa a governar o país. Além de mudar seu ministério e despolitizar o seu ministério, rapidamente ele implementa uma coisa que no Uruguai existe constitucionalmente, mas que ele vai usar de forma ilegal. A constituicao uruguaia, desde 66, permitia a existencia de um dispositivo constitucional, chamado medidas de pronta seguranca, alguma coisa pareida com leis e excecao, que, para casos de crise interna muitos delicadas, muito acentuadas, o governo poderia, com o respaldo da Constituicao e do Parlamento, acionar uma série de medidas para tentar resolver essa situacao. Entao sao medidas de emergencia, porém sempre regrados dentro do marco democrático. O movimento estudantil, nesse momento no Uruguai, ele vem por um amadurecimento muito forte, desde a década de 60 e que vai fazer com que, em 68, independente do impacto frances, ou de uma série de impactos que dizem respeito aos estudantes no mundo; eles por si já tem uma dinamica própria e motivos particulares para se colocar diante disso. Em 68, os estudantes uruguaios estao mobilizados diante da crise economica, diante da deterioracao das universidades, dos prédios, das insituicoes, dos programas de estudos, diante do que é o empobrecimento dos professores e funcionários das universidades, diante do que é o empobrecimento do magistério público dentro das escolas. Ou seja, os estudantes pela capacidade que tem de abstracao e de entender a realidade política do país, sao uma espécie de vanguarda de tudo isso. Nós

imagens do Uruguai
assassinatos nas ruas
filme Estado de Sítio

vamos ter no Uruguai, assim como temos em outros países, assassinados pela repressão estatal no ano de 68, muito antes do golpe de Estado. Quero frisar isso, porque 68 no Brasil, é um contexto de ditadura, embora no final de 68 a ditadura recrudescer. No Uruguai nós temos uma democracia, e entretanto o enfrentamento de ruas já mostra claramente o grau de brutalidade através do qual o Estado tenta calar a contestação dos diversos grupos sociais. Em agosto de 68 é assassinado o primeiro estudante uruguaio, não havia precedentes no Uruguai. Alguns trabalhadores já haviam sido assassinados antes, mas um estudante assassinado num momento de confronto com forças policiais, é a primeira vez. O nome desse estudante, claro, pelo fato de ele ser o primeiro, da mesma maneira como isso ocorre com Edson Luís no Brasil em 68, esse estudante virou um marco. O nome dele é Liber Arse.

MULTIPONTO ESPECIAL 1968 MUNDO

VINHETA UFRGS
VINHETA MULTIPONTO

imagens da década de 60
filmes

Woodstock, Sem Destino, A insustentável leveza do ser, O Sol

GC: Dario Teixeira
professor de História da UFRGS

imagens de hippies

imagens de passeatas – estudantes com bandeiras vermelhas

OFF: A década de 60 representa um período de transformações políticas, sociais e comportamentais. A crítica aos regimes políticos e aos costumes da época abriu caminho para uma reflexão sobre os valores e ideais de toda uma geração. Os acontecimentos de maio na França e a Primavera de Praga na antiga Tchecoslováquia, marcaram o ano de 1968 e contribuíram com mudanças no mundo todo. O Multiponto de hoje procura identificar o significado dessas mudanças e suas influências ao longo dos anos.

ENTREVISTA

68, a gente poderia dizer é o sintoma dos processos que vieram se acumulando após o fim da Segunda Guerra Mundial. Se nós fizermos a conta, nós vamos ver que a geração do baby boom que começa a surgir no final da Segunda Guerra Mundial, os dados já falam que o baby boom começa em 44 e nos Estados Unidos, começa em 43, essa geração em 68 está terminando os seus estudos universitários e está entrando na Universidade. É justamente essa faixa de idade. Essa geração foi criada num período de reestruturação econômica reconstrução da Europa, e nos Estados Unidos, num período de ampla expansão das condições de consumo. Uma das características que vai haver, tanto num quanto no outro, serão as carências absolutas espirituais. A necessidade de reconstruir a Europa, por um lado e por outro lado, nos Estados Unidos, o próprio sistema que alguns especializados chamaram de inferno com ar condicionado, todas as benesses materiais, mas nada de objetivos do ponto de vista espiritual, deixaram essa geração muito frustrada, muito revoltada, e ao mesmo tempo muito insatisfeita, porque as esperanças e as expectativas deles não se realizavam. Essa geração que eclode em 68, é uma geração que passou a maior parte da sua infância e da sua juventude num clima brutal de Guerra Fria. Essa Guerra Fria que proporcionou inclusive a homogeneização do leste da Europa, cuja ruptura vai ser Praga em 68. Mas também uma Guerra Fria, que através do Mackartismo criou um sistema de pensamento totalitário nos Estados Unidos e no mundo ocidental. Ou seja, o sistema era altamente repressivo à educação, embora usasse todos os métodos modernos que a educação pode utilizar, ela era voltada à formar pessoas habilitadas à trabalhar numa sociedade de Guerra Fria. A própria universidade estava funcionando, boa parte das suas áreas de pesquisa nos EUA, a

<p>imagens de mulheres da década de 60 Beatles na TV</p> <p>imagens da Franca legenda: Franca trilha</p> <p>GC: Robert Ponge Professor do Instituto de Letras da UFRGS</p> <p>imagens estudantes de Paris Paris, maio de 68</p>	<p>servico da Agencia de Inteligencia, da CIA, e a servico do Pentágono. Paralelamente a produtividade do trabalho se incrementava brutalmente com as novas tecnologias e nós vamos ter uma juventude operária que vai ser justamente quem vai ser engajado nessas novas tecnologias, que também estarao profundamente frustradas e insatisfeitas, nao tanto com o salário, porque o salário era bom, mas principalmente com a alienacao. Enfim, tudo isso, uma sociedade onde a reconstrucao havia sido feita, onde o crescimento economico, da economia, que já havia sido modernizada pelo menos no primeiro mundo, colocava a grande interrogacao: é isso o futuro? Ou eles estao nos fraudando? Onde é que estao as liderancas operárias, as liderancas políticas que nao fazem essa crítica? E eles resolveram, terminaram assumindo as rédeas do processo do Maio de 68. Paris, porque Paris é tao importante? Porque Paris é o sintoma de tudo isso, é em Paris que nós vamos ter os jovens universitários, numa época em que a universidade se expandiu significativamente, sem criar infraestrutura, há uma multiplicacao exponencial dos estudantes nas universidades, na Franca da época, pela necessidade de pessoal com formacao superior, mas também pela possibilidade de grupos sociais que até entao nao haviam tido acesso à universidade, terem acesso à universidade. A repressao que se dá sobre os estudantes de Paris, ela termina unindo os trabalhadores e os estudantes e significativamente o processo se espalha por toda a europa.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>Havia o governo do general De Gaulle de 58, dez anos de poder, 7 anos, reeleito em 65, e era um governo forte que tinha por objetivo atacar as conquistas político-sociais que a populacao, os trabalhadores, tinham arrancado depois da Segunda Guerra Mundial. Havia um sindicato nacional estudantil forte. Houve acoes mais limitadas. Campus da Universidade de Paris, Campus que estao fora da cidade de Paris, que foram mais recentemente criados. Em 2 de Maio, o reitor da Faculdade tomou a iniciativa de fechar o Campus e abrir processos administrativos contra os estudantes que já tinham liderado as manifestacoes. Daí no dia 20, sexta-feira, 13 de Maio, houve uma manifestacao no pátio interno da Universidade de Paris, em protesto contra o fechamento do Campus da Universidade. E o reitor da Universidade, depois de consultar o ministério, tomou a decisao de chamar a polícia, que veio pra prender os 400 manifestantes fecharam aquele prédio da Universidade. Isso provocou revoltas nos estudantes. Isso nao tinha sido provocado desde a ocupacao nazista, na Segunda Guerra Mundial. Mas os 400 estavam</p>
---	--

<p>imagens pessoas correndo filme Os sonhadores</p>	<p>sendo presos e o inesperado aconteceu: alguém gritou: libertem nossos colegas, nossos companheiros e outros retomaram os gritos e saiu uma pequena passeata que cresceu, foi crescendo, se juntaram estudantes de liceus que tem ali por perto, a populacao, e aí, dezenas, centenas e em pouco tempo 1500 pessoas fazendo uma passeata e subiu para 2000, 2500. A populacao assistiu a isso surpresa, no dia seguinte, o sindicato nacional estudantil, a UNEFA, diante do fechamento da Universidade, porque eles tinham decidido fechar a Universidade de Paris, chamou a greve nacional e o sindicato nacional de Ensino Superior fez um chamado à solidariedade, quer dizer os docentes que poderiam paralisar, paralisariam, os outros prestariam sua solidariedade de uma forma ou de outra.</p>
<p>Mundo 3 GC: Otávio Goncalves Rohrig Cientista Político imagens do filme A insustentável leveza do ser</p> <p>imagens Praga 1968 trilha</p>	<p>ENTREVISTA Só que o pacto nao tiraram as tropas totalmente e ficam um tempo além do planejado na Tchecoslováquia. Na noite de 20 pra 21 de agosto, Brechnev autoriza e ordena a ocupacao da Tchecoslováquia. E aí a tomada de forza pra acabar com essa revolucao política. E é uma imposicao de uma visao que significa, nao uma derrota naqueles lutadores, mas que significou de pano de fundo uma derrota pra ideia de socialismo, pro imaginário socialista. Aquilo o que os homens lutaram, que seria a autodeterminacao, o povo poderia decidir o que fazer, que era o que estava sendo construído na Tchecoslováquia. E a reacao da populacao da Tchecoslováquia foi estupenda, quer dizer, no primeiro momento, o povo se surpreende com aquela ocupacao, 600 mil homens ocupam o país e a populacao sai pra rua, sobe os tanques pra conversar com o invasor e perguntar, o que voces estao fazendo? Voces erraram o caminho. Aquí nao é o caminho de voces. Nós somos os irmaos, nós somos os camaradas que estavam juntos ontem, defendendo a pátria soviética. Erraram o caminho. Mas essa ocupacao ela se faz presente e depois, num segundo momento vai significar dezenas de mortes, sao mais de 200 feridos e 70 mil refugiados. Entao, uma manifestacao pacífica de reacao ao povo e chamar o exército vermelho e dizer assim: o inimigo é o capitalismo, o inimigo nao somos nós. Tem uma repressao brutal num segundo momento.</p>

<p>imagens Praga 1968 trilha</p> <p>Robert Ponge</p> <p>foto Margareth Tachter Pinochet</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>O movimento nao foi vitorioso. Houve um revés, ele foi desviado, e houve um revés. Isso nós pagamos hoje, porque a onda neoliberal, ela demorou pra vir, mas ela vem surfando num revés que comecou com o revés de 68. Lá nao tinha essa clareza. Seu significado, foi um movimento que nao foi vitorioso. Houve vitórias parciais, localizadas em tal e tal categoria de estudantado, mas essas vitórias parciais, nenhuma estava a altura do movimento e foi uma greve geral de maio de 68. Aquilo o que foi arrancado, o que se ganhou, é pouco, muito pouco, pela forca do movimento. Costumo dizer, fazendo um jogo de palavras, que o movimento de maio de 68 estava „grávido“, ou prenho, de uma revolucao. Só que a Revolucao abortou.</p>
<p>Dario Teixeira Ribeiro</p> <p>foto Sarcozy</p> <p>imagens mulheres década de 60 filme O sol</p>	<p>ENTREVISTA</p> <p>A derrota de 68, ela nao significou uma derrota total e absoluta. Até hoje a contra revolucao vem procurando, vem lutando pra eliminar o que restou de 68. A gente nao pode esquecer que o presidente Sarcozy da Franca, foi eleito com um discurso, em parte dizendo que ele seria o presidente da Franca pra enterrar o que restava de 68, principalmente no caso, conquistas culturais; mas que sao conquistas sociais. Nós tivemos. Nós tivemos, a partir de 68, uma mudanca das relacoes familiares, um sistema menos autoritário da família, e isso é fruto de 68, as mulheres, progressivamente comecaram a se empodeirar, a tomar poder, e isso é fruto de 68. É no mesmo processo que as mulheres comecam a ter voz ativa, reivindicar efetivamente seus direitos e fazer a crítica da sociedade e do machismo e do patriarcalismo que domina a sociedade. Por outro lado, em termos de reflexao, é aquele outro aspecto que a gente nao pode deixar de pensar. Na medida que uma revolucao é derrotada, a contra revolucao se caracteriza também por reciclar, reaproveitar a própria revolucao. A ideia de liberdade, de direitos que era reivindicada, termina sendo reaproveitada pelo sistema e o sistema reaproveita muito bem, de que forma: é gerando uma situacao que essas liberdades e direitos terminem se transformando num caos. É Proibido Proibir! É proibido ao autoritarismo e ao imperialismo proibir, tiraram a frase do contexto, e ela se transformou numa frase – se implementou isso - que se faz qualquer coisa, que ninguém tem nada que ver, criando uma situacao na sociedade cuja saída pra essa situacao já está sendo apontada. Em todos os lugares do mundo: é a ditadura. A licao é essa, uma revolucao derrotada, provoca o avanco da contra revolucao e ela vem em todos os sentidos. Aquilo que ela nao pode liquidar, ela descaracteriza, aproveita, e à medida que ela vai podendo, ela vai liquidando. E o nosso universo, quer a gente queira ou nao aceitar, ele é capitalista, um universo com a autoreproducao do capital do sistema, através da compra e venda de mercadorias produzidas como mercadorias, as</p>

imagens guerras

Robert Ponge

ideias de 68 foram transformadas em mercadorias, inclusive para perderem a relevância que possuíam.

ENTREVISTA

O governo declarou que isso era atividades de grupos infiltrados pela **subversão comunista internacional**, enfim, aquele discurso habitual. Só que na segunda-feira não era nem 100, nem 1000, nem 2 mil, eram 20 mil. A polícia foi, tentou reprimir, e os estudantes resistiram e começaram a erguer barricadas. E a polícia reprimiu talvez mais brutalmente a tal ponto que houve o apoio de setores da população, ou seja, os edifícios têm em geral 6 andares, então as pessoas olhavam das janelas e quando viam a polícia atacando, tinha pessoas que atiravam potes de flor, água, qualquer coisa das janelas, na polícia. Então era a solidariedade de setores da população. Já não eram apenas os estudantes. Começa na sexta-feira 03 até a sexta-feira 10 de maio, as centrais sindicais, fizeram, vamos dizer, a posição deles: isso é coisa de estudante, alguns deles mal intencionados e as centrais não têm nada a ver com isso. Diante da força de pressão, a população viu isso estarecida e começou a reagir e a prestar solidariedade, isso obrigou as centrais sindicais a mudar de posição. No sábado, dia 11 de maio, houve um chamado público pelo rádio, televisão, **dos jornais, das centrais sindicais principais**, a CGT, as principais, junto com os docentes e com os estudantes, há um dia nacional de paralisação e manifestações. E no domingo o governo disse que não haveria faculdade na segunda, cancelamento das punições, os julgamentos sumários judiciais que tinham acontecido tinham que ser revistos. Diziam que ser reabertas as insituições, mas a manifestação estava convocada. Então na segunda-feira, 13 de maio houve em Paris a maior manifestação da história social da França, uma manifestação, uma passeata gigantesca, segundo a polícia, com 400 a **500 mil pessoas**, segundo a polícia, e segundo os otimistas, **1 milhão de pessoas**. É um movimento rápido, que faz que com uma semana depois, no dia 20, 21, o movimento está quase alcançando seu ponto máximo. Então está se formando a greve geral na França. No dia 30 de maio, o general De Gaulle fez um documento e um discurso no rádio e na televisão, „eu mantenho o que eu disse“, a câmara dos Deputados é mandada embora, uma dissolução e convocação das eleições, daqui a 15 dias, 2 semanas seguindo. Mas só haverá eleições se a greve terminar. Isso foi seguido de uma manifestação na Champs Elisees, uma

<p>Fotos Tchecoslováquia legenda: Tchecoslováquia trilha</p> <p>GC: Otávio Goncalves Rohrig</p> <p>imagens passeata filme: A insustentável leveza do ser</p>	<p>manifestacao em favor do general De Goule, organizado pela direita, uma manifestacao importante. Um estudioso do movimento sindical. Le Von, comenta que, a partir desse discurso, o movimento social e as entidades partidárias vao tomar dois caminhos separados. Eu acho que é uma boa análise, porque o movimento social, o movimento grevista dos trabalhadores e dos estudantes vai tentar continuar a lutar com os seus manifestantes.</p> <p>Mas diante da decisao das centrais sindicais há uma fragmentacao e se há uma fragmentacao das negociacoes, há uma fragmentacao do movimento. E isso em prol da atividade partidária que se volta para as eleicoes. Entao na verdade aquelas eleicoes contra o movimento social de maio. Houve as eleicoes e o resultado das eleicoes foi um estrondoso socuesso dos partidos que apoiavam o general De Goule. Eles fizeram uma maioria superior à maioria que tinham feito nas eleicoes de 65. Entao, eu diria, eles estavam prontos para bater para o gol. Eles tinham a bola, estavam sozinhos na frente da goleira, bastava bater para gol. E o De Goule, a equipe adversa diz: nao, vamos fazer as eleicoes. Daí o time contra De Goule pegou a bola e devolveu a bola pro De Goule, e ele marcou o gol. Entao a populacao vendo que as centrai sindicais e os partidos de esquerda devolvendo e dando a bola para De Goule, dizendo: ele que está certo. Isso te permite entender um pouco o que parece ser uma mudanca de opiniao incrível.</p> <p>ENTREVISTA</p> <p>A primavera de Praga começa no inverno, em 67. A Uniao dos Escritores em meados de 67 aprova uma resolucao pedindo mais democracia e fim da censura. Em outubro, novembro, os estudantes vao pra rua com a mesma exigencia. Eles querem poder falar, eles querem decidir os rumos do seu país. Ele nao aceitam mais o socialismo ditado de cima. A Tchecoslováquia foi o primeiro país industrializado a fazer a Revolucao Socialista. A Uniao Soviética era um país agrário. E a Tchecoslováquia era no leste europeu, o país mais industrializado. E esse povo trabalhador acostumado com o desenvolvimento, de repente ve ameaca de desemprego, o salário caindo. Entao tu crias um caldo de cultura, que dava preocupacao ao PC. Os estudantes começaram a se aproximar disso. Começam a questionar os seus movimentos. Primeiro passo dos estudantes é questionar a própria uniao dos estudantes, que era um órgão do próprio partido. E começam a pipocar e a criar novas unioes, novos clubes com autogestao, com gestao da própria juventude. Esse movimento da própria juventude é levado pelos jovens pelo</p>
--	---

VINHETA MULTIPONTO
VINHETA UFRGS

movimento operário tchecoslováquio que está perto da Iugoslávia, dum socialismo de Tito que era mantido através da autogestao. E isso perpassa dentro do leste e esses trabalhadores começa a querer isso. Nós queremos gerir a nossa economia, queremos gerir as nossas fábricas, é um movimento de aprofundar o socialismo, de dar continuidade à Revolucao de Outubro, é a revolucao política que Trotski já dizia da sua ruptura com o Estado. Havia uma necessidade de uma revolucao política para resgatar o socialismo, o socialismo com a democracia. Que é o socialismo com face humana de Kubitscheck. E esse fervilamente atica logo, lógico, os setores reacionários, ou melhor, conservadores, que defendem a política do PC soviético. E a política de voltar à linha dura: olha, aqui está crescendo demais. Nesse contexto, o setor à esquerda contando o perigo que pode ser a mobilizacao popular para um retrocesso, que nao acreditavam que o conservadorismo aceitaria essas transformacoes tranquilamente, eles lancam o Manifesto de 2 mil palavras, que pretende realmente construir o socialismo com face humana. Essa mobilizacao, com este documento exigindo uma posicao mais avancada, leva o setor consevador a reagir e exigir que volte a censura, que volte o controle sobre o movimento. Nesse meio tempo, a partir de junho, julho, n's vamos ter o Pacto de Varsóvia, o exército do Pacto de Varsóvia fazendo o treinamento na Tchecoslováquia. Na realidade, uma mostra de forza para tentar conter o movimento, que nao consegue. O movimento continua.

ANEXO B - EXIBIÇÕES:**Multiponto Pré-Sal:**

Veiculado na UNITV Porto Alegre em

12.11.2009

03.12.2009

Reprises:

16.11.2009

07.12.2009

TOTAL: 4 vezes em dois meses

Multiponto Impactos Ambientais:

Veiculado na UNITV Porto Alegre em 28.12.2007

25.04.2008

14.12.2008

Reprises:

01.01.2008

29.04.2008

18.12.2008

TOTAL: 6 vezes

Multiponto 1968 Mundo

Veiculado na UNITV Porto Alegre em 18.07.2008

09.10.2008

Reprises:

22.07.2008

13.10.2008

TOTAL: 4 vezes em 3 meses

Multiponto 1968 - América

Veiculado na UNITV Porto Alegre em

25.07.2008

02.10.2008

28.10.2008

Reprises:

29.07.2008

06.10.2008

01.11.2008

TOTAL: 6 vezes em 4 meses

Veiculado na UNITV Porto Alegre em

01.10.2009

08.10.2009

22.10.2009

Reprises

05.10.2009

12.10.2009

26.10.2009

TOTAL: 6 vezes em 1 mês

ANEXO C – ENTREVISTA

Entrevista com Paulo Cabral (diretor executivo da UFRGSTV) e Fernando Favaretto (diretor de Jornalismo da UFRGSTV) realizada em 14 de setembro de 2010

Entrevista com Paulo Cabral (diretor executivo da UFRGSTV) e Fernando Favaretto (diretor de Jornalismo da UFRGSTV) realizada em 26 de agosto de 2010

1. Como surgiu o Multiponto?

Paulo Cabral: O Multiponto surgiu de uma quantidade de informações que se recebia através das entrevistas do Conhecendo a UFRGS. No contato que era feito com os pesquisadores, com os professores, com essa massa crítica que produz academicamente dentro da UFRGS, o que se conseguiu perceber: tinham muitas ações que extrapolavam os muros da Universidade, extrapolavam a área acadêmica e atuavam diretamente na comunidade. Era essa a relação: do que era teorizado dentro da academia, estava sendo reproduzido efetivamente no cotidiano das pessoas e inserido, para influenciar o dia a dia das comunidades. E eram várias áreas que tinham essa experiência. Então, o primeiro Multiponto surgiu da seguinte proposta: a gente queria ampliar, fazer um programa um pouco mais jornalístico; que não ficasse só na reprodução documental da pesquisa, ensino e extensão da Universidade; a gente queria ter uma produção audiovisual que se identificasse com o factual. O que a academia está investigando que está no dia a dia das pessoas, que está na pauta, ou na agenda contemporânea. Questão ambiental é uma delas e tem diversos projetos dentro da universidade que desenvolvem pesquisas para resolver essa questão, de problemas ambientais. O primeiro Multiponto surgiu com essa pauta, que era a questão do urbanismo interferindo na flora e na fauna. Aqueles animais silvestres que há um tempo habitavam essas regiões no entorno das cidades, que eram rurais, o quanto eles estavam sofrendo a influência do urbanismo e se deslocando das suas áreas nativas. Surgiu a questão das borboletas, dos bugios, e em cima disso a gente começou a traçar um programa que envolvia urbanismo, ecossistema, soluções pra sustentabilidade. E isso pautou a estrutura do programa. Como era a estrutura editorial do programa? Era ter diversos especialistas falando sobre determinado tema, sobre diversos pontos de vista; prós, contras, as soluções encontradas, o que estava sendo realizado, o que estava sendo problematizado. Essa foi a estrutura principal. Essa era a linha editorial inicial.

2. Isso foi pensado e discutido na TV com os alunos?

Paulo Cabral: A ideia surgiu entre a coordenação da TV, a gente foi vendo e discutindo com as pessoas. A estrutura principal nós que sugerimos e colocamos em pauta e o programa foi se construindo. Dentro da filosofia que a gente tem de ir construindo os processos, de ir desenvolvendo. A gente tinha uma noção da linha editorial que se pretendia e de como estruturar esse material com muita entrevista, com muita opinião de especialista e muito insert, muito material para ilustrar isso. Tanto é que foi uma das primeiras campanhas realizadas: teve uma equipe que ficou acampada num sítio em Itapuã, que é onde os bugios ficam aparecendo e convivendo, atravessando as ruas pelos fios que estão protegidos para não

morrerem eletrocutados. Isso é de um grupo de estudos de biologia junto da comunidade de Itapuã; é um projeto já consolidado. Começou num projeto de pesquisa da UFRGS e hoje atua com a comunidade e com o poder público. Então a estrutura do programa foi pensada assim: existia essa ideia e uma expectativa. A gente fez um primeiro como um projeto piloto e esse serviu de ajuste para os outros. A gente viu que dava certo, se tinha um material muito grande, a gente sabia que demandava mais tempo para produzir, que precisava envolver uma equipe um pouco mais especializada, uma equipe de produtores que já tivessem adquirido um conhecimento mais aprofundado do fazer audiovisual e do entrevistas, do buscar informação. A gente foi se ajustando, se preparando, detalhando melhor esse conteúdo, principalmente com as informações que vinham de campo.

3. Como são pensadas as pautas?

Fernando: o Multiponto nasceu da percepção de que muitos assuntos, temas, não cabiam no formato que se tinha até então. O pessoal foi lá fazer um Conhecendo sobre o projeto das borboletas no Campus do Vale e de lá começaram a surgir informações que deram a dimensão da Universidade se expandindo. Ele nasceu dessa percepção, de que se tinha muita pesquisa, muita produção, extensão na Universidade e que não tinha um programa que pudesse dar conta daquilo. Esse primeiro programa dos Impactos Ambientais que foi o primeiro foi mais longo, mais trabalhoso e que teve uma estrutura um pouco diferente dos outros, porque ele foi feito com uma equipe maior. Ele foi discutido e escolhido três temas diferentes, por exemplo, os Macacos Urbanos, o Hospital Veterinário da UFRGS, as Borboletas e pessoas diferentes foram trabalhando com partes do programa e no final ele foi costurado. Ele foi feito a mais mãos e levou mais tempo. Como era o primeiro, era normal que fosse levado mais tempo, como se vai construindo sem ter uma noção de como iria se dar. Era um piloto. Depois, os demais, eles começaram a partir dessa percepção de que a Universidade tem pesquisa, ensino e extensão, produção acadêmica sobre qualquer ou quase todos os assuntos de interesse público. E que estariam numa suposta pauta do dia. Há assuntos que são do momento, que estão acontecendo, que são de interesse público e praticamente na universidade tem alguém, ou mais de um pesquisador que produziram ou produzem acerca daquele assunto.

Paulo: a Universidade é referência para os meios de comunicação como fonte. As pessoas que estão aqui dentro, os especialistas das diversas áreas do conhecimento e profundos conhecedores dessas áreas são fonte; para referenciar os temas factuais do cotidiano, que a grande mídia trabalha. Dentro da teoria do jornalismo existe a seguinte questão: as notícias são classificadas. Tem o hardnews, as notícias factuais e tem as que são recorrentes, as que sazonalmente se manifestam: o verão, o inverno, a seca, a chuva, a enchente, o terremoto, a política, as eleições. Tem determinados temas que volta e meia são destaque na pauta e eles são recorrentes. Outros são eventuais, acontecem e depois desaparecem, ficam na memória, registrados. Então, a gente pensando nessa questão, resolveu fazer o seguinte: sistematicamente alguns temas vem a tona, alforam, tomam conta do noticiário internacional, são pautas mundiais. E a gente tem condições de preparar sobre isso e puxar não só para nossa realidade, como fazer essa dimensão do nosso territorialismo em relação ao mundo. O quanto que a gente vive aqui é pertinente em relação ao resto do mundo e o quanto as pessoas devem saber lá fora

o que acontece aqui. É sair desse limite regional e ao mesmo tempo discutir temas que são mundiais, universais, a partir do exemplo local. É discutir como o momento que estamos vivendo está sendo enfrentado e como essas soluções que estamos encontrando aqui podem influenciar lá fora. Como as soluções encontradas aqui ajudam em outros locais, em outros setores e como isso é universal. É essa questão dos nossos especialistas, da nossa massa crítica, que é extremamente qualificada, significativa. A partir dessa primeira experiência do Multiponto que a gente segmentou temas, equipes de trabalho e consolidou o programa final, a gente percebeu que tinha condições de se fazer um material muito legal, que demandava mais tempo. Mas a gente conseguiu pensar essa rotina. Percebeu que precisava mais tempo, que precisava ter mais cuidado, que demandaria um prazo maior, que a periodicidade dele tinha que ser mais expandida.

4. Em termos de formato audiovisual, existe a preocupação com inserts. Isso é uma peculiaridade do Multiponto dentro da produção da TV?

Paulo: é um reflexo da linguagem que a UFRGSTV usa. No Multiponto isso é mais requintado ainda, mas uma das diferenças que a gente percebe na estrutura de produção da TV é a quantificação de ilustrações, de mostrar o que é feito. Não é só uma pessoa falando; é mostrar o que está acontecendo. Tem muito insert de material: plano geral, plano médio, detalhe do que é feito. Mostrar a ação, porque a pesquisa é ação. É uma preocupação estética, sim, baseada no modelo de documentário. Tem a entrevista, mas tem muito material de ilustração, é uma forma de representar aquilo o que está sendo descrito, com imagem. A TV procura muito isso.

Fernando: ele talvez seja o programa da nossa grade, por ser Multiponto, que mais abre espaço também para quem não é da universidade. A nossa grade geral, por exemplo o Conhecendo a UFRGS, Física na Cultura, Pesquisa em Pauta, é mais gente da Universidade: professores, alunos e funcionários. O Multiponto, por ser "multiponto", ele sempre dá muito espaço para que é da universidade, falar, apresentar, discutir seus trabalhos e pesquisas, mas ele também ouve pessoas de fora da universidade sobre aquele assunto. Esse Multiponto, além da diversidade de ideias, também é diversidade de instituições que falam. Por exemplo, a Daiane está fazendo o dos índios. Tu pegas um tema, a universidade fala muito sobre um tema, mas também outras instituições, outros sujeitos são ouvidos para falar sobre aquilo.

5. O Multiponto não necessariamente contempla um projeto de pesquisa?

Fernando: ele pode tratar de um assunto que é importante naquele momento, ou que é importante, não só naquele momento, que rende muitas discussões, mas que não pega um projeto de pesquisa, ele pega professores que trabalham com isso, que tem projetos de extensão sobre isso, que conhecem essa realidade. Se tem um projeto de pesquisa, melhor ainda, ele também é pesquisado e ouvido.

Paulo: invariavelmente tu vais encontrar dentro da Universidade alguém que está trabalhando com alguma parte. Não tem como escapar. A universidade abarca todas as áreas do conhecimento e essa é uma das características dela. Então tu vais encontrar algum grupo de pesquisa trabalhando sobre aquele tema.

6. Como foi o crescimento em termos de prática de produção do Multiponto?

Fernando: a periodicidade de produção aumentou em relação ao primeiro, mas não dá pra dizer que ele é produzido uma vez por mês. Ele leva um pouco mais de tempo, então a cada dois meses.

Paulo: Em determinados momentos surgiram situações de envolvimento com outros laboratórios e a participação de outros laboratórios na pesquisa dos programas. Teve uma série sobre 1968, que na estrutura dos programas a gente pensou em tres programas: a realidade de 68 no Brasil, na América Latina e mundo; e fazer essas visões de pegar o que estava acontecendo no Brasil, América Latina e no mundo nesse determinado momento. Veio um pessoal da História ajudar. Isso foi muito interessante, porque eles contribuíram com o olhar deles, de investigadores da História, com o seu critério de busca da informação e sua pesquisa e com uma metodologia da História e adaptar esse material à linguagem audiovisual. Então ficou muito rico, interessante.

Fernando: nessa linha dos exemplo, para mostrar um pouco essa flexibilidade de como nascem as discussões das pautas. Teve esse caso que 68 caiu justamente em 2008, dos 40 anos do movimento todo e teve essa relação com a História. Então ele é um programa que tem essa flexibilidade de se adaptar ao momento da Universidade. Ou ao momento histórico. Há situações em que a Universidade está sediando um encontro, algum evento de nível nacional, por exemplo. Teve um encontro de uma semana para discutir políticas para fome, entre outros assuntos. Então a gente pensou: vamos fazer um programa sobre fome, que é um dos problemas do Brasil e da América Latina.

Paulo: e era uma das pautas do momento.

Fernando: era uma discussão do momento. E havia quem defendesse que não se tinha mais fome no Brasil, que acabou-se a fome no Brasil e outros diziam: mas ainda tem fome sim. Foi tão rico que deu dois programas sobre esse assunto. Ouvimos muita gente da Universidade, teve gente do governo falando, do CEPAL, da Argentina, da Colombia, porque eles estavam aqui. Então a Universidade está trazendo para cá durante uma semana cabeças pensantes de vários lugares do mundo. Então como a gente pode aproveitar esse pessoal que está aqui para se fazer uma discussão bacana. O Multiponto se adapta a essa agenda da Universidade. Ele tem uma estrutura um pouco mais fixa, mas a forma como surgem as ideias para construí-lo, as pautas, ela depende um pouco dessa dinâmica da Universidade.

6. Pensando o Multiponto inserido na UFRGSTV, ele se difere do que era feito no início?

Paulo: Os primeiros programas da TV funcionavam com um foco em divulgar o ensino, a pesquisa e extensão da Universidad em e mostrar a Universidade, que é o Conhecendo a UFRGS. A linha editorial era essa, de divulgação do ensino, da pesquisa e extensão. A estrutura de roteiro era baseada nas entrevistas dos coordenadores, dos pesquisadores, dos professores, dos técnicos, enfim, das pessoas que realizavam essas ações e essas entrevistas eram costuradas. Elas serviam de linha narrativa para o programa. O roteiro se construía a partir da decupagem desse material. Essa foi a primeira forma de produção dos programas da TV. Depois também havia uma Agenda, que tentava reproduzir os eventos que aconteciam dentro da Universidade, mas por questões técnicas mesmo, a gente não conseguiu manter esse programa e adaptamos essa agenda para um programa mais dinâmico e mais de serviço, com menos ilustração e mais informação de

serviço. Começamos a investir muito no material de documentação cultural. Música, arte, teatro. Teve um apoio grande do pessoal da Antropologia que tem um núcleo de produção audiovisual e de documentário etnográfico. Do Instituto de Artes Visuais, que tem a produção de vídeoarte. E a gente começou a estruturar a nossa grade de programação. No início eram apenas três dias da semana, com a reprise no sábado, com meia hora de duração. Com o tempo a gente conseguiu ir ampliando isso, surgindo outros programas, como o Física na Cultura, o Pesquisa em Pauta, que são programas baseados, no caso do Pesquisa em Pauta, numa estrutura de entrevista. Aproveitamos um dos eventos da Universidade, que é o Salão de Iniciação Científica e entrevista essas pessoas que coordenam os projetos de iniciação, voltados para fomentar a iniciação científica e eles falam sobre esses projetos, sobre o que está sendo realizado, sobre suas produções. Isso depois é transformado num programa, mas aí tem a estrutura de entrevista, também muito rico em ilustração e tal. Da mesma forma, o Física na Cultura, que é uma palestra realizada com um professor da Física na Livraria Cultura. Essa palestra que é baseada num powerpoint do professor, é transformada num programa. Ela condensada num programa, que apresenta um determinado tema, com relação ao cotidiano das pessoas. Depois teria o Em Sintonia Com, que é específico sobre determinada pessoa, ou personalidade da Universidade, durante o qual ela relata sua experiência de vida e sua experiência profissional e que também serve como base pra muito material de ilustração, porque são trajetórias dentro da sociedade gaúcha ou brasileira. São pessoas que tem atuações profissionais relevantes dentro da nossa história acadêmica, cultural. Tem o Unimúsica, que é um dos projetos mais antigos da área cultural da Universidade que é aberto à população e onde tem um profusão cultural enorme e uma tradição de relevar talentos musicais. E é um programa muito interessante, porque a gente estrutura também com entrevista dos músicos comentando o seu material, o seu trabalho. Intercalado às entrevistas são apresentadas as músicas. Tem o Especial Estúdio Clio, que é mais voltado à música clássica, erudita, com uma sofisticação. Os executores desses projetos também comentam e é uma forma de divulgação desse conteúdo mais sofisticado. Desde 2007 a gente integra a REDE IFES, que é uma rede de Instituições Federais de Ensino Superior, que trocam seus programas entre si. Desde 2007 nós veiculamos um programa da Universidade Federal do Paraná, que também tem uma estrutura de documentário, que é o Scientia. Do ano passado pra cá a gente começou a usar de Minas Gerais, Santa Maria, Uberlândia, Goiânia e eles passaram a usar os nossos programas na sua grade. Semanalmente tem um programa nosso na grade deles.

Fernando: o programa que eles mais gostam é o Multiponto. Por enquanto disponibilizando o Multiponto e o Unimúsica. O que eles pedem e gostam e que inclusive é citado nas reuniões, como um programa muito bom é o Multiponto.

Paulo: E a estrutura básica dos programas da TV é documentário, porque nós não temos estúdio. A TV não tem um estúdio onde se possa fazer bancada, entrevista e tal. Toda entrevista que temos que fazer é em campo. Nós temos que adaptar um local e fazer a entrevista. O próprio Pesquisa em Pauta, as entrevistas são feitas no meio da exposição do Salão de Iniciação Científica. E o cenário é o Salão. Essa falta de estúdio, de controle das variáveis ambientais para realizar um programa com mais cuidados e sofisticação técnica, nós abrimos mão e produzimos material em campo. E esse "produzir material em campo" que deu essa característica de sofisticarmos a quantidade de material de insert, ou de material de ilustração. São imagens do que está acontecendo na Universidade.

Fernando: a "não estrutura" gera uma outra estrutura, um outro modelo.

Paulo: é um modelo não convencional, não tradicional.

7. E isso é um ganho?

Paulo: a gente considera que sim, porque enriquece muito visualmente o nosso material.

8. E em relação à equipe UFRGSTV, foi pensado desde o início a prática com alunos?

Paulo: na origem da TV tem uma proposta de ensino e aprendizagem que está bem definida: possibilitar o exercício prático. Então a TV deve funcionar como um laboratório de prática profissional. Aquilo o que os alunos tem acesso teórico na Faculdade de Comunicação, eles podem exercitar praticamente na TV. Eles são preparados tecnicamente para operar os equipamentos e não depender de um técnico. Eles são preparados tecnicamente por responder tecnicamente por essas soluções. Até que profissionalmente depois, eles tenham condições de dimensionar as suas necessidades profissionais, ou seja, de preparar uma estrutura que de conta de atender a uma demanda de produção audiovisual. Ou de impresso, fonográfico. Dentro da produção audiovisual tu tens tanto a redação de um texto como a produção de áudio além da edição das imagens. Abrange todas essas áreas. Não aprofunda tanto o texto, o áudio também tem uma simplificação, mas é feito esse exercício. O texto da TV é diferente do do rádio, sim. Ele dialoga mais com a imagem, ele complementa a imagem. O aluno que assume essa característica de produtor dentro da TV, ele tem essa experimentação, ele tem essa possibilidade de exercitar isso. E aí que está o desafio, que a gente propõe pra eles essa responsabilidade: aqui ele é um produtor, um câmera, um editor, um repórter. Ele está respondendo pela Instituição. Ele tem essa missão. No momento em que ele entra aqui, ele está recebendo uma quantidade de conhecimento que ele normalmente só teria no mercado de trabalho, na prática profissional. Então aqui ele está tendo essa possibilidade de conhecer ferramentas de processar esse material, como captar esse material, como deixar esse material com qualidade de exibição e como dimensionar suas necessidades. A gente procura capacitá-los para isso, nivelar o grupo para eles terem essas noções básicas e irem construindo esse conhecimento. E a gente aprende muito com isso, porque os processos evoluem. Muitas vezes eles chegam trazendo conhecimentos tecnológicos que a gente não conhece ainda, ou soluções tecnológicas que a gente vê que pode adaptar para nossa rotina.

9. Como acontece essa capacitação?

Paulo: são realizadas oficinas semestralmente. Ela tem um momento teórico muito básico e muita prática. A gente vai dando os referenciais teóricos, que a faculdade fortalece e na faculdade ele pode aprofundar mais ainda e independente da TV e da faculdade ele pode também buscar outras referências. Pelo menos ele aprende a buscar essas referências. A gente estimula isso.

O programa Agenda foi feita uma experiência de tentar usar o ambiente físico que nós tínhamos, como estúdio improvisado e demandava um esforço de produção muito grande. A gente tinha pouco tempo para finalizar um programa que tinha que

ser factual – tinha data marcada para terminar. Era um esforço muito grande, para pouco tempo de veiculação, não valia a pena. Foi um exercício que se experimentou, mas se viu que não funcionava. A partir dali ficou certo para nós que entrar nessa linha editorial do factual não nos interessava, porque não nos interessa ter um produto que vai ser para "embrulhar o peixe", um produto que amanhã não vai mais valer, com data marcada para expirar, que veicula só uma vez. O nosso produto é feito para ser repetido, para ser reprisado, que é na continuidade de inserção dele que a gente vai alcançar nossas audiências, que é uma das propriedades da TV a Cabo. Nosso produto feito para a TV a cabo e para ser reprisado. Ele tem vida longa, é um registro histórico, que fica no tempo, ele não perde a atualidade.

Fernando: ele tem valor pelo conteúdo perene. É um conteúdo que daqui a um ano tu podes assistir de novo

ANEXO D - TABELA

PROGRAMAS	Multiponto Pré-Sal	Multiponto Impactos Ambientais	Multiponto 1968 Mundo	Multiponto 1968 América	Multiponto Darwinismo
CATEGORIAS					
Universalidade	99 unidades de registro que envolvem temáticas diferentes	92 unidades de registro que envolvem temáticas diferentes	46 unidades de registro que envolvem temáticas diferentes	60 unidades de registro que envolvem temáticas diferentes	94 unidades de registro que envolvem temáticas diferentes
Função Pedagógica- social					
1. Clareza do Texto	162 unidades de registro	170 unidades de registro	78 unidades de registro	72 unidades de registro	134 unidades de registro
2. Uso de recursos visuais	22 unidades de registro	18 unidades de registro	15 unidades de registro	23 unidades de registro	25 unidades de registro

